

CARMEN LÚCIA SOARES

**O pensamento médico higienista e a
Educação Física no Brasil: 1850-1930**



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

1990

CARMEN LÚCIA SOARES

**O pensamento médico higienista e a
Educação Física no Brasil: 1850-1930**



Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de mestre em Educação, Área de Concentração Filosofia da Educação, sob a orientação da professora Dra. Ediógenes Aragão.

São Paulo/1990

Comissão Julgadora

AGRADECIMENTOS

- A cuidadosa orientação de Ediógenes no desenvolvimento desta pesquisa;
- á Magdalena e Lourival, meus pais, por terem desenvolvido em mim o gosto pelos livros, mesmo deles tendo sido afastados muito cedo;
- á Naura, Acácia, Dativa e Jussara pela "força" para que eu ingressasse no Mestrado;
- á Ieda pela atenciosa revisão das notas e bibliografia;
- á Sônia, pela carinhosa revisão final do texto;
- á Regina, pelo paciente e cansativo trabalho de digitação desta Dissertação;
- á todos aqueles que, de alguma forma, caminharam comigo nestes últimos cinco anos e em especial ao Lino, Valter, Medina, Gastão, Emerson, Teixeira, Sandra, Celi e Rossana.

RESUMO

Esta pesquisa, elaborada a partir de uma abordagem histórica abrangendo o período de 1850-1930, analisa a influência do pensamento médico higienista na Educação Física no Brasil, uma influência que não se fez exclusivamente sobre ela, mas sobre toda a sociedade brasileira numa época de grandes transformações.

Fruto da biologização e naturalização que dirige a construção desta nova sociedade em transformação, a Educação Física foi utilizada pelos médicos higienistas como instrumento de aprimoramento da saúde física e moral, acoplada aos ideais eugênicos de regeneração e purificação da raça. Ela se fez protagonista de um corpo saudável, robusto, disciplinado, e de uma sociedade aséptica, limpa, ordenada e moralizada, enquadrada, enfim aos padrões higiênicos de conteúdo burguês. Podia ser a "receita" e o "remédio" para a cura de todos os males que afligiam a caótica sociedade brasileira capitalista em formação. As fontes consultadas - atas de reuniões científicas, conferências, relatórios de pesquisa, conclusões de congressos, moções votadas em congressos - revelam a vontade dos médicos de trazer para si a responsabilidade de pensar e "solucionar" os problemas não apenas da Educação Física, mas da educação em geral e da sociedade em seu conjunto.

S U M Á R I O

Pag.

- APRESENTAÇÃO.	01
- DA FORMULAÇÃO DO PROBLEMA AOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.	06
- CAPÍTULO I - AS BASES POLÍTICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA.	17
1. A ciência e a construção do homem novo necessário ao capital: Homem produtivo/ Homem biológico.	18
2. Da saúde do "corpo biológico" à saúde do "corpo social": o pensamento médico higienista e a definição dos hábitos da família moderna.	45
- CAPÍTULO II - EM NOME DA SAÚDE DO CORPO SOCIAL.	66
1. Instituição Escolar e Educação Física: "contribuição" para manutenção e prevenção da SAÚDE DO CORPO SOCIAL.	67
2. O Espaço da Educação Física na Educação. . .	91

3. As escolas de ginástica: saúde, disciplina e civismo.	101
--	-----

- CAPÍTULO III - A EDUCAÇÃO FÍSICA NO
BRASIL: SAÚDE, HIGIENE,
RAÇA E MORAL. 131

1. Construindo um Brasil novo: a Educação Física como instrumento da ordem.	132
2. A Educação Física na educação das elites: um distintivo de classe.	149
3. A educação das elites, a educação do povo e o papel da Educação Física.	157
4. Em busca da educação e da saúde do povo...os "olhares" se voltam para a Educação Física.	167
5. Pensamento médico higienista e Educação Física na Primeira República: o reforço "científico" a um instrumento da ordem. ...	179
6. Educação Física e Eugenia: algumas idéias de Fernando de Azevedo.	216

- CONSIDERAÇÕES FINAIS. 239

- BIBLIOGRAFIA. 243

A P R E S E N T A Ç Ã O

Uma apresentação, embora seja o início, é também um fim. É um início para o leitor e é um fim para o pesquisador. Para quem lê, é a primeira passagem para um universo ainda não conhecido. Para quem escreve, é a tentativa derradeira de colocar no papel, já com certa distância, um universo "conhecido", os caminhos percorridos, as opções feitas... o porquê da realização do trabalho que ora se apresenta.

Em nosso caso, o caminho percorrido passa, necessariamente, pelos nove anos de trabalho como professora de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, desde o final da década de 70.

Este registro torna-se necessário, uma vez que, muitas das colocações que inicialmente seguem, são fruto daquela prática profissional e, fundamentalmente, das reflexões empreendidas, sobre a mesma. Foram elas que nos permitiram, identificar alguns problemas em relação à Educação Física escolar.

O problema que nos preocupava, de modo mais imediato, era relativo à legislação da Educação Física, em especial, o Decreto 69450/71, que expressa uma concepção biologicista de Educação Física escolar. Esta concepção, no nosso ponto de vista, era limitada para o entendimento da necessidade de tal componente

curricular no universo escolar. Ora, se a Educação Física trabalha com o movimento corporal humano, este movimento, por ser humano, não é exclusivamente biológico, mas também histórico e social como o próprio homem que o realiza. (1)

Na legislação aqui destacada, a aptidão física constitui-se em referência para o planejamento, controle e avaliação da Educação Física escolar, sendo que o seu objetivo é desenvolvê-la. (2)

Com objetivos pautados no desenvolvimento da aptidão física, surgiam então outras necessidades para o desenvolvimento da Educação Física no espaço escolar. Por exemplo, a separação das turmas por sexo, o que, no limite, contribuía para o reforço à estereotipação dos papéis reservados respectivamente ao homem e a mulher na sociedade(3), além é claro, da exigência de exames médicos periódicos para "habilitar" o aluno a frequentar as aulas de Educação Física. (4)

-
1. Esta temática vem sendo aprofundada pelo filósofo português Manoel SERGIO, que advoga a tese da existência da ciência da motricidade humana, estudo publicado sob o título: "Para uma epistemologia da motricidade humana: prolegómenos a uma nova ciência do homem".
 2. Decreto 69.450/71, parágrafo 10. do art. 30., "da caracterização dos objetivos".
 3. Incursões acerca desta temática foram feitas por Lino CASTELLANI FILHO, no artigo intitulado "A (des)caracterização profissional filosófica da Educação Física, publicado em 1983, na Revista Brasileira de Ciências do Esporte(RBCBCE).
 4. Decreto 69.450/71, art.12. Para uma leitura mais crítica sobre o assunto consultar G.Z. de LIMA & B.TURINI, Exame médico periódico para educação física: vale a pena?; C.L. SOARES, Educação Física escolar: questão médica ou pedagógica?

Aptidão física, exames médicos, turmas do mesmo sexo para as aulas de Educação Física. Todos esses elementos constitutivos da legislação ainda vigente, e aqui destacados, nos pareciam um reflexo desfocado de nossa formação profissional, marcadamente biologizada e medicalizada, reforçada pela excessiva carga horária de disciplinas que tratavam o corpo enquanto entidade exclusivamente biológica, além da constatação do grande número de médicos como professores e diretores dos cursos de Educação Física em nível superior.

A percepção dessa excessiva marca médica e biologizante nos conduziu a Congressos, Simpósios, Seminários, locais onde pudemos então constatar que também a produção científica da Educação Física era, basicamente, determinada por pesquisas que abordavam o movimento corporal humano apenas nos seus aspectos biológicos, e concebiam a Educação Física como sinônimo de saúde física, estabelecendo entre ambas uma relação de causa e efeito.

Esta constatação porém, já levava pesquisadores da área a formularem críticas que, embora tímidas, foram fundamentais para demonstrar a necessidade de se ampliar o campo de pesquisas da Educação Física e, desse modo, fundamentar o seu entendimento enquanto prática social, imprimindo-lhe, assim, uma nova feição.

O estudo por nós realizado situa-se, portanto, nesta perspectiva e sua organização foi estruturada em três capi-

tulos que, a partir de uma abordagem histórica abrangendo o período de 1850-1930, resumidamente assim se apresentam: no primeiro capítulo nos detemos no exame do papel que teve a ciência positivista na construção de uma visão naturalizada e biologizada do Homem e da sociedade. Detemo-nos ainda na análise da influência daquela ciência nas disciplinas que trabalham com o corpo tais como a medicina e a Educação Física.

O segundo capítulo situa, a partir desta visão naturalizada e biologizada do Homem e da sociedade, o renascimento da Educação Física que ocorre na Europa no decorrer da primeira metade do século XIX, a partir dos pressupostos básicos sobre a educação plena do Homem universal, elaborados pelos pensadores liberais clássicos. Este capítulo situa, também, a instituição escolar enquanto espaço homogeneizador das mentes e dos corpos, e o papel que reserva à Educação Física enquanto expressão concreta de uma sociedade naturalizada e biologizada.

O terceiro e último capítulo discute a influência do pensamento médico higienista na Educação Física no âmbito do Brasil. Além disso, tentou-se evidenciar, a partir do discurso presente nos documentos e obras analisados, a concepção biologizada e naturalizada de Educação Física. Tal visão renasce no mundo europeu, no início do século XIX, e passa a integrar o projeto burguês de civilidade idealizado para o Brasil, tornando-se, portanto, mais um elemento constitutivo da nova ordem em construção. Este capítulo evidencia, ainda, a defesa que faziam os médicos

higienistas, em plena identidade de discurso e prática junto aos pedagogos e estadistas, de uma Educação Física como sinônimo de saúde física, acoplada aos ideais do eugenismo.

Em nossas considerações finais, procuramos chamar a atenção para a "atuação" da Educação Física idealizada e realizada pelos médicos higienistas, na consecução do projeto burguês de civilidade idealizado para o Brasil.

DA FORMULAÇÃO DO PROBLEMA AOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O início dos anos 80 é marcado já pelo aparecimento de resultados de pesquisas na área da Educação Física que, embora não se voltassem exclusivamente sobre a biologização, tematizavam esta problemática, a partir de uma certa identificação com estas concepções ou tendências. Registramos aqui o ensaio "A Educação Física cuida do corpo... e mente", de João Paulo Subirá Medina, publicado em 1983, no qual o autor, a partir de seus estudos filosóficos, históricos e sociológicos, esboça uma crítica a Educação Física brasileira. Nela, o autor identifica a concepção hegemônica presente na área, e por ele denominada de "convencional", enquanto fruto da influência do pensamento médico e das ciências biológicas.

Nesse mesmo período, início dos anos 80, são introduzidos, no Brasil, os trabalhos e pesquisas realizados na Europa desde o final dos anos 60, os quais procuram refletir a Educação Física a partir de um outro referencial teórico, no qual as ciências humanas passam a ser consideradas e as ciências biológicas perdem a sua hegemonia. Destacamos aqui o trabalho do francês Jacques Rouyer, "Pesquisas sobre o significado humano do desporto e dos tempos livres e problemas da história da Educação Física, parte de uma coletânea publicada sob o título "Desporto e desenvolvimento humano", e as obras do português Manoel Sergio, Desporto e democracia e Desporto como prática filosófica, obra

ampliada pelo autor e republicada sob o título, A prática e a Educação Física.

O acesso a estes estudos coincidiu com nossa permanência, à frente da Coordenação de Educação Física, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná no espaço de dois anos. Neste período, pudemos então promover debates, seminários e encontros, visando aprofundar a discussão da Educação Física, a partir de um referencial teórico mais amplo, no qual as ciências humanas também se faziam presentes.

Ao nível nacional, o debate na área também se intensifica e começam a surgir trabalhos mais específicos acerca das concepções na Educação Física, nas quais a biologização, enquanto tendência identificada como hegemônica, passa a ser tratada com maior rigor. Registramos aqui o trabalho de Lino Castellani Filho - "Tendências na Educação Física no Brasil"- apresentado em 1985, durante a realização de 37ª. Reunião Anual da SBPC em Belo Horizonte, e de Valter Bracht - "A criança que joga respeita as regras do jogo...capitalista"-, publicado na Revista Brasileira do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. (1)

1. No desenvolvimento de nossa pesquisa, já em 1988, deparamo-nos com o livro, Educação Física Progressista - a pedagogia crítico social dos conteúdos e a educação física brasileira, de Paulo GUIRALDELLI JR, onde encontramos uma outra classificação sobre "tendências" na Educação Física no Brasil.

Vale ressaltar que os trabalhos aqui citados, embora fossem significativos para a reflexão da Educação Física no que tange à ênfase à biologização, não tinham esta como objeto principal de análise. Por esses motivos, acreditávamos que um estudo desta natureza seria importante para a área.

O ano de 1985 foi então determinante para nossas reflexões, não apenas pelo aparecimento dos estudos que tematizavam - ainda que tangencialmente - a problemática da biologização, mas, especialmente, porque, naquele ano, ingressamos no Programa de Pós Graduação em Educação-Filosofia da Educação da PUC/SP.

A partir de estudos mais sistematizados, realizados através de cursos e de inúmeras leituras e discussões, pudemos, então, situar com maior rigor a questão da biologização da Educação Física. Isto nos foi possível a partir da compreensão daquela problemática como algo que dizia respeito não exclusivamente à Educação Física, mas sim à totalidade social. A Educação Física, nesta perspectiva, deveria então ser apreendida enquanto expressão concreta de toda uma visão de mundo naturalizada e biologizada construída desde o final do século XVIII e, sobretudo, ao longo do século XIX, a partir dos pressupostos básicos fornecidos pela ciência positivista.

No processo de construção desta visão naturalizada e biologizada de Homem e de mundo, na qual a Educação Física pode ser apreendida como uma de suas expressões concretas, o pensamen-

to médico higienista representou um papel determinante. No caso da Educação Física, identificamos esta determinação, num primeiro momento, em obras amplamente difundidas ao nível nacional, como aquelas sobre História da Educação Física, escritas por Inezil Penna Marinho (2), que, embora façam da história simples relato de fatos e heróis, apresentam-se como resultado de minuciosa pesquisa.

Outra obra que, embora pouco difundida na área, permite-nos apreender a influência do pensamento médico higienista na Educação Física é o clássico "Da Educação Física", de Fernando Azevedo. Nesta obra, as ciências biológicas são a sua referência básica, além disso, evidencia-se a necessidade da presença do médico na escola e a relação exercício físico e saúde como causa e efeito. Seguindo então a perspectiva de Fernando de Azevedo, fomos com ele buscar as origens da visão "medicalizada", "moderna" e "científica" da Educação Física, o que nada mais era do que buscar as origens... as bases políticas, econômicas e sociais da Educação Física biologizada que tanto desejávamos entender.

Neste sentido, a leitura da Dissertação de Mestrado de Lino Castellani Filho, publicada em 1988, sob o título - Educação Física no Brasil: a história que não se conta -, completou

2. São elas: História da educação física e dos desportos no Brasil; História da educação física no Brasil; História geral da educação física.

o quadro que vínhamos construindo e, de certa maneira, foi decisiva para nossa pesquisa. Nesta obra, o autor se propõe a reescrever a história da Educação Física, destacando o pensamento e a ação dos médicos higienistas na definição dos caminhos da Educação Física que, segundo suas palavras, têm

"...suas origens marcadas pela influência das instituições militares - contaminadas pelos princípios positivistas e uma das que chamou para si a responsabilidade pelo estabelecimento e manutenção da ordem social, quesito básico à obtenção do almejado progresso - a Educação Física no Brasil, desde o século XIX, foi entendida como um elemento de extrema importância para o forjar daquele indivíduo "forte", "saudável", indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país que, saindo de sua condição de colônia portuguesa, no início da segunda década daquele século, buscava construir seu próprio modo de vida. Contudo, esse entendimento, que levou por associar a Educação Física à Educação do Físico, à Saúde Corporal, não se deve exclusivamente e nem tampouco prioritariamente aos militares. A eles, nessa compreensão, juntavam-se os médicos que, mediante uma ação calcada nos princípios da medicina social de índole higiênica, imbuíram-se da tarefa de ditar à sociedade, através da instituição familiar, os fundamentos próprios ao processo de reorganização daquela célula social. Ao assim procederem, ao tempo em que denunciavam os malefícios da estrutura familiar do período colonial, auto proclamavam-se a mais competente das categorias profissionais para redefinir os padrões de conduta física, moral e intelectual da nova família brasileira".(3)

Partindo, então, da constatação da hegemonia do pensamento médico higienista na construção da visão biologizada da Educação Física, esta pesquisa teve seu início.

3. L. CASTELLANI FILHO, Educação Física no Brasil: a história que não se conta, p.38-9.

As obras até então consultadas nos permitiam afirmar que, desde o século XIX, o pensamento médico higienista definiu o caminho da Educação Física, delineou o seu espaço e delimitou o seu campo de conhecimento, tornando-a um valioso instrumento de ação e de intervenção na realidade educacional e social. Era, portanto, necessário entender como tal pensamento, tão determinante na definição da Educação Física, desenvolveu-se. A partir de que ramo da medicina se estruturou? Quais as suas articulações com a realidade? Em que contexto surgiu e se desenvolveu?

Nossa pesquisa, delimitada entre 1850-1930, pretende analisar a influência do pensamento médico higienista na Educação Física, uma influência que não se fez exclusivamente sobre ela, mas sobre toda a sociedade brasileira, numa época de grandes transformações. Época de transição do modo de produção baseado no trabalho escravo para o trabalho assalariado; da abolição de escravos; do estímulo à imigração estrangeira; da constatação por parte das elites da necessidade de educação e saúde da população; da afirmação das idéias de ordem e progresso.

O período definido - 1850-1930 -, longo e repleto de transformações estruturais, não só na sociedade brasileira mas também no plano mundial, revelava-se como aquele que, de modo mais pleno, poderia confirmar nossa hipótese de base: os médicos higienistas desenvolvem um conjunto de práticas de intervenção na sociedade para, em nome da SAÚDE das populações e das cidades, manter a ordem burguesa e, a Educação Física ocupa, neste conjunto

de práticas intervencionistas, um espaço importante.

Os elementos que nos permitiram formular esta hipótese de base foram encontrados em autores de obras que se detiveram no estudo da história de instituições médicas, e do próprio pensamento médico não só no Brasil, mas também na Europa, berço de toda a moralidade sanitária que é difundida mundialmente, a partir do mundo "civilizado". (4).

Tendo definido o quadro referencial de leituras para o entendimento da gênese do pensamento médico higienista, procuramos, então, voltar-nos para autores que destacassem a importância da Educação Física para a manutenção da saúde física, e que revelassem, em seus escritos, um forte viés médico higienista, quer seja para afirmá-lo como importante, tal como o fizeram Fernando de Azevedo e Inezil P. Marinho, quer seja para criticá-lo e superá-lo como fez L. Castellani Filho.

-
4. M.T.LUZ, Ordem médica e política brasileira e Natural, racional, social; G.ROSEN, Da polícia médica à medicina social; M.C.F.DONANGELLO, Saúde e Sociedade; E.E.MEHRY, O Capitalismo e a saúde pública; M.D.NOVAES, A Puericultura em questão; G.Z. de LIMA, Saúde escolar e educação; J.F.COSTA, Ordem médica e norma familiar; P.SINGER, O. CAMPOS e E.M.OLIVEIRA, Prevenir e curar; J.DONZELOT, A Polícia das famílias. Como pano de fundo ao entendimento dado pelas obras aqui registradas, destacamos G.CHNGUILHEM, O Normal e o patológico; I.ILICH, A Expropriação da saúde e L.BOLTANSKI, As Classes sociais e o corpo. Decisivo também para construir nosso objeto foi M.FOUCAULT com Microfísica do poder; Vigiar e punir e o Nascimento da clínica, obras básicas para o entendimento do poder que se revestem as práticas sociais que "cuidam" do corpo e os profissionais por ele responsáveis, tais como os médicos e os seus tutelados, os professores de Educação Física, ou para utilizar uma linguagem do séc.XIX, os professores de ginástica.

A leitura dos Pareceres sobre a Reforma de Ensino, proposta pelo Ministro do Império, Leôncio de Carvalho, em 1882, elaborados por Rui Barbosa, merece ser destacada, uma vez que Rui Barbosa naqueles "pareceres", atribui destaque e importância ímpar à Educação Física na educação plena do homem, explicitando acentuado viés médico higienista em sua concepção de Educação Física.

Restava-nos, então, determo-nos, após a leitura do conjunto de obras ao qual fizemos referência, na análise do discurso médico higienista sobre Educação Física contido nos anais de congressos de Medicina e de Higiene, em boletins de Eugenia e ainda em obras escritas por médicos, nas quais o tema Educação Física se fazia presente, tais como, A higiene na escola de B.V. MELLO e Por que sou eugenista de R.KEHL. (5)

As informações coletadas através dos anais nos permitiram estabelecer um amplo quadro de análise, porém, a sua utilização no corpo do trabalho passou por uma seleção, especialmente no que se refere às fontes primárias. Em relação a elas, procuramos trabalhar apenas com aquelas que fossem a expressão das transformações do pensamento médico higienista e sua influência na Educação Física. Por outro lado, era importante que tais documentos nos permitissem apreender de que modo se deu a inserção, quer seja de idéias, quer seja dos sujeitos delas porta vozes,

5. As fontes aqui levantadas foram encontradas na Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - USP.

no Estado brasileiro. Julgamos tais critérios capazes de nos conduzir ao encontro da verdade histórica.

Valendo-nos, portanto, dos critérios apontados, optamos, então, por trabalhar com os "Annaes" dos cinco Congressos Brasileiros de Higiene, realizados ao longo da década de 20 deste século, e promovidos pela Sociedade Brasileira de Higiene, uma instituição da sociedade civil que mantinha fortes laços com os aparelhos de Estado. (6)

O conteúdo que se depreende destes documentos nos permite afirmar serem eles representativos do pensamento médico higienista da década, além de expressarem toda a moralidade sanitária que vem sendo construída pelos médicos higienistas, e apoiada pelo Estado brasileiro, desde os tempos coloniais.

Foram também examinadas as "Actas e Trabalhos" do primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado no Rio de Janeiro, no ano de 1929. Este material mereceu nossa atenção, uma vez que o eugenismo, além de ser uma das expressões mais radicais que assume o pensamento médico higienista, concedeu espaço considerável à Educação Física, e teve grande repercussão no pensamento pedagógico brasileiro.

6. Utilizamos aqui o sentido desenvolvido por Luis ALTHUSSER, em especial em seu livro Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado.

No Congresso de Eugenia a que nos referimos, a Educação Física foi concebida como importante fator eugênico, tendo sido contemplada nos trabalhos apresentados. Outro aspecto que merece ser destacado do referido Congresso, diz respeito às personalidades do mundo científico que lá se fizeram presentes, entre eles o educador Fernando de Azevedo.(7)

As fontes consultadas - atas de reuniões científicas, conferências, relatórios de pesquisa, conclusões de Congressos, moções votadas em congressos - revelam a vontade dos médicos de trazer para si a responsabilidade de pensar e "solucionar" os problemas não apenas da Educação Física, mas da Educação em geral. O discurso normativo, disciplinador e moral, que se depreende dos documentos analisados, ousou ser, e em muitos momentos foi, o discurso do Estado oligárquico brasileiro, ao longo do período por nós delimitado.

O conjunto dos dados levantados nos permitiu, também, afirmar que foi a categoria médica, imbuída dos pressupostos teóricos fornecidos pela ciência positivista e pela ideologia liberal, a responsável direta pela ampla aceitação da Educação Fí-

7. Fernando de Azevedo (1894-1974), é autor de vasta obra sobre a educação brasileira onde se incluem textos clássicos sobre a Educação Física, como aquele publicado pela primeira vez em 1920 intitulado: "Da Educação Física: o que ella é; o que tem sido; o que deveria ser". Dados sobre a vida de Fernando de Azevedo podem ser encontrados na pesquisa que está sendo desenvolvida por Elizabeth Silveira Pompeu de CAMARGO, As raízes sociais de Fernando de Azevedo, FE/UNICAMP. Mimeo, 1990.

sica na sociedade brasileira em geral e, particularmente, pelos educadores brasileiros. Estes gozavam de grande prestígio, nesta época, o que pode ser constatado pela leitura de textos sobre Educação Física, escritos por autores representativos do pensamento pedagógico brasileiro, tais como Rui Barbosa (8) e Fernando de Azevedo.

8. Rui Barbosa (1849-1923), jornalista, escritor, advogado, deputado provincial pela Bahia (1878) e deputado geral do Império (1880) é autor de vasta obra jurídica, literária e educacional. No campo educacional destacamos o seu "Parecer sobre a Reforma Leôncio de Carvalho, intitulado "Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública, onde a Educação Física recebe especial destaque. Dados sobre a vida de Rui Barbosa podem ser encontrados em Luis VIANA FILHO, A vida de Rui Barbosa; R. MAGALHÃES JR, Rui, o homem e o mito.



CAPÍTULO I

AS BASES POLÍTICAS, ECONÔMI- CAS E SOCIAIS DA EDUCAÇÃO FÍ- SICA

"Se é impossível viver sem fé esta não
poderá ser outra senão a fé na força da
ciência."

Metchnikoff In: Renato Kehl, "Por que
sou eugenista?", 1937, introdução.

1 - A CIÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DO HOMEM NOVO NECESSÁRIO AO CAPITAL:
HOMEM PRODUTIVO/HOMEM BIOLÓGICO.

O Século XIX é particularmente importante para o entendimento da Educação Física(1), uma vez que é neste século que se elaboram conceitos básicos sobre o corpo e sobre a sua utilização enquanto força de trabalho (2).

Na Europa, e em especial na França, este é o período no qual se consolidam o Estado burguês e a burguesia enquanto classe, criando condições objetivas para que as suas próprias contradições enquanto classe no poder apareçam, e seja inevitável o reconhecimento da existência de seu oponente histórico - a classe operária. Para manter a sua hegemonia, a burguesia necessita, então, investir na construção de um homem novo, um homem que possa suportar uma nova ordem política, econômica e social, um novo modo de reproduzir a vida sob novas bases. A construção desse homem novo, portanto, será integral, ela "cuidará" igualmente dos aspectos mentais, intelectuais, culturais e físicos.

-
1. Ao longo deste trabalho, o termo Educação Física escrito com letra maiúscula estará sendo utilizado quando nos referirmos às sistematizações científicas ocorridas em torno dos exercícios físicos, jogos e esportes. O termo "ginástica" que aparece em obras da época pode ser considerado como sinônimo de Educação Física, e em alguns momentos ele será por nós utilizado, assim como aparecerá com frequência em citações de diferentes autores.
 2. ... "Por força de trabalho ou capacidade de trabalho compreendemos o conjunto das faculdades físicas e mentais, existentes no corpo e na personalidade viva de um ser humano, as quais ele põe em ação toda a vez que produz valores-de-uso de qualquer espécie". Karl MARX, O Capital, V. I, p.187.

É nesta perspectiva que podemos entender a Educação Física, como a disciplina necessária a ser viabilizada em todas as instâncias, de todas as formas, em todos os espaços onde poderia ser efetivada a construção deste homem novo: no campo, na fábrica, na família, na escola. A Educação Física será a própria expressão física da sociedade do capital. Ela encarna e expressa os gestos automatizados, disciplinados e... se faz protagonista de um corpo "saudável"; torna-se receita e remédio ditada para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade, e, desse modo, passa a integrar o discurso médico, pedagógico... familiar.

Na consolidação dos ideais da Revolução Burguesa, a Educação Física se ocupará de um corpo a-histórico, indeterminado, um corpo anátomo-fisiológico, meticulosamente estudado e, cientificamente, explicado. Ela negará o funambulismo, os acróbatas, a especulação e buscará as explicações para o seu proceder na visão de ciência hegemônica na sociedade burguesa : a ciência positivista.

A mesma ciência que fornecerá respostas para as indagações que se coloca a burguesia no poder. A mesma ciência que constituir-se-á em canal para a veiculação da visão de mundo desta classe e que fornecerá as justificativas para o seu modo de ser e de viver.

A Educação Física integra, portanto, de modo orgânico, o nascimento e a construção da nova sociedade, onde os privilégios conquistados e a ordem estabelecida com a Revolução Burguesa não deveriam mais ser questionados. Estava sendo criada pelo homem, sujeito que conhece, uma sociedade calcada nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, uma sociedade onde haveria um mercado livre, uma venda livre da força de trabalho. Estava se consolidando o triunfo do capitalismo que ocorre sob a direção da burguesia a partir da dupla revolução (3), triunfo este que rompe e abole as relações feudais em toda a Europa Ocidental, e cria, com seu ideário, as condições objetivas para a construção desta nova sociedade regida pelas leis do capital, e pautada na ciência positivista.

Esta ciência, calcada nos princípios da observação, experimentação e comparação, é aquela que realizou ao longo do século XVII e XIX aquilo que poderíamos chamar de uma naturalização dos fatos sociais, criando um "social biologizado".

Nesse processo de (re)construção da sociedade, o homem, um ser que se humaniza pelas relações sociais que estabelece, passa a ocupar o centro de criação desta nova sociedade. Po-

3. ... "Não seria exagerado considerarmos esta dupla revolução - a francesa, bem mais política, e a industrial (inglesa) - não tanto como coisa que pertença a história dos dois países que foram seus principais suportes e símbolos, mas sim como a cratera gemea de um vulcão regional bem maior"... Eric J. HOBBS-BAWN, A Era das revoluções, p.18.

rém, passa a ser explicado e definido nos limites biológicos. É o homem biológico e não o homem antropológico o centro da nova sociedade. É o homem biológico que se torna o ponto de referência: tudo o que o envolve, tudo o que se altera, será entendido como domínio seu sobre o mundo. Não existem mais os milagres divinos para explicar o curso dos acontecimentos; existem leis próprias que o mundo físico e humano deve obedecer e que a ciência deve descobrir (4).

As descobertas científicas da época, se por um lado permitem ao homem construir novos instrumentos de trabalho e assim aumentar o seu domínio progressivo sobre a natureza, transformando-a para melhor dela usufruir, por outro lado, criam as condições para sedimentar a burguesia contra-revolucionária no poder.

Existe uma clara consciência de classe por parte da burguesia, ela tem a certeza que é dona de seu próprio destino e que são os homens aqueles que transformam a natureza e criam as leis da sociedade. As leis da sociedade, por outro lado, seriam descobertas pela ciência. É a razão absolutizada que determina todos os passos a serem dados para que seja possível atingir a "plena felicidade", e portanto

4. ... "Segundo o ponto de vista oficial, newtoniano, liberal, as Leis Naturais, que se haviam estendido do sistema solar até incluir todo o mundo da vida da sociedade, eram consideradas de aplicação universal e eterna. Tornava-se necessário descobrir o que eram essas leis e organizar de acordo com elas, de uma vez para sempre, a indústria, a agricultura, a sociedade". J.D. BERNAL, *Ciência na História*, V.3, p.553.

"...tudo o que era preciso - como em meados do século XVIII - era separar os conceitos da ciência das suas implicações sociais, criar uma idéia de ciência pura e, tornando-a de novo respeitável, permitir-lhe que florescesse e se tornasse realmente útil".(5)

De uma vez para sempre, tornava-se imperioso desatar todas as amarras que ainda existiam na sociedade, e que impediam aos capitalistas de aplicar as "regras férreas da economia" (6). Estando absolutamente livres e amparados por leis, seria de fato possível a um número maior de pessoas, atingir a "plena felicidade".

"...Nessa mesma época (primeiras décadas do séc. XIX), os homens acreditavam plenamente que as leis eternas da sociedade, como conjunto de indivíduos independentes contratando livremente entre si, tinham sido por fim revelados pela ciência".(7)

O desenvolvimento e a complexificação desta sociedade do contrato, das leis da economia, da exploração desenfreada do capital em relação ao trabalho, exigia novas formas de pensar a natureza, a sociedade e as relações dos homens entre si. Era necessário que houvesse explicações absolutamente irrefutáveis, portanto, científicas, sobre a nova sociedade e sobre as exigências de um homem novo ainda em construção.

5. J.D. BERNAL, Ciência na História, V.3, p.555.

6. J.D. BERNAL, refere-se aquelas regras da economia formuladas por Ricardo (1772-1823) e J.S. MILL (1806-1873), In: Ciência na História, V.3, p.555.

7. Ibid., p.555 (J.D. BERNAL, Ciência na História, V.3).

O pensamento social da época, através das disciplinas sociais (8), deveria preocupar-se com estas relações, e com o perfil deste homem novo necessário ao capital.

Nas disciplinas sociais que se estruturam ao longo do século XIX, predominará o pensamento naturalista do positivismo.

"...Este (pensamento) dará nascimento à disciplina que atribuirá como objeto de enunciados positivos (científicos), o próprio socius, isto é, a sociedade enquanto tal (e suas leis). Além de retomar a teorização do todo en masse, isto é, o coletivo, o positivismo influenciará profundamente o pensamento de disciplinas que teorizarão o indivíduo em seu corpo ou sua mente, como a medicina e a psiquiatria". (9)

O modelo de conhecimento adotado por esta corrente de pensamento que se baseia ainda na física, mas sobretudo na biologia e na história natural, é o modelo mecanicista (10), no qual a tríade formada pelo sujeito que conhece, o objeto do conhecimento e o conhecimento como produto do processo cognitivo, não possuem uma relação dinâmica.

8. Em seu livro *Natural, Racional, Social*, Madel T. LUZ discute o pensamento de vários autores que... "analisam o conteúdo moral e os efeitos políticos das teorias das disciplinas sociais..., seu papel de ordenação de relações sociais e de construção de sujeitos segundo uma ordem racional moralizante, disciplinária, ordem adequada à sociedade capitalista industrial em formação...". p.63.

9. Madel Terezinha LUZ. *Natural, racional, social*. p.74.

10. Sobre o assunto consultar Henri LEFEBVRE, *Lógica formal. Lógica dialética*; Adam SCHAFF, *História e verdade*.

Adam Schaff afirma que segundo esta concepção

"...o objeto do conhecimento atua sobre o aparelho perceptivo do sujeito que é um agente passivo, contemplativo e receptivo; o produto deste processo - o conhecimento - é o reflexo, a cópia do objeto, reflexo cuja gênese está em relação com a ação mecânica do objeto sobre o sujeito. É por isto que este modelo do conhecimento é qualificado de mecanicista. (Nele) as diferenças percebidas pelos diferentes sujeitos que conhecem reduzem-se às diferenças individuais ou genéricas do aparelho perceptivo".(11)

Este modelo de conhecimento, que serve de base para a ciência positivista, é de natureza individualista. Nele o indivíduo - sujeito que conhece - aparece como que isolado da sociedade e alheio a sua ação, ou, em outras palavras, aparece como um ser independente da cultura, podendo deste modo, conforme observa A.Schaff, ser

"...reconduzido à sua existência biológica que determina de uma maneira natural os seus caracteres e as suas propriedades...o indivíduo humano é biologicamente determinado e introduz esta determinação no processo do conhecimento por intermédio do seu aparelho perceptivo; apenas registra e transforma os impulsos vindos do mundo exterior".(12)

A ciência positiva, pautada por este modelo do conhecimento, vai produzir um conjunto de teorias que passarão a justificar as desigualdades sociais pela via das desigualdades biológicas, e, como tal, "desigualdades naturais". Uma vez abs-

11. Adam SCHAFF, História e verdade, p.73-4.

12. Ibid., p.78.

traído o elemento histórico-social na determinação do sujeito que conhece, o que resta é um ser determinado pelas leis biológicas, cujo conteúdo histórico-social foi retirado e as relações humanas não vão além daquelas que estabelece a própria natureza.

A sociedade passa, então, a ser comparada ao orgânico(13) e analisada como um conjunto de órgãos e sistemas funcionais os quais, solidários entre si, desenvolvem a contento a sua função particular determinada por leis naturais e necessárias para o "correto" funcionamento da sociedade como um todo. Esta, por sua vez será tão somente a soma mecânica de suas partes. Comparada ao orgânico, a sociedade será regida por leis naturais, invariáveis e independentes da ação humana, mesmo porque o homem, nesta nova concepção de mundo, será reduzido (14) aos seus determinantes biológicos.

-
13. Sobre uma concepção de sociedade análoga a um organismo vivo consultar, E. DURKHEIM, Da divisão do trabalho social. Segundo Madel T. LUZ, em seu livro Natural, racional, social, "o modelo naturalista e biologizante que Rousseau e os pensadores sociais clássicos tendiam a usar para caracterizarem a história da sociedade será levado às últimas consequências. Na verdade, a sociedade será vista como um grande organismo vivo, fruto de uma evolução do inferior ao superior, do simples para o complexo. Evolucionismo, mecanicismo e organicismo unem-se para conferir à racionalidade moderna seus traços constitutivos no século XIX, século da industrialização, da grande revolução científica dos laboratórios, e da multiplicação das disciplinas e instituições sociais...", p.78-9.
14. O verbete "redução" possui vários significados. Para nossas análises ao longo deste trabalho, entendemos "redução" como.. "o ato ou o efeito de subjugar". Assim, quando falarmos em reducionismo biológico, estaremos com isto afirmando que o ser humano, enquanto um ser total fica "reduzido", fica "subjugado", a uma de suas partes. Novo dicionário AURÉLIO.

Michel Lowy evidencia em seus estudos sobre os pressupostos básicos da ciência positivista, a idéia de serem as ciências da sociedade idênticas as ciências da natureza, devendo ambas, de igual modo "...limitarem-se à observação e à explicação causal dos fenômenos de forma objetiva, neutra e livre de julgamento de valor ou de ideologias, descartando previamente todas as prenoções e preconceitos. (15)

A elaboração de uma concepção naturalizada do social se colocava como necessária, na medida em que a nova sociedade se apresentava de modo cada vez mais contraditório. Nunca se viu tanta riqueza acumulada e nunca as populações estiveram sujeitas a uma miséria tão generalizada, e absolutamente desprovidas de qualquer defesa do ponto de vista social. Os grandes triunfos da indústria eram acompanhados de uma degradação social jamais vista e vivida por civilizações anteriores.

Nas primeiras décadas do século XIX, a economia européia encontra-se em plena expansão. A necessidade de um grande contingente de mão-de-obra se faz presente para atuar em diferentes setores da produção, em diferentes ramos do capital inerentes à divisão do trabalho que a cada momento se fragmenta, se parcelariza mais e mais.

15. Michel LOWY, As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento, p.17.

As desigualdades sociais devem ser justificadas em nome do progresso e da necessidade de diferentes indivíduos para ocuparem - de acordo com suas "aptidões naturais" - as diferentes posições e cargos dentro da nova ordem social estabelecida, posições estas que vão sendo hierarquizadas para as diferentes classes sociais em função do lugar que ocupam na produção.

A nova sociedade "igualitária", "fraterna" e "livre", não o era para a maioria da população; para estes, o "progresso" advindo dos "benefícios" da indústria crescente, nada mais era do que miséria, degradação da vida, descaracterização do que ainda restava de humano na sociedade; uma sociedade na qual, segundo Marx e Engels... "todas as nossas invenções e todos os nossos progressos parecem não provocar outro resultado senão o de dotar de vida e de inteligência as forças materiais e de embrutecer o homem rebaixando-o ao nível de uma força puramente física".
(16)

A urbanização e a proletarização da Europa, decorrente da Revolução Industrial, especialmente nos países centros da dupla revolução (França e Inglaterra), demonstra e exporta para o mundo um tipo de vida degradante a que foi sujeita parcela significativa de sua população.

16. Karl MARX e Frederick ENGELS, Crítica da educação e do ensino, p.150-1.

O quadro de miserabilidade e pauperismo que vivia a maioria da população no decorrer do século XIX é descrito com muita propriedade por Hobsbawn.

"As cidades e as áreas industriais cresciam rapidamente, sem planejamento ou supervisão, e os serviços mais elementares da vida da cidade fracassavam na tentativa de manter o mesmo passo: limpeza das ruas, os serviços sanitários... A consequência mais patente desta deteriorização urbana foi o aparecimento das grandes epidemias de doenças contagiosas... a cólera a partir de 1831... o tifo, (novamente) a cólera e a febre recorrente da década de 1840... Os terríveis efeitos foram tremendos, mas as classes média e alta não o sentiram... o desenvolvimento urbano foi um gigantesco processo de segregação de classes, que empurrava os trabalhadores pobres para as grandes concentrações de miséria alijadas dos centros de governo e de negócios, e das novas áreas residenciais da burguesia". (17)

A distribuição do espaço urbano permitia que os ricos vivessem com certa tranquilidade, sem serem molestados pelos pobres e até mesmo sem pegarem as "suas doenças".

Em 1848, as massas desesperadas que cresciam nos cortiços, alijadas de um processo civilizatório que ajudavam a construir enquanto força de trabalho, começam a tomar consciência de si enquanto classe, evidenciando através da revolução social sua resistência e sua força. Os miseráveis eram agora uma dupla ameaça à burguesia no poder. De um lado, a organização da classe operária, e de outro, as suas epidemias, as quais, embora nascendo nos cortiços, começavam também a atingir os ricos. Este quadro de

17. H. HOBSEBAWN, Op.cit., p.224.

ameaça é que exigiu a tomada de algumas providências para a reconstrução e o aperfeiçoamento urbano de forma mais sistemática. (18).

A moralização sanitária na Europa, em meados do século XIX, tratará de reorganizar o espaço de vida dos indivíduos. Seu discurso normativo veiculará a idéia de que as classes populares viviam mal por estarem impregnadas de vícios, de imoralidade, por viverem sem regras.

O discurso das classes no poder será aquele que afirmará a necessidade de garantir às classes mais pobres não somente a saúde, mas também uma educação higiênica, e através dela a formação de hábitos morais. É este discurso que incorpora a Educação Física e a percebe como um dos instrumentos capazes de promover uma assepsia social, de viabilizar esta educação higiênica e de moralizar os hábitos.

Segundo P.Singer, O. Campos e E.M.Oliveira(19), era necessário, sobretudo, justificar um quadro social onde a prostituição, o alcoolismo, o infanticídio e a demência eram comuns. Do mesmo modo, era necessário "domesticar" as massas urbanas submetidas a jornadas de trabalho que variavam de 13 a 16 horas diárias, incluindo mulheres e crianças, recebendo salários que

18. H.HOBSBAWN, Op.Cit., p.225.

19. P.SINGER, O.CAMPOS e E.M.OLIVEIRA. Prevenir e curar, p.21.

eram insuficientes até mesmo para lhes proporcionar uma nutrição adequada.

Estavam dadas as condições para que a força de resistência e de revolta das grandes massas se transformassem num grande movimento operário, constituindo-se como resposta ao "grito do homem pobre". Em 1848, havia algo de novo no movimento operário. E o novo neste movimento era a consciência de classe e a ambição de classe.

Quando o proletariado se faz classe e se levanta contra o seu opressor -a burguesia-, coloca em questão toda a ordem estabelecida, uma vez que, como nos lembram Marx e Engels, "... o proletariado não pode sublevar-se, não pode erguer-se, sem fazer ir pelos ares a superestrutura completa dos estratos que formam a sociedade oficial". (20)

A sociedade oficial, burguesa, ameaçada com a possível perda de privilégios adquiridos com a exploração desenfreada da força de trabalho, reforça o seu aparato ideológico e científico. Busca explicações "científicas", baseadas nas ciências naturais, e reforça os aspectos hereditários e genéticos nas justificativas que elabora sobre a miséria que se desenvolve colada ao progresso, a miséria que é parte constitutiva das leis do capital.

20. Karl MARX e Frederick ENGELS, Manifesto do Partido Comunista, p.72-3.

Conter os avanços do movimento operário e desenvolver um conjunto de crenças, idéias e valores capaz de determinar "cientificamente" o "lugar de cada um" torna-se imperioso para a burguesia contra-revolucionária no poder.

Para esta classe, a ciência, e falamos aqui da ciência positivista, deveria descobrir as "fórmulas" e as "leis" capazes de manter a "ordem natural" dos fatos, e o desenvolvimento, também "natural", da sociedade. As metáforas organicistas dão mostras da compreensão que a classe no poder tinha da sociedade e dos homens.

As revoltas, as crises pelas quais passava a sociedade deveriam ser "curadas", asssim como se curam doenças. Afinal, este grande organismo vivo - a sociedade - não poderia ceder às suas enfermidades. E as suas "enfermidades" seriam curadas através de uma meticolosa reorganização e adequação de espaços, de indivíduos, onde cada um receberia uma ocupação de acordo com suas possibilidades individuais e com suas "aptidões naturais" (21). A-

21. Noelle BISSERET afirma que a história da palavra "aptidão" revela descontinuidades radicais de sentido... constata-se que é a partir do século XVIII que a noção de aptidão se torna importante, ao se articular com as noções de mérito e de responsabilidade individual, elementos da ideologia igualitária. Após a Revolução Francesa, se o seu lugar permanece central nesse sistema ideológico, a função que ela exerce se altera radicalmente: a noção de aptidão, a partir daí, serve progressivamente de suporte para justificar a manutenção das desigualdades sociais e escolares que as traduzem e perpetuam. Como a nova sociedade e as insituições escolares são colocadas como igualitárias, a causa das desigualdades só pode ser atribuída a um dado "natural". A ideologia das Aptidões Naturais in Educação e hegemonia de classe. Introdução, p.31.

lém, é claro, de uma boa dose de hierarquia.

Para o pensamento social predominante - o positivismo - o bom funcionamento da sociedade estaria garantido se esta reorganização e adequação de espaços e de indivíduos fosse acentuadamente hierarquizada.

Augusto Comte acreditava na necessidade da hierarquia, à qual submeter-se-iam todos os proletários para que o progresso seguisse seu curso normal. Para Comte, a organização da sociedade, o seu regime público consiste na

"...dupla máxima: dedicação dos fortes pelos fracos; veneração dos fracos pelos fortes. Nenhuma sociedade pode perdurar se os inferiores não respeitarem os superiores. Nada confirma melhor semelhante lei do que a degradação atual em que, por falta de amor, cada um não obedece senão à força, se bem que o orgulho revolucionário deplore o pretendido servilismo de nossos antepassados, que sabiam amar seus chefes". (22)

De que degradação fala Comte? Da exploração do trabalho pelo capital? Da descaracterização humana do operário urbano? Da vida miserável nos cortiços lamacentos, das fábricas escuras, úmidas, sem ventilação? Da fome que graçava livre na sociedade da abundância?

22. Augusto COMTE apud Antônio C. BERGO, O Positivismo como super-estrutura ideológica no Brasil e sua influência na Educação, p. 48-9.

Evidentemente, A. Comte considerava "degradação atual" o fato de o operariado se fazer classe, ameaçar a burguesia, desencadear crises num sistema que deveria... "transcorrer sem elas". "Degradação atual" era também o trabalho de outros intelectuais, que buscavam explicar a sociedade pelo seu modo de produzir e reproduzir a vida, ou seja, pelo trabalho.

Marx e Engels observam que "... não é no campo da moral, mas no do trabalho que os problemas se resolvem" (23). Se o trabalho embrutece o homem, deteriora sua vida, é este trabalho, fruto do modo de produção capitalista, que precisa ser alterado.

A. Comte, pelo contrário, vai observar que "... o nosso mais grave mal consiste nesta profunda divergência entre todos os espíritos quanto a todas as máximas fundamentais, cuja fixidez é a primeira condição duma verdadeira ordem social" (24). Daí sua afirmação de que "... a grande crise política e moral das sociedades atuais provém, em última análise, da anarquia intelectual" (25)

Com sua "filosofia positiva" (26), Comte acredi-

23. Karl MARX e Frederick ENGELS, Crítica da educação e do ensino, p. 142

24. Augusto COMTE, Curso de filosofia positiva, p. 19.

25. Ibidem, p. 17.

26. A "filosofia positiva" de A. Comte, encontra-se dividida em cinco ciências fundamentais... "cuja sucessão é determinada pela subordinação necessária e invariável, fundada, independentemente de toda opinião hipotética, na simples comparação aprofundada dos fenômenos correspondentes: A astronomia, a física, a química, a fisiologia e, enfim, a física social". Augusto COMTE, op. cit., p. 33.

tava estar elaborando uma sólida reorganização social, reorganização esta que deveria pôr fim ao permanente estado de crise que vivem as nações civilizadas há tanto tempo.

Para A. Comte, a sociedade deveria ser estudada pela "física social", pois é ela que tem a sociedade como seu objeto próprio de estudo. Para a "física social", os fenômenos sociais deveriam ser entendidos a partir do mesmo referencial dos fenômenos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos. Isto porque, os fenômenos sociais assim como os fenômenos da natureza, estariam sujeitos a leis naturais e invariáveis, cuja descoberta deveria ser a finalidade precípua das pesquisas científicas.

"...Sem admirar nem maldizer os fatos políticos e vendo neles essencialmente, como em toda outra ciência, simples sujeitos de observação, a física social considera cada fenômeno sob o duplo ponto de vista elementar de sua harmonia com os fenômenos coexistentes e do seu encadeamento com o estado anterior".(27)

A sociedade será então estudada a partir de, e subordinada aos "fenômenos naturais", porque para o positivismo... "o social é subordinado ao orgânico, ou seja, a filosofia social é subordinada à filosofia natural".(28)

A observação, a experimentação e a comparação, re-

27. Cours de Philosophie Positive, Schleiler Freres Edititeurs apud, Michel LOWY, Op. cit., p.10.

28. Antônio Carlos BERGO, Op.cit., p.17.

gras básicas das ciências naturais, especialmente as biológicas, são universalizadas para o estudo do humano através do pensamento positivista, uma vez que este pensamento nasce no âmbito das ciências humanas mas utiliza-se dos métodos e das técnicas próprias às ciências naturais.

E a Educação Física, seja aquela que se estrutura no interior da instituição escolar, seja aquela que se estrutura fora dela, será a expressão de uma visão biologizada e naturalizada da sociedade e dos indivíduos. Ela incorporará e veiculará a idéia da hierarquia, da ordem, da disciplina, da fixidez, do esforço individual, da saúde como responsabilidade individual. Como veremos no capítulo II desta dissertação, a Educação Física constituir-se-á na sociedade do capital, num valioso instrumento de disciplinarização da vontade, de adequação e reorganização de gestos e atitudes necessários à manutenção da ordem. Está organicamente ligada ao social biologizado cada vez mais pesquisado e sistematizado ao longo do século XIX, pesquisas e sistematizações estas que vem responder, paulatinamente, a um maior número de problemas que se coloca à classe no poder.

Afinal, tendo reivindicado a soberania do povo face a nobreza, a burguesia não irá recusar a igualdade entre os homens, uma vez que se "... todos (são) livres e iguais no direito, o destino do ser humano não depende mais da ordem estabeleci-

da, mas das capacidades individuais"(29), aqueles que não conseguissem atingir um grau mais elevado na escala social, demonstravam a sua própria falta de inteligência pessoal, energia, de força moral que os condenava, juntamente com a hipótese de uma "herança racial".

As descobertas científicas darão suporte a esta ideologia justificadora das desigualdades, trazendo-lhe o respaldo da ciência. Assim é que as pesquisas antropométricas (30), surgidas na primeira metade do séc.XIX, suscitaram grande interesse e se estenderam por vários países do mundo.

Noelle Bisseret (31) refere-se aos trabalhos realizados por Maximilien Parchappe em antropologia física e cranio-metria em 1848, quando este passa a empregar um método de mensuração do crânio, constatando que aquilo que mais exprime as "diferenças inatas de capacidade intelectual" nos indivíduos da espécie humana, é a "diferença no volume do cérebro", que é o órgão do pensamento. Parchappe afirmava que esta era uma característica

29. Noelle BISSERET, Op.cit., p.40.

30. ... "A Antropometria (...) tem como objetivo traduzir em números os fenômenos biológicos no organismo humano e estabelecer relações entre os resultados alcançados numericamente e, a partir daí deduzir as leis que esses fenômenos obedecem". Horácio ACCIOLY JUNIOR, Análise comparativa entre o somatotipo e teste de aptidão física aplicado nos candidatos ao Curso de Educação Física do Rio Grande do Norte, citado por Rossana Valéria de SOUZA e SILVA, Mestrados em Educação Física no Brasil: pesquisando suas pesquisas, p.165.

31. Noelle BISSERET, Op.cit., p.40.

hereditária que se estendia dos pais aos filhos, e que não se limitava apenas a características físicas e orgânicas, mas estendia-se até o modo de ser dos indivíduos... até o seu caráter moral. Afirmava ainda que nas sociedades baseadas nos princípios da liberdade individual e da igualdade civil, ou seja, nas sociedades burguesas, as funções sociais, estariam entregues à "espontaneidade", à "obra da natureza" que, hereditariamente, dotou as pessoas de um maior ou menor número de capacidades para ocupar esta ou aquela função social.

Deixando de lado o raciocínio maniqueísta, o fato é que estas e outras formulações científicas, como veremos adiante, tinham por objetivo determinar espaços e lugares para os indivíduos na sociedade. Não se afirmava mais que as desigualdades eram criações humanas, fruto de um regime político despótico, ou divinas, fruto da vontade de um ser supremo. Afirmava-se que elas eram fruto da própria natureza; as desigualdades dependiam agora de causas biológicas, as quais eram determinantes.

A biologia evolutiva de C. Darwin (32) constituía-se no grande referencial para os estudos realizados pelas ciências sociais. Segundo Bernal (33), o mesmo domínio que teve a física de Newton e suas leis matemáticas no século XVII em relação ao pensamento social, teve a biologia no final do século XIX, cu-

32. A teoria sobre a origem das espécies de C. DARWIN foi editada no ano de 1859.

33. J.D. BERNAL, Ciência na História, V.6, p.1117-8.

As transformações eram explicadas a partir da lei da evolução biológica.

"...A evolução não era uma coisa estática, era um processo contínuo, que estava a transformar o mundo e a modificá-lo de maneira perfeitamente compreensível para o homem oitocentista. Chamava-se competição e promovia o progresso. O que não se compreendia, ou pelo menos não era então admitido...era que com o nome de evolução os homens estavam apenas a ver as práticas sociais do capitalismo em relação a seres humanos, encarados como animais e plantas no estado natural, numa teoria pretensamente científica. (34)

As idéias evolucionistas sobre as espécies de plantas, conchas, moluscos, aves...e seres humanos, já eram aceitas nos meios científicos da primeira metade do século XIX e davam sustentação a inúmeros trabalhos sobre seres humanos.

Em 1852 por exemplo, Gobineau publica, a partir de estudos biológicos, hereditários e genéticos, uma obra claramente racista, o "Essai sur l'Inégalité des races humaines", onde procura

"...demonstrar cientificamente que a hierarquia dos povos e das classe sociais se fundamenta em diferenças biológicas. A dominação de uns por outros é, portanto, natural e legítima. Certos povos tem uma "aptidão para um desenvolvimento intelectual indefinido"; os que são privados dessa aptidão podem, certamente imitar os outros, mas a imitação não indica necessariamente uma séria ruptura com as tendências hereditárias". (35)

34. J.D. BERNAL, p.1118.

35. Noelle BISSERET, Op.cit., p.43.

É preocupante a redução que faz Gabineau das diferenças sociais, seja entre povos ou classes, à "diferenças psicobiológicas" que supõe, sejam determinantes. Esta é a ideologia igualitária da burguesia. E é esta ideologia igualitária que se alimenta constantemente na ciência. Uma ciência que, contraditoriamente, constitui-se em "força estranha" para a classe operária, um deus oculto.

Todas as desigualdades sociais, todas as diferenças de classe tomam, assim, a aparência de diferenças hereditárias, genéticas, portanto, naturais, transmitidas de geração à geração, sem possibilidade histórica de serem alteradas. Afinal, são as pesquisas científicas que "demonstram", pelos dados apresentados, esse quadro absolutamente inalterável.

Francis Galton (36) procura demonstrar com seus estudos, e com a ajuda de um novo método científico, que as diferenças mentais são hereditárias e que dependem da mesma ordem de fatores dos quais dependem as diferenças de estatura. Galton de-

36. Francis Galton, estudando a hereditariedade de britânicos de talento excepcional, verificou que "...muitos deles eram aparentados e que pertenciam a um reduzido número de famílias. Preocupado pela biologia, esqueceu-se do facto histórico de que a classe dirigente da Grã-Bretanha constituia naquele tempo uma reduzida minoria, onde as famílias se ligavam constantemente pelo casamento e o facto social de que as probabilidades de êxito, mesmo intelectual, estavam e continuam a estar esmagadoramente desequilibradas a favor dos filhos de famílias cultas e bem instaladas na vida". J.D. BERNAL, *Ciência na História*, V.6, p.1118-9.

envolveu o método das correlações (37) e, através dele, pode medir, de um lado a intensidade das ligações existentes entre as aptidões mentais e as aptidões físicas, e de outro lado as aptidões dos pais e dos filhos. Essa "mensuração" (isenta de paixões) é que permite a "verificação" do caráter natural e hereditário das aptidões.

As leis biológicas ao longo de todo o século XIX subordinam as leis sócio-históricas (38). A "ideologia das aptidões naturais" permeia os estudos científicos e as práticas sociais deles decorrentes. As leis biológicas aprisionam o homem ao seu organismo, percebem as suas necessidades apenas como necessidades orgânicas e biológicas, "esquecendo-se" que, embora algumas necessidades sejam desta ordem, elas são satisfeitas socialmente.

É o pagamento da força de trabalho que permite ao homem prover sua existência e reproduzir a vida. É o trabalho que determina, pelo quinhão pago na produção e reprodução das relações econômicas, as condições que permitem ao homem se perceber humano e se constituir em classe... ser operário, médico, artista e não os seus predicados genéticos e hereditários como advogam as teorias raciais aqui brevemente discutidas.

37. Noelle BISSERET, Op.cit., p.44.

38. No livro intitulado O Desenvolvimento do psiquismo, Alexis LEONTIEV faz uma interessante discussão sobre o assunto.

Estas teorias constituíram-se em instrumentos de poder da burguesia, uma vez que, "demonstrando" dados biológicos isolados da totalidade da vida dos indivíduos, ideologicamente confirmavam a superioridade de uns sobre os outros como sendo esta "natural" e "hereditária". Os estudos de Darwin, se por um lado tiveram um efeito libertador na medida em que destruíram a "... idéia de estádios da sociedade permanentemente ordenados" (39), introduzindo a idéia de mudança (evolução), por outro lado contribuíram significativamente para cimentar uma ideologia justificadora das desigualdades sociais. Tais desigualdades seriam causadas por problemas de ordem biológica, uma vez que a "... idéia de uma concorrência vital, levando a uma seleção natural e a sobrevivência dos mais aptos afinava-se com a ideologia da distribuição das funções ligada a espontaneidade"(40). Quanto aos princípios da seleção natural, eles permitem, por exemplo, afirmar que

"...os caracteres que asseguram a sobrevivência aos indivíduos mais aptos de cada espécie, transmitem-se por hereditariedade e acentuam-se com o tempo. Assim se opera no plano biológico uma seleção natural que dá origem às diferentes espécies e também às diferentes raças".(41)

Com este tipo de pressuposto, a burguesia irá, além de acentuar o "esforço pessoal" e o "valor individual"

39. J.D. BERNAL, A ciência na História, V.6, p.1116.

40. Noelle BISSERET, Op.cit., p.43.

41. Madel T. LUZ, Medicina e ordem política brasileira, p.172.

de cada um, afirmar também que os mais aptos "vencem", portanto, "competem". Competição e concorrência, grandes eixos do capitalismo serão entendidos como naturais no homem, e não como produto de um processo histórico de desenvolvimento das leis do capital, como necessidade histórica de sua produção e reprodução.

Vencendo a "competição" da vida nesta "seleção natural", os "mais aptos" irão melhorar a raça que, geneticamente, irá se depurando e... teorias científicas que comprovassem a idéia do "melhoramento" e da "depuração" da raça foram sendo desenvolvidas.

No ano de 1865, Francis Galton, a quem já nos referimos no presente trabalho, funda em Londres a Eugenic Society, para estudar uma nova ciência, a eugenia (42), ciência esta que responderá com muita propriedade às questões relativas às desigualdades sociais, afirmando serem elas "naturais".

A eugenia ousou ser a ciência capaz de explicar biologicamente a humanidade, fornecendo uma ênfase exacerbada na raça e no nascimento. Postulava uma identidade do social e do biológico, propondo-se a uma intervenção científica na sociedade, explicando o primeiro pelo segundo.

42. MADEL T. LUZ, Medicina e ordem política brasileira, p.172.

A eugenia, segundo J.D. Bernal, permitiu a utilização do "...argumento da raça para justificar toda a exploração de classe ou colonial; até podia ser utilizada para provar que os brancos e os negros pertenciam a espécies diferentes". (43)

Não nos cabe aqui desenvolver uma discussão mais profunda acerca do significado histórico das teorias raciais elaboradas ao longo do séc.XIX e XX. O caso da eugenia, teoria racial que se pretendeu ciência, toca-nos mais profundamente, na medida em que traduz de forma mais explícita as preocupações de uma determinada classe em manter, de todas as formas e por todos os meios, a sua hegemonia de classe, bem como pela sua estreita relação com o renascimento da Educação Física no século XIX em toda a Europa e as suas repercussões mundiais.

No caso do Brasil, assunto que trataremos no III Capítulo, a Educação Física aparecerá colada aos ideais eugênicos de regeneração e embranquecimento da raça, figurando em congressos médicos, em propostas pedagógicas e em discursos parlamentares.

As teorias raciais, particularmente a eugenia, foram poderosos instrumentos nas mãos da burguesia para justificar

43. J.D. BERNAL, Ciência na História, V.6, p.1119.

seu domínio de classe, para auto intitular-se a única classe capaz de manter a "ordem" e de viabilizar, a partir dela, o "progresso". (44)

As evidências da "superioridade racial" da classe dominante eram apontadas pela ciência, que com suas explicações e justificativas, dadas exclusivamente a partir do "observável", do "demonstrável" e do "quantificável", eram absolutamente irrefutáveis. A sociedade empírica tomava o lugar da sociedade concreta. O dado isolado, parcial, unilateral é que explicava a complexidade das relações sociais e econômicas, é que determinava o lugar a ser ocupado pelos indivíduos na produção. O particular explicava o geral como mão única, sem reverses, sem contradições. Desse modo, os homens surgem como que determinados por uma natureza biológica que os aprisiona num terrível fatalismo hereditário.

Com a certeza da determinação biológica se delimitavam os espaços de classe, se determinavam funções de classe e

44. "Ordem e Progresso" é o binômio essencial do positivismo... "A constituição do positivismo se fundamenta nesse lema projetando todas as pesquisas e todo modo de ser na reconstrução da civilização ocidental..." "Ordem e Progresso", traduz-se na marcha da civilização que deve ser dinâmica, mas inalterável nas relações de poder. Em consequência, focaliza-se a repulsão às revoluções violentas, que são entrave no progresso. Para que exista o progresso é necessário ordem e vice-versa". Antônio Carlos BERGO, Op. cit., p. 41.

papéis sociais, e se garantia, desse modo, a continuidade "harmônica" da ordem social vigente.

Se o homem é um ser biológico, e todas as suas ações se explicam a partir de causas também biológicas como postulam as teorias científicas desenvolvidas ao longo do século XIX, ganharão espaço naquela sociedade profissionais que dominem o conhecimento sobre o corpo biológico, assim como práticas que possam, através dele, intervir na sociedade.

2. DA SAÚDE DO "CORPO BIOLÓGICO" À SAÚDE DO "CORPO SOCIAL": O PENSAMENTO MÉDICO HIGIENISTA E A DEFINIÇÃO DOS HÁBITOS DA FAMÍLIA MODERNA.

A Europa do século XVIII e início do século XIX - especialmente nos países centros da "dupla revolução" política e econômica, ocorrida respectivamente na França e na Inglaterra -, vai desenvolver através de determinadas políticas de saúde (45), formas explícitas de controle das populações urbanas, onde o corpo dos indivíduos e o "corpo social" são tomados como objetos mensuráveis, passíveis de classificações e generalizações isentas de paixões e impregnadas da neutralidade da ciência positiva.

45. No livro "Microfísica do Poder", Michel FOUCAULT descreve as particularidades dos projetos de medicina social desenvolvidos na França, Inglaterra e Alemanha, p.79-98. Ver também "Da Polícia Médica à Medicina Social" de George ROSEN.



O corpo individual enquanto unidade produtiva, máquina menor na engrenagem da indústria capitalista, passa a ser então uma mercadoria (46)... será um objeto socializado pelas novas relações de produção, um instrumento a mais que deverá ser meticulosamente controlado para ser útil ao capital.

Este instrumento a mais no conjunto das forças produtivas - o corpo individual - constitui-se em locus do investimento do poder que a nova sociedade exerce, uma vez que

"...o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política". (47)

Em sendo o corpo dos indivíduos elemento constitutivo das forças produtivas da nova ordem, e constituindo-se desse modo em realidade bio-política, o poder de que se revestem certas práticas sociais que nele investem é quase absoluto.

Particularmente, poderíamos nos referir àquelas que se constituem a partir de um "conhecimento" deste corpo...bioló-

46. "...A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia. Não importa a maneira como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência, objeto de consumo, ou indiretamente como meio de produção". Karl MARX, O Capital, V.I, p.41-2. No caso do "corpo", ele tomará a forma de mercadoria de modo indireto, ou seja, enquanto meio de produção.

47. Michel FOUCAULT, Microfísica do poder, p.80.

gico e orgânico tais como a medicina, e as formas que aprimora para influir de maneira coercitiva e repressiva na sociedade e no seu "modus vivendi", formas estas fundamentais para a manutenção da nova ordem.

Foucault (48) observa que dentro de uma maquinaria de poder estatal que tende a se estender e se afirmar durante o século XVIII, a medicina, já entendida como técnica geral de saúde, assume lugar cada vez mais destacado e de importância. Por sua vez, o médico passa a consagrar uma parte cada vez maior de seu tempo às tarefas mais gerais do ponto de vista administrativo as quais lhes foram fixadas pelo poder. Essas tarefas dizem respeito à própria dinâmica da sociedade, pois contemplam preocupações acerca da saúde e da doença dos indivíduos, de suas condições de vida, de suas habitações, seus costumes e seus hábitos. É neste momento que tem início a formação de um saber médico-administrativo "...o médico se torna o grande conselheiro e o grande perito, se não na arte de governar, pelo menos na de observar, corrigir, melhorar o "corpo" social e mantê-lo em permanente estado de saúde". (49)

Podemos afirmar que o conhecimento médico ao curar doenças, conter epidemias, e neste sentido aumentar o tempo

48. Michel FOUCAULT, Microfísica do poder, p.202-3.

49. Ibid., p.203. Michel FOUCAULT afirma ainda que é a "...função de higienista mais do que (os) prestígios de terapeuta, que (assegura aos médicos) esta posição politicamente privilegiada no século XVIII, antes de sê-la econômica e socialmente no século XIX", p.203.

de vida útil dos indivíduos, significou uma certa "libertação" para o homem e para a sociedade. Entretanto, não podemos deixar de apontar o caráter contraditório deste conhecimento que, ao mesmo tempo que liberta, aprisiona; transforma-se em mecanismo de controle por parte do Estado que o reconstrói em poder disciplinar, e de modo ora sutil, ora acintoso utiliza para o controle das grandes massas urbanas. Portanto, o contraponto que nos interessa analisar é tudo o que se ousou fazer em "nome da saúde" para a manutenção da "ordem burguesa", e, neste particular, pelo

...efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio". (50)

Se houve um investimento sobre o "corpo sadio", uma exaltação até, como se refere M. Foucault, as concepções de "corpo doente" também não podem ser negligenciadas, uma vez que também desempenham um determinado papel na construção do indivíduo moderno, e, sobretudo, da sociedade.

Segundo Madel T. Luz, a concepção de

"...corpo doente como corpo individual, objeto de intervenção médica, ajuda a constituir o indivíduo moderno, este átomo de um corpo mais amplo que a razão social ordena. A medicina, elaborando no discurso a categoria, e na prática social - através da clínica - o sujeito "paciente", desviante de um quadro geral de normalidade (média), ajuda a constituir o sujeito individual como objeto de or-

denação da racionalidade social". (51)

De fato, as concepções, os valores e os hábitos que a ciência médica desenvolveu tiveram um papel significativo na construção e na ordenação da racionalidade social, racionalidade esta que nasce colada às exigências de saúde do "corpo biológico" para a manutenção da saúde do "corpo social", ou seja, para a produção e reprodução do capital.

A ciência médica, porém, não possui uma homogeneidade de discurso e de prática. Em seus diferentes ramos, apresenta diferentes conceitos sobre a doença (52), a saúde, a cura. Do mesmo modo, também, constrói diferentes formas de intervenção no "corpo social" e no "corpo biológico", chegando até a conceber o homem para além dos limites dados pela biologia, pela química e pela fisiologia, aproximando-se de um entendimento da medicina como ciência social. Esta compreensão da medicina deu origem à formação de um novo ramo no interior da ciência médica: a medicina social.

51. Madel Terezinha LUZ, Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna, p.92.

52. Segundo George ROSEN "... a doença é um processo biológico mais antigo que o homem. Antigo como a própria vida, porque é um atributo da vida. Um organismo vivo é um entidade lábil em um mundo de fluxo e mudança. A doença e a saúde são aspectos desta instabilidade onipresente, são expressões das relações mutáveis entre os vários componentes do corpo, entre o corpo e o ambiente externo no qual existe. Como fenômeno biológico, as causas da doença são procuradas no reino da natureza; mas no homem a doença possui ainda uma outra dimensão: nele a doença não existe como "natureza pura", sendo mediada e modificada pela atividade social e pelo ambiente cultural que tal atividade cria". Do livro: Da polícia médica à medicina social, p.77.

A medicina social(53), que se estrutura a partir do séc.XIX, procurará demonstrar que a verdadeira "origem", "causa" ou determinação da doença era a realidade social, absolutamente opressora, do capitalismo, a partir do século XIX. A fome, a miséria e a dominação tinham, para esta concepção de medicina, uma relação direta com a origem das doenças, não sendo suficiente, portanto, apenas a intervenção médica no corpo individual ou no coletivo social para o restabelecimento ou o estabelecimento da saúde, como postulava a medicina clínica. Não pode haver saúde sem que se mude a sociedade, pois é a estrutura social que explica o surgimento das doenças.

Este discurso da medicina social mais identificado com os "direitos do cidadão" da Revolução Francesa ou com o ideário socialista presente no movimento revolucionário de 1848(54), não será dominante. Segundo M.T.Luz, serão dominantes as "...concepções, teorias e categorias higienistas, com profundas implicações moralizadoras, com propostas políticas implicando adaptação de sujeitos, grupos e classes às regras médicas num processo ra-

-
53. George ROSEN afirma que desde "...o século XVIII vários médicos reconheceram a necessidade de abordar a medicina e a higiene levando em consideração sua inserção social...mas (que) coube ao século XIX desenvolver a idéia da medicina como ciência social e finalmente formular com maior precisão e clareza o conceito de medicina social". Da polícia médica à medicina social, p.78.
54. Para uma análise mais detalhada sobre a participação dos médicos no movimento revolucionário de 1848, e da medicina como aquela capaz de fundir-se com as crenças políticas próprias daquele movimento, ver George ROSEN, "Da Polícia médica à medicina social", especialmente o capítulo intitulado "O que é Medicina Social? Uma análise genética do conceito", p.77-141.

cionalizador civilizatório". (55)

No conjunto das concepções apontadas como dominantes pela autora, terão ainda espaço aquelas que tematizam o meio circundante ao homem (meio natural, material ou institucional), como o alvo da intervenção médica, tais como o sanitarismo, polícia médica e engenharia sanitária.

A feição da sociedade era por demais grotesca. Assumir concepções de medicina próprias à medicina social, que veiculavam a miséria, as condições de habitação entre outros fatores como causadores das doenças, poderia comprometer a reprodução do capital.

Mas, contraditoriamente, esta reprodução era comprometida, exatamente porque toda esta gama de fatores apontados, inequivocamente, atacam a força vital das nações em suas próprias raízes. (56)

55. Madel Terezinha LUZ, Op. cit., p.94.

56. "...Os problemas de saúde suscitados pela Revolução Industrial não afetavam apenas o proletariado mas também as classes dominantes. Em primeiro lugar, elas não ficavam imunes às epidemias que grassavam nos novos centros industriais. Em segundo lugar, as más condições de vida e de saúde deveriam reduzir significativamente a produtividade do trabalho. E, em terceiro lugar, a situação desesperadora em que se encontrava a classe operária era terreno fértil para movimentos de revolta, que punham em perigo a ordem constituída. Começou a ficar claro para a própria classe dominante que urgia remediar esta situação, criando-se condições mínimas para que a força de trabalho pudesse se dar de modo sistemático e para que a capacidade de trabalho dos operários fosse preservada". P. SINGER, D. CAMPOS e E. M. de OLIVEIRA, Prevenir e curar, p. 21.

A industrialização ocorrida na Inglaterra, França e por volta da metade do século XIX na Alemanha foi acompanhada, segundo George Rosen, de uma "...matança de inocentes, (pois aqueles) que sobreviviam ao berço eram abandonados aos ternos cuidados da fábrica e da mina".(57)

Os "cuidados" da fábrica e da mina poderiam ser traduzidos, ou melhor, se expressavam nas periódicas epidemias, na mortalidade infantil, assim como também na falta de soldados para os exércitos. A debilidade física era tal, que os homens não mais atingiam a altura mínima exigida para o ingresso na tropa, problema que obrigou o exército francês e alemão, ao longo do séc. XIX, a diminuir, paulatinamente, a altura mínima exigida, pois caso essa medida não fosse tomada, não haveria homens disponíveis para o serviço militar.(58)

Degeneração progressiva, diminuição de peso e estatura, morte. Esta era uma das faces mais horripilantes (e que se tentava ocultar) da nova sociedade. Ela expressava de modo contundente a própria contradição do capital, a riqueza e a miséria. Tornava-se imperioso amenizar este quadro, não apenas com leis trabalhistas pois, afinal, os exércitos deviam ser preservados...

57. George ROSEN, Op.cit., p.87.

58. Dados acerca deste assunto podem ser encontrados no Capital, V.I de Karl MARX. Transcrevendo a fala dos inspetores de fábrica, Marx vai mostrando através daqueles relatos, como a altura dos soldados tanto em França quanto na Alemanha, foi diminuindo desde o final do séc. XVIII, fato este acompanhado, por decorrência, da diminuição no número de soldados aptos para o serviço militar, p.270.

e a indústria, ela também se alimentava do vigor físico dos seus operários. Os "corpos saudáveis" eram uma exigência do capital.

Se por um lado os "corpos saudáveis" eram uma exigência do capital, os "corpos doentes" não deveriam ser considerados como produto das condições de vida, condições essas geradas pelas relações de produção inerentes a esse modelo econômico. Era de fundamental importância para a classe no poder, encontrar outras causas que não as sociais para dar conta de explicar a degradação social, física e intelectual da classe operária.

Se as causas não podiam ser sociais, elas seriam biológicas, físicas (meio físico), "naturais" e...morais. O discurso e a prática médica oriundos da medicina social em suas concepções predominantes, ou seja, naquelas higienistas de forte caráter moralizador, normativo e adaptativo - educativo, irão constituir-se em instrumentos de intervenção na sociedade. Nela irão impor-se no sentido de alterar hábitos, costumes, crenças e valores. Tem a pretensão de realizar uma assepsia neste meio físico - fonte de todas as misérias - na mesma medida que pretendem impor-se à família, ditando-lhe uma educação física(59), moral, inte-

59. Ao longo deste trabalho o termo "educação física" escrito com letra minúscula refere-se aos cuidados corporais e higiênicos considerados pelos médicos como necessários à prevenção das doenças e à manutenção da saúde. É importante acentuar que, para os médicos, os exercícios físicos eram considerados como medida higiênica, portanto integravam essa "educação física". Todavia, não seria prudente afirmar que toda vez que os médicos escrevem sobre, ou implementam medidas para viabilizar a educação física, os exercícios físicos estejam presentes.

lectual e sexual.

O discurso higienista na Europa do século XIX veiculava a idéia de que as classes populares viviam mal por possuírem um espírito vicioso, uma vida imoral, liberada de regras e que, portanto, era premente a necessidade de se garantir-lhes não somente a saúde mas, fundamentalmente, a educação higiênica e os bons hábitos morais. (60)

"...A estratégia da educação em saúde foi regularizar, enquadrar, controlar todos os gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos das classes subalternas e destruir ou apropriar-se dos modos e usos do saber estranhos a sua visão do corpo, da saúde, da doença, enfim, do "bom" modo de andar a vida. O nascimento da pedagogia da boa higiene se confundiu com a história do conjunto de disciplinas ligadas ao que se convencionou chamar "os problemas de higiene e saúde" - "higiene social" - "higiene do trabalho" - e "puericultura", cujo desenvolvimento nos países europeus, a partir de fins do século XVIII, esteve correlacionado com um esforço generalizado de moralização e domesticação das classes populares". (61)

Poderíamos afirmar que o pensamento médico higienista, elegendo a família como locus privilegiado de intervenção, "auxilia" o Estado num processo de reorganização disciplinar da classe trabalhadora, reorganização esta que é complementada pela educação escolar e por todo o conteúdo de classe que ela veiculará.

60. Nilson do Rosário COSTA, Estado educação e sociedade: A Higiene da vida cotidiana; *Cadernos CEDES*, 8, p.8.

61. *Ibid.*, p.7.

Foucault observa que, desde o final do séc. XVIII, a "medicalização da família" foi uma das formas intervencionistas utilizadas pelo Estado para moralizar e domesticar as classes trabalhadoras cujo

"...corpo sadio, limpo, válido, o espaço purificado, límpido, arejado, a distribuição medicamente perfeita dos indivíduos, dos lugares, dos leitos, dos utensílios...constituem algumas das leis morais essenciais da família. E desde essa época, a família se tornou o agente mais constante da medicalização". (62)

A ênfase dada pelas instituições à família no decorrer do século XVIII, acentuada no século XIX, é fundamental para a manutenção da ordem. A família moderna burguesa, bem como a família operária, desempenham uma função determinante na estruturação dos papéis que seus membros, individualmente, deverão desempenhar na sociedade.

Uma das formas medicalizantes de intervenção do Estado sobre a família ocorre através da Puericultura (63), que

62. Michel FOUCAULT, Op. cit., p.199-200.

63. "A Puericultura...surge em fins do século XIX, na França, e propõe-se a normatizar todos os aspectos que dizem respeito à melhor forma de se cuidar das crianças, com vistas à obtenção de uma saúde perfeita. Ela será ouvida principalmente através da voz dos médicos, dirigir-se-á à todas as crianças, indistintamente, mas se colocará como mais necessária àquelas que nascem em um meio social desfavorável, com inúmeros riscos para a saúde. E é neste momento que se pode apontar o seu caráter ideológico, porque toma uma situação que é efeito e a transforma em causa: pensa as más condições de saúde como consequência de uma falta de informações por parte das pessoas e não como reflexo de uma situação de vida em que a má saúde e a ignorância fazem parte de uma única condição de inferioridade social...". Maria D. NOVAES, A Puericultura em questão, p.11.

traduzida como prática médica, terá um relevante papel na normatização do "corpo social", uma vez que ela (a Puericultura), "quer atuar sobre a forma pela qual as pessoas pensam e vivem os seus momentos mais fundamentais, ou seja, na família, no trabalho, no cotidiano".(64)

Atuando diretamente sobre a família, a Puericultura tem, portanto, um interlocutor privilegiado dentro desta estrutura. "Ela fala com a mãe sobre a criança"(65); uma criança que precisa ser educada, disciplinada, cuja responsável - a mãe -, deverá dominar o conjunto de medidas médicas, que se tornam "normas" de como educar as crianças, cuidar da casa, do marido e de um espaço que, de um outro ângulo, a sociedade vai delimitando a mulher. A transmissão de conhecimentos e valores, bem como a estabilização, a harmonia da família, passam a ser de sua responsabilidade, e a figura da mulher mãe aparece como ideal (66). Ela será, portanto, a peça fundamental no interior das estratégias/ elaboradas para a domesticação da classe operária. Para isto, deverá ter um lugar apropriado "dentro do lar", ela será a mulher do lar", a "mãe dedicada", a "salvação do homem"...será o instrumento privilegiado para desencadear o processo racionalizador civilizatório da classe operária (67).

64. Ibid., p.30-1.

65. Ibid., p.3.

66. Ibid., p.27.

67. Nilson do Rosário COSTA, Op.cit., p.8.

O pensamento positivista irá reforçar, ou melhor, respaldar esta concepção de mulher.

Augusto Comte (68) afirmava que a mulher deveria ser sustentada pelo homem, pois somente assim ela seria capaz de preencher convenientemente seu "santo destino social", uma vez que, para o culto positivo, a mulher enquanto "sexo afetivo", é considerada como a providência moral da espécie. É ela que sistematiza a família - "base normal da sociedade" (69) -, fazendo nela prevalecer a influência feminina, "...transformada, enfim, em supremo árbitro privado da educação universal". (70)

Este discurso positivista sobre a mulher se colocava como resposta aos problemas inerentes às relações de produção próprias do capitalismo.

O valor pago pela força de trabalho feminina era infinitamente inferior àquele pago pela força de trabalho masculina, criando assim uma aparente rivalidade entre ambos, rivalidade esta necessária para ocultar o verdadeiro rival do trabalhador, o capital.

O capital impunha determinadas condições de trabalho, visando o lucro e a sua própria reprodução, fazendo com que

68. Augusto COMTE, Catecismo positivista, p.131.

69. Ibid., p.130.

70. Ibid., p.130.

os homens perdessem seus empregos para as mulheres, uma vez que elas, executando a mesma tarefa, recebiam salários menores. As mulheres, além de exploradas pelo processo de trabalho na sociedade industrial, que lhes permitia no máximo alimentar-se, acabavam não dispondo de tempo algum para cuidar de seus filhos, perdendo-os muitas vezes pela total falta de cuidados.

" Essa exploração irrefletida do trabalho das mulheres ameaça a longo prazo as forças produtivas da nação. Ela se faz cúmplice de uma destruição da família através de um odioso abuso do poder patriarcal".(71)

A necessidade de se criar em torno da mulher um conjunto de tarefas que, ideologicamente só poderiam ser por ela executadas, tornava-se absolutamente indispensável. E é dentro de um quadro de ameaça à produção, que a "educação" da mulher torna-se fundamental para a manutenção da ordem.(72)

Segundo J. Donzelot (73), a mulher passa a ser preparada para a vida familiar e para o casamento, e as carreiras profissionais que a ela se abrem nada mais são do que um prolongamento de suas atividades domésticas.

71. Jacques DONZELOT, A Política das famílias, p.39.

72. Como veremos no capítulo seguinte, os exercícios físicos destinados à mulheres também integravam este conjunto de elementos que constituiriam sua "educação". A ginástica adequada à mulher seria aquela que pudesse enfatizar sua "delicadeza", acentuar suas "formas feminis", e contribuir para que o seu corpo fosse forte o suficiente para reproduzir os "filhos da pátria".

73. Jacques DONZELOT, A Política das famílias, p.41-2.

O enquadramento da mulher como "mulher mãe", "esposa", "dona de casa", fundamentava-se em descobertas científicas(74) que imputavam à "natureza" e não à sociedade, as diferenças entre homens e mulheres em relação ao espaço que ambos poderiam ocupar na produção.

O espaço da mulher seria o lar, pois esta era uma exigência da produção. O que se cria em torno dela e sobre ela tem a função precípua de preservar a capacidade de trabalho da classe operária, e fazer da mulher um indivíduo capaz de veicular valores e de internalizar e disseminar práticas higiênicas moralizadoras.

Com seu "trabalho doméstico", revalorizado e colocado a altura de profissão, a mulher poderá

74. E. DURKHEIM descreve pesquisas nas quais, ao serem comparados um grande número de crânios selecionados em sociedades e raças distintas, pode-se chegar a seguinte conclusão: "...O volume do crânio do homem e da mulher mesmo quando se compararam pessoas de igual idade, estrutura e peso iguais, apresenta diferenças consideráveis em favor do homem e esta desigualdade vai igualmente crescendo com a civilização, de maneira que, do ponto de vista da massa do cérebro e, por conseguinte, da inteligência, a mulher tende a diferenciar-se cada vez mais do homem". Da divisão do trabalho social, p.27-8. A anatomia frenológica de Gall "comprovava" também a inferioridade da mulher em relação ao homem. Esta inferioridade poderia ser apreendida pela predominância, na mulher, das "faculdades afetivas" em detrimento das "faculdades intelectuais", pois "...Gall observa que as mulheres têm geralmente a cabeça mais volumosa na parte posterior e a fronte mais estreita, (e Gall) atribui as partes posteriores do cérebro às faculdades afetivas e as partes anteriores às faculdades intelectuais", José Joaquim F.M. apud, Jurandir Freire COSTA, Norma médica e ordem familiar, p.235.

"...introduzir na vida operária, elementos de higiene relativos a criação das crianças, a alimentação, a regularização dos comportamentos cuja ausência explicava a frequência das mortes prematuras, das doenças, das insubordinações: o hábito de viver em casas de cômodos, de fazer as refeições em tavernas, de preferir, em suma, viver na rua, viver em cabarés, não está no princípio dessa decadência física e dessa independência moral da classe operária?". (75)

São esses hábitos a "fonte de toda a miséria" da classe operária. É preciso reorganizar suas vidas, alterar radicalmente seus hábitos...redefinir o seu espaço de vida. As propostas sanitaristas (76) se encarregarão de executar esta "nobre" tarefa lhes outorgada pelo Estado. É em nome da "saúde" que se fará uma assepsia no meio físico...e será promovido o uso higiênico da habitação.

E é assim que os programas de habitação popular surgem como mais um instrumento de controle social da classe operária. A habitação passa então a constituir-se, neste quadro, em espaço privilegiado da mulher, essa "salvadora" da moral e dos bons costumes. É a habitação que lhe permitirá, enfim, tirar o homem das ruas, dos cabarés, do vício...moralizá-lo e afastar dele todos aqueles que forem estranhos ao ambiente doméstico.

75. Jacques DONZELOT, Op.cit., p.38.

76. "O sanitarismo representou uma concentração de forças em mãos do Estado que garantiria a possibilidade de empreender(...) reformas e o desenvolvimento dos serviços de saúde representou uma concentração de poder em mãos dos médicos". Gerson Zanetta de LIMA, Saúde escolar e educação, p.83.

Segundo N.R.Costa (77), os higienistas da Europa do século XIX lutavam ferrenhamente contra a "insânia e a imoralidade" do que foi herdado do antigo regime naquilo que se refere às habitações populares, locais assumidos até então pela classe operária como abrigo, refúgio, local de defesa e de autonomia...

Era necessário portanto, organizar um outro espaço, um espaço que fosse amplo o suficiente para ser higiênico, porém pequeno o bastante para que não mais que uma família nele pudesse morar. E este era o novo "reino" da mulher popular...o ambiente que ela, através de sua competência doméstica, deveria tornar atraente e dele ser vigilante. ... "Se o homem preferir o exterior, as luzes do cabaré, se as crianças preferirem a rua, seu espetáculo e suas promiscuidades, será culpa da esposa e da mãe". (78)

Desse modo, a classe no poder isentava-se de qualquer responsabilidade, e o agravamento da decadência física e da degradação moral da classe operária passava a ser sempre atribuída a ela mesma, quer seja através da culpa sobre os ombros da mulher, quer seja sobre toda a família: a sua resistência a novos hábitos, a sua ignorância, a sua insensatez.

As altas taxas de morbimortalidade, sempre mais altas no meio operário, passam a ser de responsabilidade da famí-

77. Nilson do Rosário COSTA, Op.cit., p.9.

78. Jacques DONZELOT, Op.cit., p.46.

lia e, particularmente, da mulher. E é assim que, contraditoriamente, num mesmo momento de grandes descobertas científicas (79) como foi o final de século XIX, venha a ser reforçada a

"Tendência ideológica de pensar a doença... como resultado da responsabilidade individual, (outorgando-se), à classe dominante... uma tarefa humanitária e filantrópica - educar, esclarecer, civilizar enfim esses "novos bárbaros" cuja ignorância e incúria seria a própria causa de sua vitimação". (80)

São os médicos higienistas que, investidos de uma autoridade que lhes outorga o Estado pelo conhecimento que detêm sobre o "corpo biológico" dos indivíduos, que vão pensar e implementar estratégias de "bem viver", uma vez que "...adoecer deixava de ser uma problemática social e passava a ser uma questão de conhecimento, de boas práticas de vida, de limpeza e de higiene individual". (81)

Não pairam dúvidas sobre a intensa queda da mortalidade observada nos países europeus em fins do século XIX após "medidas de saneamento" (82). Entretanto, a grande melhoria da

79. "O desenvolvimento da medicina bacteriológica (por ex.) permite a recondução da prática médica aos limites do orgânico (e assim) o desenvolvimento do estudo das doenças infecciosas (não seria) perturbado por considerações sociais e reflexões sobre política médica". Maria Cecília F. DONNANGELO e Luiz PEREIRA, Saúde e sociedade, p.58.

80. Gerson Zanetta de LIMA, Op.cit., p.84-5.

81. Ibid., p.84.

82. Sobre os índices de queda de mortalidade, qualidade de vida, condições de trabalho, ver P.SINGER, O.CAMPOS e E.M.de OLIVEIRA, Prevenir e curar, especialmente o capítulo intitulado "Da revolução vital à medicalização da sociedade", p.37-62.

qualidade de vida da classe operária neste período não se deve, exclusivamente, ao saneamento, mas, sobretudo, a sua própria resistência e organização enquanto classe.

O último quartel do século XIX traz uma importante transformação nas relações entre o Estado burguês e a classe operária, cujas reivindicações principais seriam atendidas através de medidas que não atingissem o essencial, ou seja, o modo de produção capitalista; em contrapartida às medidas "concedidas", o Estado se encarregaria de desenvolver novas formas de controle ideológico. A extensão da escolarização primária, assim como dos serviços de saúde representariam duas importantes formas de controle ideológico inovadas pelo Estado.

Em nome da saúde, da ordem e do progresso, o poder médico esquadrinha os espaços de vida dos indivíduos e as suas próprias vidas ao definir normas...regras necessárias para a manutenção da saúde de seus corpos biológicos, individuais.

O poder médico não mais irá perder-se em elucubrações e tergiversações sobre a causalidade entre pobreza e enfermidade "...cada pessoa é tratada como indivíduo a ser higienizado". (83)

As tecnologias políticas que investirão sobre o

83. P. SINGER, D. CAMPOS e E.M. de OLIVEIRA, Prevenir e curar, p.25.

corpo, sobre a saúde, sobre as formas de se alimentar e morar se rão traduzidas pelo discurso da boa higiene que irá postular as "regras de bem viver", as quais, uma vez "conhecidas", permitiriam o alcance da tão almejada "saúde".

Entretanto, o que este discurso omite é que são as condições sociais e as diferenças de classe que impedem o acesso às tão decantadas regras de "bem viver" e não o seu simples "(des)conhecimento". O pensamento médico higienista vai criar um universo de modos, atitudes e saberes (que devem ser conhecidos) e que são requeridos pela civilização burguesa para a manutenção da ordem.

É dentro deste quadro político, social e econômico que é elaborada mais uma forma de intervenção na realidade social, a qual operará tanto ao nível corporal dos indivíduos isoladamente, quanto ao nível do "corpo social" quando tornada hábito.

Estamos nos referindo à Educação Física, que já no século XIX chega aos foros científicos com seu conteúdo médico-higiênico e com sua forma disciplinar voltada ao "corpo biológico" (individual) para, a partir dele, moralizar a sociedade além de "melhorar e regenerar" a raça.

A Educação Física construída por uma sociedade naturalizada e biologizada será então tomada como a "educação do

físico", e associada diretamente à saúde do "corpo biológico" (leia-se social). Os médicos higienistas, imbuídos da certeza que detinham uma maior competência para redefinir os "hábitos" da família moderna, não poderiam ter deixado de influenciar de maneira decisiva o referencial de conhecimentos necessários para o desenvolvimento da Educação Física, este mecanismo a mais utilizado na construção do homem novo, este sujeito do capital.

CAPÍTULO II

"EM NOME DA SAÚDE DO CORPO SOCIAL..."

"...a primeira condição de felicidade neste mundo...é ser um bom animal, e a primeira condição de prosperidade nacional é que a nação seja composta de bons animais. Não só é frequente depender o desfecho das guerras da força e ardimento dos soldados mas ainda é certo que, nas lutas industriais também a vitória é inerente ao vigor físico dos produtores".

Herbert Spencer In: Rui Barbosa, Obras completas, 1946, V.10, T.2, p.75.

1. INSTITUIÇÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO FÍSICA: "CONTRIBUIÇÃO" PARA MANUTENÇÃO E PREVENÇÃO DA SAÚDE DO CORPO SOCIAL.

No segundo quartel do século XIX, a burguesia europeia, particularmente aquela dos países centros da dupla revolução, já dispunha de elementos suficientes para afirmar que a força física de uma nação interfere em sua prosperidade. Já havia, naquele momento, o entendimento por parte dos proprietários dos meios de produção, de que o vigor físico dos trabalhadores era essencial para o avanço do capital.

O corpo dos indivíduos, enquanto mais um instrumento da produção, passava a constituir-se em locus de preocupação da classe no poder. Tornava-se necessário nele investir, todavia, esse investimento deveria ser limitado para que aquele corpo nunca pudesse ir além de um corpo de um "bom animal"(1). Era preciso adestrá-lo, desenvolver-lhe o vigor físico desde cedo... discipliná-lo enfim para sua função na produção e reprodução do capital.

Concorrerão para este adestramento e disciplinarização diferentes instituições sociais. Ao longo deste trabalho, já fizemos referência ao investimento realizado pelo Estado (em associação aos interesses estabelecidos), no corpo dos indivíduos

1. Herbert SPENCER, apud Rui BARBOSA, Obras Completas, V.10, T.2, p.75.

através de uma medicalização da sociedade. O significado político-ideológico que assume essa medicalização no contexto europeu de fins de século XVIII e séc. XIX é inegável. Referimo-nos ao que se ousou fazer, e se fez concretamente em nome da saúde do povo, para a manutenção da ordem burguesa.

Ao tratarmos neste capítulo de instituições sociais que contribuíram para a disciplinarização da classe trabalhadora, não podemos deixar de fazer referência à Instituição Escolar, a qual completa de modo orgânico o processo de construção do homem novo idealizado pelo Estado burguês. As políticas de educação escolar, juntamente com as políticas de saúde em suas expressões higienistas e sanitaristas, completam o cerco ao trabalhador.

Particularmente no âmbito da Instituição Escolar, interessa-nos analisar como um determinado conteúdo - o exercício físico - vai sendo construído a partir de conceitos médicos. Neste sentido, é importante saber como ele contribui para veicular, entre outras, a idéia de saúde vinculada ao corpo biológico, corpo a-histórico, não determinado pelas condições sociais que demarcam o espaço que irá ocupar na produção... corpo de um "bom animal".

A expansão da escola primária, juntamente com as medidas sanitárias de intervenção no meio físico e com a pedagogia da "boa higiene" através de suas "regras de vida saudável", constituíram-se em mecanismos de controle social de um lado, e de outro

de difusão de um saber próprio a uma classe - a burguesia, pois, como assinala A. Ponce,

"...a educação é um processo mediante o qual as classes dominantes preparam na mentalidade e na conduta das crianças as condições fundamentais da sua própria existência...a educação não é um fenômeno acidental dentro de uma sociedade de classes".(2)

Concordamos com A.Ponce e reafirmamos que a educação é um fenômeno não isolado das demais políticas sociais. Não ocorre por acaso, descuido ou acidente. Ela integra de modo orgânico as formas de difusão de uma determinada mentalidade, homogeneizando as vontades, os hábitos e criando uma certa coesão social.

Calcado no liberalismo, aqui entendido como liberdade de pensamento e ação individuais em oposição a ação social organizada, o fenômeno educacional e a escola - enquanto espaço institucionalizado para sua difusão - vai adquirir diferentes contornos em função dos interesses da classe no poder.

Isto porque o liberalismo, como a ideologia que dá sustentação à burguesia enquanto classe, não foi sempre o mesmo em seu processo de estruturação e difusão. Ele foi progressivamente se alterando e ajustando-se às necessidades que se colocavam como expressão do avanço e da consolidação do capitalismo na

2. Anibal PONCE, Educação e luta de classes, p.169-77.

Europa: seja para dirigir a luta de toda a sociedade para derrubar a antiga ordem (aristocracia, clero), seja para criar condições subjetivas de aceitação da nova ordem política, econômica e social, identificada pelos ideais de progresso, liberdade, democracia e desenvolvimento.

Os direitos básicos que aparecem nas declarações revolucionárias norte-americanas e francesas, do séc. XVIII e XIX, tais como: o direito à liberdade, de trabalho, de crenças, de expressão de pensamento e de justiça, direito que engloba os demais e afirma o caráter jurídico como dominante, são armas burguesas na contestação da ordem existente (o antigo regime).

A sociedade igualitária decantada pela burguesia revolucionária, o é apenas por princípio jurídico de direito, mas não de fato. Mesmo porque igualdade não significa, de modo algum, igualdade material, uma vez que os direitos fundamentais são independentes do status ou função social. Para o pensamento liberal clássico, os homens não são iguais em seus "talentos" e "capacidades individuais", logo, não poderão sê-lo em relação as riquezas materiais, porque estas nada mais são do que a recompensa de seus talentos.

Sendo todos os homens dotados individual e naturalmente de talentos e vocações, sua posição na sociedade será determinada pela sua condição individual/natural, independentemente de classe social ou credo religioso a que pertençam.

A educação escolar, na fase em que a burguesia é ainda classe revolucionária, preocupar-se-á com esse homem abstrato, universal e natural, procurando desenvolver nele suas aptidões, talentos e vocações, para que, a partir desse desenvolvimento, ele possa participar da vida em sociedade na exata proporção de seus valores intrínsecos.

A educação escolar, desse modo, estará contribuindo para a justiça social, uma vez que, com base no mérito individual e não mais no nascimento e na fortuna, levará a sociedade a ser hierarquizada, pois o "...talento está no indivíduo independentemente de seu status ou condição material".(3)

Uma sociedade hierarquizada, com indivíduos desempenhando funções absolutamente distintas na produção, era uma necessidade do capitalismo, um modo de produção que cria necessidades.

A instrução do povo era uma delas, uma vez que os avanços da indústria e das novas técnicas introduzidas no maquinário exigiam um mínimo de instrução. Para manejar o instrumental do seu tempo, o operário ou o camponês deveriam dominar os rudimentos da leitura, e serem instruídos de acordo com a função "natural" para a qual estão destinados.

3. Luis Antonio CUNHA, Educação e desenvolvimento social no Brasil, p.35

A ideologia das aptidões naturais, dos talentos, das capacidades circunscritas ao âmbito do individual-hereditário-biológico, estavam na base das concepções educacionais do final do século XVIII e início do século XIX.

Estas concepções, embora apresentem algumas diferenças em suas formulações, na sua essência postulavam uma educação de classe. E é nelas que vamos encontrar a preocupação com a "Educação Física".

Vejamos como se expressam, nos diferentes países da Europa, pensadores sociais da época - aqueles que formularam as bases conceituais da educação liberal.

A referência aos pensadores liberais clássicos coloca-se como fundamental para nosso estudo, uma vez que são as suas idéias sobre a Educação Física, que irão servir de base filosófica e pedagógica para o seu desenvolvimento ao longo dos séculos XVIII e XIX.

John Locke (1632-1704), teórico político liberal inglês, era aquele pensador que "de fato" reconhecia a igualdade "de direitos" entre os homens, fossem eles ricos ou pobres. Entretanto, para ele, a ordem social já se encontrava estabelecida: existem ricos e pobres. Sendo assim, a instrução que cada um deveria receber é tudo quanto fosse necessário para que esta ordem se mantivesse. Para os ricos, a instrução deveria ser de tal or-

dem que estes pudessem ser governantes do Estado e bons administradores de seus negócios particulares; para os pobres, a instrução deveria ter por finalidade desenvolver-lhes a obediência, extremamente útil para uma existência virtuosa.

Locke foi preceptor do neto de um conde, um jovem "gentleman", figura que sempre aparecia em suas formulações pedagógicas. E é tendo por referência esse jovem que Locke chegou a discutir o conteúdo da educação, o qual deveria fornecer conhecimentos mais úteis para a vida em sociedade.

O conteúdo da educação preconizado por Locke deveria incluir o "...cálculo que é tão útil nas oficinas e nos escritórios, e em todas as circunstâncias da vida"(4). Ele também achou por bem aconselhar a introdução da escrituração comercial, conhecimento necessário e bastante útil para se obter uma correta noção dos gastos e conhecer seus limites. Além do cálculo e da escrituração comercial, o estudo da Geografia, Aritmética, História e Direito Civil deveriam completar o conteúdo da educação. Uma educação que deveria preparar técnica e politicamente os quadros para a consolidação de um outro Estado, um estado liberal, cujo livre comércio e a livre produção seriam garantidos.

Estas formulações de Locke sobre a educação com-

4. Anibal PONCE, Op.cit., p.128.

pletavam o conjunto de argumentos por ele utilizados na crítica ao Estado monárquico absoluto, Estado que se converteu em obstáculo ao desenvolvimento das forças produtivas necessárias à implantação de uma nova ordem política, econômica e social que, baseando-se na liberdade, igualdade e prosperidade, consolida como natural a acumulação capitalista.

Segundo A.Ponce, a incorporação dos conteúdos propostos por Locke à educação do "jovem gentleman" indicava uma mudança de orientação da nobreza em relação aos negócios do Estado, uma vez que

"...o comércio e a indústria haviam diminuído as distâncias que existiam entre o burgues e o nobre; haviam introduzido a necessidade de novos métodos na educação, e, acelerando o progresso científico, minavam cada vez mais dogmas veneráveis. Mas, não se tratava apenas disso; eles afrouxavam cada vez mais os entraves que o feudalismo impunha a sua própria expansão..." (5)

Era necessário, sobretudo, lutar contra todas as barreiras que o feudalismo ainda impunha. Liberdade de comércio, de crenças e de idéias.

Particularmente no que se refere à liberdade de crenças e idéias, a burguesia tinha como interlocutor a Igreja. Os seus dogmas seculares precisavam ser rejeitados e, assim, len-

5. Anibal PONCE, p.129.

tamente tornar-se-ia possível, para a burguesia, separar a fé da lei.

Essa rejeição à igreja se expressa nos conteúdos da educação que a burguesia quer construir, uma educação utilitária, prática, colada às necessidades da indústria e do comércio. Não mais uma educação verbalística e dogmática como preconizava a Igreja que a tinha sob seu domínio. "Para que o ensino do latim", perguntava Locke, "uma língua que a criança nunca usará"? É preciso que a educação responda às necessidades da sociedade, enfim... que seja útil para a vida.

Locke preocupou-se, de fato, com a "educação integral" de seu jovem gentleman, não descuidando-se de nenhum aspecto. Os cuidados com o corpo, parte da educação cavalheiresca, integravam as suas preocupações pedagógicas, aliás esta é uma preocupação que figurará nas formulações pedagógicas liberais, ganhando maior destaque e sistematização na segunda fase do liberalismo, fase da burguesia enquanto classe contra-revolucionária.

Se Locke interpretou as idéias pedagógicas da burguesia na Inglaterra, Rousseau foi aquele que, na França, deu suporte aos ideais de educação sustentados pela Revolução Burguesa de 1789. As formulações teóricas de Rousseau contribuíram, de modo decisivo, para o desenvolvimento das idéias educacionais do fim de século XVIII e século XIX. Grande teórico da democracia liberal, Rousseau, assim como Locke, postulava uma educação de

elite, uma educação para um aluno ideal, o seu Emílio, um indivíduo suficientemente abastado para poder manter um preceptor que o acompanhasse por todos os lugares e que o orientasse em todos os momentos de sua vida.

Não havia em Rousseau uma preocupação com a educação das massas, do mesmo modo que em suas formulações pedagógicas não existe a preocupação da preparação da criança para a sua vida de adulto, no sentido de moldá-la de uma determinada maneira. Para ele, seria preciso ter em conta a criança, fonte primeira da educação; são suas necessidades, seus impulsos e sentimentos que estabeleceriam as linhas gerais do seu "vir a ser", um "vir a ser" que ocorreria, evidentemente, com o auxílio inteligente do mestre.

Em seu Emílio, obra na qual coloca as suas impressões sobre a educação da criança e do jovem, Rousseau se refere a uma nova maneira de se educar: exclue os estudos especulativos, evidencia a necessidade de ensinar não muitas coisas mas aquelas que são úteis, condena o excesso de livros para as crianças que para ele matam a ciência, advoga um maior contato com a natureza, preconiza uma vida ao livre, a prática de exercício...enfim, podemos afirmar que em Rousseau está contida uma proposta de redescoberta da educação dos sentidos.

Quanto à questão específica da importância dos exercícios físicos na educação, Rousseau foi aquele que, como

Locke, dedicou-lhe especial atenção. Podemos afirmar que é Locke, num primeiro momento, e Rousseau, num segundo, aqueles que fornecem os elementos essenciais que serão desenvolvidos no século XIX sobre a necessidade e a importância do exercício físico na educação do homem. Nas páginas de seu "Emílio", livro II, Rousseau não deixou de contemplar os exercícios físicos, e, sobre eles, assim se expressa:

"...Si desea cultivar la inteligencia de su alumno, cultive las fuerzas que deben regirla. Ejercite su cuerpo continuamente: hágalo fuerte y sano, para que pueda hacerle inteligente y razonable; dejele trabajar, dejele hacer, dejele correr, dejele gritar, dejele ser hombre de vigor y pronto se hará de razon".(7)

Os princípios político-democráticos formulados por Rousseau, nos quais estão presentes a sua concepção de Homem como ser universal, liberado e pleno, o Homem total que se expressa em Emílio, tiveram grande influência nos educadores da época e, particularmente, nas primeiras sistematizações sobre a Educação Física.

Com Rousseau, de modo mais evidente que em outros pensadores liberais, a questão do exercício físico ganha espaço e passa a ser uma preocupação do Estado burguês. Essa preocupação é de tal ordem que vamos encontrar mais tarde, com Leppelletier e Condorcet, o exercício físico como parte integrante da formação moral e intelectual do cidadão.

7. Jean Jacques ROUSSEAU, apud A. LANGLADE e N.R. LANGLADE, Teoria general de la gimnasia, p.23-4.

Antes de discutirmos as propostas de Leppelletier e Condorcet, cabe-nos fazer referência a alguns expoentes da teoria política liberal francesa, que tiveram em Rousseau sua grande fonte de inspiração e contribuíram para construir uma concepção burguesa e liberal de Educação e de Educação Física, assim como contribuíram com suas idéias para desencadear o processo revolucionário na França.

Sendo assim, não poderíamos deixar de fazer referência a François Marie Arouet Voltaire (1694-1778), contemporâneo de Rousseau e um apaixonado defensor da discriminação social, tese que o colocava em radical oposição a Rousseau.

Voltaire buscava a liberdade, mas uma liberdade que pudesse propiciar as mais completas oportunidades de progresso aos grandes proprietários. Todas as melhorias que desejava conseguir estavam direcionadas a essa classe. Seu liberalismo limitou-se às necessidades dos senhores de bens e propriedades, não existindo em seu pensamento nenhuma indignação em relação a ordem social vigente.

Quanto à ignorância das grandes massas, Voltaire a via como fator essencial para a manutenção da propriedade, bem como de servidores para conservá-la. Considerava que o esclarecimento do povo poderia trazer graves consequências à ordem estabelecida, pois acreditava que a educação pudesse diminuir as desigualdades sociais e, desse modo, as massas esclarecidas poderiam



se constituir em ameaça à burguesia em ascensão.

Diferentemente de Voltaire, Denis Diderot (1713-1784) era não só favorável como defensor de uma instrução para todos, "desde o Primeiro Ministro ao mais humilde camponês" (8), dizia ele.

Diderot concebia a educação como sendo uma certa libertação, e quando indagado sobre a razão pela qual a nobreza se opunha a que os camponeses recebessem instrução, assim responde: "...Porque é mais difícil explorar um camponês que sabe ler do que um analfabeto". (9)

As opiniões distintas de Diderot e Voltaire refletem, segundo A.Ponce, os interesses de classe representados por ambos. Enquanto Voltaire representava os interesses da alta burguesia, bem como os da nobreza letrada, Diderot era o representante das aspirações dos operários e artesãos.

Segundo Luis Antônio Cunha, estes liberais, que não eram propriamente teóricos da educação, evidenciavam, cada um a seu modo, o grande papel social que o liberalismo reservava à educação.

Do idealismo romântico de Rousseau ao conservadorismo reacionário de Voltaire, passando pelo otimismo de Diderot,

8. Anibal PONCE, Educação e luta de classes, p.133.

9. Ibid., p.133.

o liberalismo considerava a educação como o instrumento de ascensão social, como prática capaz de promover uma igualdade de oportunidades.

Qual é o palco destas representações? A França revolucionária, tempo e espaço onde as mudanças e as transformações se colocavam como um imperativo das forças econômicas, e onde se acreditava na educação como prática capaz de promovê-las. Este é o momento no qual alguns liberais passam a ocupar-se prioritariamente com a questão da educação, radicalizando suas propostas no sentido democrático, e ousando transformá-las em reivindicações legais.

Expressão desse radicalismo liberal com relação à educação pode ser sentido através daqueles teóricos que vieram a participar de modo mais direto da Revolução Francesa, dos quais o protagonista mais significativo desta nova fase na França foi, sem dúvida, Jean Antoine Nicolas de Caritat, Marquês de Condorcet (1743-1794).

Mesmo não sendo um profissional da educação, Condorcet dela se ocupou, elaborando propostas práticas para a solução dos problemas a ela inerentes. Para ele, as soluções seriam efetivadas através de um plano de ensino, o qual visava a construção de um sistema público, gratuito e laico de educação, cuja finalidade seria estabelecer uma igualdade de oportunidades.

A laicização, democratização e politização da instrução passa a ser objeto de discussões políticas nas grandes assembleias legislativas. As declarações revolucionárias na França e na América trazem consigo a exigência de uma instrução universal.

Condorcet será aquele que, com o advento da Revolução Francesa, se elegerá, em 1789, como deputado por Paris à Assembleia Legislativa, e será encarregado pelo Legislativo de redigir um projeto relativo à instrução pública na França. Onze anos mais tarde, em abril de 1792, o projeto de Condorcet torna-se famoso e conhecido como "Rapport sur l instruction publique".
(10)

Em seu projeto, Condorcet concede ao Estado o poder de controlar o ensino e o obriga a dar ao povo instrução. Ele diferencia instrução de educação e enfatiza como dever do Estado a primeira, deixando a segunda, mais voltada às crenças filosóficas, religiosas e morais, a cargo dos padres.

Enfatizando a instrução laica sob o domínio do Estado, o Marquês acreditava que nenhum "talento" passaria despercebido, e que todos os recursos, até então somente ao alcance dos

10. Sobre o assunto consultar E. BADINTER e R. BADINTER, Condorcet un intellectuel dans la Politique.

ricos, estariam agora ao alcance de todos. Difundindo as luzes, seria possível multiplicar as descobertas científicas e, desse modo, o poder do homem sobre a natureza.

As ciências deveriam tomar o lugar até então importante ocupado pelas letras; as faculdades de teologia deveriam ser suprimidas, pois o estudo das ciências é mais eficaz que o da filosofia no combate aos preconceitos e a mesquinhez. A. Ponce observa que "...como orientação geral, não era possível interpretar de melhor maneira o espírito da burguesia nesse instante: científica, cética e prática"...(11)

O espírito científico e prático da burguesia revolucionária, bem interpretado por Condorcet, pode ser apreendido num dos objetivos do seu Rapport:

"Assegurar a cada um a cultura que desenvolverá plenamente os diversos talentos pessoais. Para isto, é necessário que a instrução varie segundo a natureza e potencial, que ela se diversifique, por assim dizer, de acordo com cada indivíduo. É necessário, por outro lado, que ela seja proporcional ao tempo que cada um, segundo sua situação econômica, possa dar aos estudos. É necessário, então, observar essas diferenças e estabelecer diversos graus de instrução de acordo com elas, de modo que cada aluno percorra, mais ou menos segundo o tempo de que disponha e sua maior ou menor facilidade de aprender..."(12)

11. Anibal PONCE, Op.Cit., p.140.

12. Luis Antônio CUNHA, Educação e desenvolvimento social no Brasil, p.42.

Evidentemente, o tempo para percorrer os diferentes "graus de ensino" e a "facilidade" para aprender não era igual para todas as crianças. Daí a necessidade de "adequar" o ensino em graus, de modo a que todas as crianças tivessem acesso a algum grau, de acordo com seus "talentos", o que, em outra perspectiva, nada mais é do que classificá-las de acordo com a sua condição de classe.

As escolas laicas, públicas e gratuitas que Condorcet propunha para todos, não eram frequentadas por todos. Apenas a pequena e média burguesia tinham acesso a ela. As crianças do povo não as frequentavam por uma razão muito simples: elas precisavam trabalhar para sobreviver.

É com ironia que A. Ponce refere-se ao Rapport de Condorcet propondo escolas gratuitas para as crianças: "... grande vantagem para uma criança que desde os 5 anos deve ganhar o pão de cada dia, o fato de as escolas serem gratuitas! Se ela não pode frequentá-las que lhe importa que a escola seja gratuita ou não?". (13)

A proposta de Condorcet, nos moldes em que pensou a educação, não foi a única. Outros pensadores liberais também fizeram projetos na mesma perspectiva.

13. A. PONCE, op.cit., p.141.

Louis Michel Lepelletier de Saint Fargeau (1760-1793), político francês eleito em 1789 como presidente do Parlamento de Paris e deputado da nobreza aos Estados Gerais, elaborou, assim como Condorcet, um Plano Nacional de Educação, transformando-o em projeto que foi votado no ano de 1793.

Em seu plano, o sistema nacional de educação é concebido como um peça chave para o desenvolvimento do novo regime político e social. Pela educação, formaria-se o homem novo, liberto das sujeições da antiga ordem e da fortuna de nascimento.

Assim como outros teóricos liberais de seu tempo, Lepelletier fala da igualdade, gratuidade e obrigatoriedade do ensino, assim como também postula a sua laicidade.

Em relação ao conteúdo que deverá ser contemplado pela educação, será o teórico que abrirá espaço para os exercícios físicos em suas propostas pedagógicas, as quais passam a ter caráter de lei.

Sobre os exercícios físicos, assim se expressa Lepelletier:

"...O objetivo da educação nacional será fortificar o corpo e desenvolvê-lo por meio de exercícios de ginástica; acostumar as crianças ao trabalho das mãos; endurecê-las contra toda espécie de cansaço, dobrá-las ao jugo de uma disciplina salutar; formar-lhes o coração e o espírito por meio de ins-

truções úteis, e dar conhecimentos necessários a todo cidadão, seja qual for sua profissão..." (14)

Esta seria a educação capaz de formar homens completos, necessários para desenvolver e aprimorar a nova sociedade, portanto, ela deveria ser um "direito" de todos os cidadãos. Porém as propostas teóricas não são colocadas em prática para todos e este "direito" mantém-se ao nível do discurso, assim como a liberdade e a igualdade.

As propostas pedagógicas, tanto de filósofos como de políticos liberais clássicos, refletem as contradições do poder e a tomada deste mesmo poder em nome do Homem universal.

Assim como na França, a Alemanha também busca criar as condições institucionais para educar o homem universal. Seus pedagogos foram formados e influenciados pelos ideais franceses, particularmente pelo naturalismo romântico de Rousseau e a educação de Emílio.

O pedagogo por nós selecionado para esta breve referência à educação na Alemanha é Johan Bernard Basedow. Em 1774, Basedow cria o Philantropinum, um estabelecimento de ensino para aplicar em maior escala as idéias de Rousseau, o que comprova a forte influência exercida pelas idéias do pedagogo francês.

14. Luis Antônio CUNHA, Op.cit., p.43.

O objetivo do Philantropinum seria o de formar os cidadãos do mundo, tornando-os aptos a uma vida mais útil e também mais feliz.

Na historiografia da Educação Física, particularmente no trabalho de Aluizio Ramos Accioly, Basedow figura como aquele pedagogo que criou:

"...a primeira escola dos tempos modernos (que teve) um cunho profundamente democrático, pois seus alunos provinham indiferentemente, de todas as camadas sociais. Foi também a primeira escola a incluir a ginástica no currículo, no mesmo plano das matérias chamadas teóricas ou intelectuais". (15)

De fato, o pedagogo alemão contemplou a ginástica na escola, organizando o currículo de tal modo que ela viesse a figurar como parte integrante da educação escolar. Suas atividades eram assim distribuídas ao longo do dia: "5 horas por dia para o estudo, 3 horas para a recreação, que compreendia a prática da esgrima, da equitação, da dança e da música, e 2 horas para os trabalhos manuais". (16)

-
15. Aluísio Ramos ACCIOLY, Basedow e sua contribuição à Educação Física, p.5. Ver também Inezil Pena MARINHO, História geral da Educação Física, em especial Cap.10. Para uma leitura mais crítica, consultar Jacques ROUYER. Pesquisas sobre o significado humano do desporto e dos tempos livres e problemas da história da Educação Física. In: Desporto e desenvolvimento humano; Manoel SERGIO. A Prática e a Educação Física.
 16. Ibid., p.6.

Com tão rico e organizado currículo, é de se esperar que ele não se destinasse a todos, como afirma Accioly, e o sentido "democrático" dessa escola é bastante discutível. Por outro lado, Basedow realmente desejava uma escola para todos, só que essa escola não seria a mesma para todos.

A. Ponce, analisando a obra de Basedow, evidencia para nós a superficialidade das colocações de Accioly acerca do pensamento do pedagogo alemão, do seu Philantropinum e da sua concepção de educação. Ao abstrair a importância dada por Basedow à ginástica, Accioly coloca-o numa posição mitificada, o que lhe impede de perceber, por exemplo, a visão de classe do autor em questão. Vamos verificar como Basedow pensava sua escola para "formar os cidadãos do mundo", segundo os estudos de A. Ponce:

"Antes de tudo, ele distinguia dois tipos de escolas, uma para os pobres e outra para os filhos dos cidadãos mais eminentes. "Não há qualquer inconveniente em separar as escolas grandes (populares) das pequenas (para os ricos e também para a classe média), porque é muito grande a diferença de hábitos e de condição existentes entre as classes a que se destinam essas escolas. Os filhos das classes superiores devem começar bem cedo a se instruírem, e como devem ir mais longe do que os outros, estão obrigados a estudar mais... As crianças das grandes escolas (populares) devem, por outro lado, de acordo com a finalidade a que deve obedecer a sua instrução, dedicar pelo menos metade do seu tempo aos trabalhos manuais, para que não se tornem inúteis em uma atividade que não é tão necessária, a não ser por motivos de saúde, às classes que trabalham mais com o cérebro do que com as mãos... Nas grandes escolas - diz Basedow, em seguida - além de ensinar a ler, a escrever e a contar, os mestres também devem cuidar daqueles deveres que são próprios das classes populares... (pois) felizmente, as crianças plebéias necessitam menos instrução do que as outras, e devem dedicar

metade do tempo aos trabalhos manuais".(17)

Ao afirmar que as crianças plebéias necessitavam de "menos instrução", Basedow justifica de modo preconceituoso, uma dificuldade de ordem técnica existente nas grandes escolas populares: um único professor e turmas imensas constituídas por alunos de idades distintas. A.Ponce, neste sentido, afirma:

"...não é necessário dizer mais nada para se compreender em qual dessas escolas se podia formar os "cidadãos do mundo": enquanto nas escolas populares a instrução, felizmente, devia ser exígua, nas outras, ao contrário, os vícios ou defeitos eram castigados "transformando-se uma hora de estudos, em uma hora de trabalhos manuais".(18)

A escola pública vai, portanto, enquanto instituição, ser reservada às classes populares, introduzir nos currículos e programas a divisão intelectual e manual do trabalho, considerando a função que as crianças iriam desempenhar na idade adulta.

A divisão do trabalho intelectual e manual estava, portanto, na base das argumentações destes pensadores, divisão esta que a escola deveria perpetuar. Desse modo, o preconceito contra a classe trabalhadora se alarga e o pensamento pedagógico

17. Anibal PONCE, op.cit., p.136-7.

18. Ibid., p.137.

deixa claro em qual dessas escolas, a dança, a música, a equitação e a esgrima figurariam como componentes curriculares; em qual dessas escolas se estaria resgatando a "educação dos sentidos" de que tanto falara Rousseau.

As propostas de Basedow para a escola e, particularmente, para o espaço nela ocupado pelo exercício físico, propostas nas quais estava contido um nítido caráter de classe, são também compartilhadas pelo suíço J.H. Pestalozzi (1746-1827).

Pestalozzi foi um discípulo da Revolução Francesa e, como tal, compartilhava de seus ideais, chegando mesmo a acreditar que a Revolução tinha sido um castigo para os nobres. Entretanto, o pedagogo suíço se inquietava com a propaganda revolucionária, desejando até mesmo que ela cessasse, uma vez que, para ele, tudo aquilo que o povo necessita pode ser concedido pelos governantes atuais; não há mais necessidade de transformações e muito menos de violências.

Em suas formulações pedagógicas, considerava importante educar os sentidos das crianças, incluindo nos currículos a música e a ginástica. Sobre a ginástica assim se expressa:

"A utilidade da ginástica para o corpo é inegavelmente grande: mas eu afirmo que igualmente precioso é o proveito moral que dela se tira. "Seria bom unir cedo os exercícios com outros, que possam contribuir para formar o gosto...O bom gosto e a nobreza do sentir são entre eles afins".(19)

19. J.H. PESTALLOZZI, apud M.A. MANACORDA, op.cit., p.265.

Mas ao mesmo tempo em que propunha a música e a ginástica, atividades então desconhecidas na educação popular tradicional, Pestalozzi acreditava que a ordem social havia sido criada por Deus e concordava com a idéia da existência de "tantos homens e tantas educações quanto classes... o filho do aldeão deve ser aldeão, e o filho do comerciante, comerciante".(20)

Pestalozzi interpreta com "sabedoria" as necessidades da sociedade que se caracteriza pela divisão do trabalho e pela criação de funções cada vez mais específicas a serem desempenhadas por indivíduos "treinados" para tal, quer física, mental ou moralmente.

Para Pestalozzi, segundo suas próprias palavras, a educação é

"Somente...um meio para conseguir um elevadíssimo objetivo, que consiste em preparar o ser humano para o uso livre e integral de todas as suas faculdades (pois) mediante a educação o homem deve tornar-se útil à sociedade...também nas mais modestas condições de vida".(21)

Certamente este pedagogo possuía grande benevolência para com os pobres. Porém, considerando a sua concepção de educação, como educação de classe, não podemos deixar de concor-

20. Anibal PONCE, op.cit., p.143

21. J.H. PESTALLOZZI, apud, M.A. MANACORDA, p.267.

dar com Anibal Ponce quando afirma que Pestalozzi "nunca pretendeu outra coisa a não ser educar os pobres para que estes aceitassem de bom grado a sua pobreza".(22)

Pestalozzi é aquele pedagogo que apresenta propostas pedagógicas na virada do século, período já de confrontação ou mesmo de antagonismo da burguesia enquanto classe no poder com a mais nova força política da sociedade capitalista: o proletariado.

O século XIX representa este novo momento no qual a burguesia já começa a deixar de ser "classe revolucionária". Suas idéias sobre a sociedade e sobre os homens vão sendo adaptadas para suportar as novas lutas que se travam pela manutenção de seu *staus quo*.

2. O ESPAÇO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO.

A Revolução Proletária de 1848 exige modificações nas relações entre o Estado e a sociedade civil. E este é o momento no qual o liberalismo passa a ter outra função.

Segundo M. J. Warde (23), este é o momento no qual

22. Anibal PONCE, *op. cit.*, p.143.

23. Mirian Jorge WARDE, *Liberalismo e Educação*, p.58-9.

começa a existir uma ampliação dos direitos políticos aos não proprietários, ao mesmo tempo em que o tema da democracia passa a ser incorporado. A Revolução de 1848 faz surgir, também, uma legislação trabalhista e o direito de organização dos trabalhadores em sindicatos. Neste quadro, redefinem-se as relações entre Estado e sociedade civil, porque outras necessidades estão colocadas na sociedade.

A própria necessidade de instrução, nesta segunda metade de sec. XIX, passa a ter uma importância jamais acreditada. As transformações introduzidas no processo produtivo neste período, graças aos avanços técnico-científicos, exigem da força de trabalho nas fábricas, nas indústrias e no comércio, modificações substantivas na formação dos recursos humanos necessários para garantir a acumulação do capital.

A relação capital/trabalho passa a ser, mais do que em qualquer outro momento, mediada pela necessidade da instrução mínima, e

"...o trabalhador assalariado já não poderá satisfazer o seu padrão se não dispuser ao menos de uma educação elementar. É pois necessário procurá-la como uma condição sine qua non para ser explorado".(24)

Em fins do séc. XIX, vamos encontrar uma burguesia

24. Anibal PONCE, op.cit., p.145.



contra revolucionária, que tinha plena convicção da importância e da necessidade da instrução elementar extensiva às massas. Uma instrução elementar seletiva e organizada, de modo a acentuar a divisão entre trabalho intelectual e manual...uma instrução que não ameaçasse os privilégios e a ordem estabelecida após o massacre da Comuna de Paris. Foi assim que a burguesia pensou numa

"...educação primária para as massas, uma educação superior para os técnicos, (reservando porém) para os seus filhos outra forma de educação - o ensino médio - (onde) as ciências ocupavam um lugar discreto, (e onde) o saber continuava livreco e bastante divorciado da vida real".(25)

Enquanto proclamava o trabalho como a "virtude fundamental do homem", a burguesia reservava para os seus filhos um ensino totalmente divorciado do trabalho. Um ensino que, não estando vinculado ao trabalho, era por ela considerado como o único "digno das classes superiores", no qual figuravam todas as ciências e as técnicas mais modernas, mas onde as humanidades e as letras, porém, não poderiam deixar de se fazer presentes, porque elas "são o próprio homem".

Essa educação divorciada do trabalho produtivo, mas equilibrada o suficiente para dar ao aluno as noções necessárias para entender o mundo do seu tempo, era dada nos liceus, estabelecimentos de ensino frequentados por alunos que podiam estu-

25. Anibal PONCE. op.cit., p.146.

dar até os 22 anos sem trabalhar para ganhar a vida... "os homens propriamente ditos". Como observa A. Ponce, "... não se pode expressar com mais franqueza o caráter de classe do ensino médio". (26)

E é com nítido caráter de classe que a burguesia vai construindo o seu sistema educacional e resolvendo uma de suas grandes contradições: de um lado, a necessidade de que qualquer trabalhador, para manejar qualquer instrumento, saiba ler; e de outro lado, o temor por parte da burguesia de que esta instrução possa tornar o trabalhador mais independente, menos assustado, menos humilde. (27)

"A burguesia solucionou esse conflito entre os seus temores e os seus interesses, dosando com parcimônia o ensino primário e impregnando-o de um cerrado espírito de classe como para não comprometer, com o pretexto das "luzes", a exploração do operário, que constitui a própria base da sua existência". (28)

Entretanto, até mesmo esta exploração começa a ser "controlada" pela própria burguesia, que toma consciência de que a sua "galinha de ovos de ouro", conforme expressão de Anibal Ponce, era constituída pelo "lar operário", o mesmo lar que ela desarticulou de modo deliberado, priorizando as necessidades do capital.

26. Anibal PONCE. op.cit., p.149.

27. Ibid., p.150.

28. Ibid., p.150.

Através de seus teóricos, a burguesia se apressa neste momento em proclamar as necessidades de reorganizar a família, preservá-la dos perigos do "mundo do vício", da prostituição, do crime, ao mesmo tempo em que proclama os "sagrados direitos da infância", criando leis para proteger a infância desamparada, leis que, aliás, nunca foram cumpridas(29).

Reorganizar a família (depois de tê-la destruído em nome do capital); criar dentro desta reorganização familiar um espaço próprio e "respeitado" para a mulher (depois de tê-la feito degenerar-se fisicamente, quer pelo trabalho na fábrica, quer pela prostituição ou por ambas as alternativas apontadas); regenerar fisicamente o trabalhador (depois de tê-lo aniquilado pelas condições de trabalho com suas intermináveis horas sem repouso, alimentação ou descanso).

Como afirmamos no início deste segundo capítulo, a classe no poder, em meados do século XIX, tinha plena consciência da importância da força física do trabalhador. "Regenerar", "revigorar" esse corpo debilitado e aviltado, devolver-lhe a "saúde física", sem, entretanto, alterar substantivamente suas condições de vida e de trabalho era o seu discurso nesta nova fase do capitalismo, na qual necessitava criar novos mecanismos jurídicos e institucionais para "controlar a liberdade", para "garantir a igualdade" e para "assegurar a propriedade".

29. Anibal PDNCE. op.cit., p.151.

A extensão da escolarização primária foi colocada então, como um dos mecanismos privilegiados para o controle das formas de pensamento e de ação do "corpo social", e, dentro da escola, renascia um conteúdo bastante enaltecido pelo pensamento médico e pedagógico ao longo de todo o século XVIII.

Estamos nos referindo ao exercício físico como elemento da educação, tão enaltecido por Rousseau, Basedow, Pestalozzi e pelos políticos revolucionários franceses que fizeram da educação, lei, como Concorcet e Lepelletier.

O exercício físico denominado de ginástica, desde o século XVIII, com maior ênfase, porém, no século XIX, foi aquele conteúdo curricular que introduziu na escola um tom de laicidade, uma vez que passava a tratar do corpo, território então proibido pelo obscurantismo religioso. Desse ponto de vista, só podemos louvar as teses dos pedagogos liberais por voltarem sua atenção também ao corpo.

Entretanto, quando analisamos a ótica sob a qual esse "olhar" para o corpo se deu, deparamo-nos com seu caráter conservador e utilitário. O estudo do corpo dos indivíduos, este importante instrumento da produção, passou a ser rigorosamente organizado sob a luz da ciência, mais especificamente das ciências biológicas.

Este conhecimento do corpo biológico dos indivíduos, se de um lado teve um significado de libertação, na medida em que evidenciou as causas das doenças (agora não mais entendidas como castigo de Deus), bem como sistematizou alguns cuidados para com o corpo, entre os quais o exercício físico, de outro lado limitou, profundamente, o entendimento do homem como um ser de natureza social, cuja "humanidade" provém de sua vida em sociedade. (30)

Na medida em que o método científico utilizado para dar conta da explicação da sociedade é tomado das ciências físicas e biológicas, o fato social e o sujeito que o constrói - o homem - aparecem como que aprisionados nos limites dessas ciências.

As questões sociais passam a ser "naturais" e o "homem social" passa a ser "homem biológico". Essas concepções, em última análise, desembocam nas absurdas teorias raciais, por nós já abordadas ao longo deste estudo.

Essas referências à biologização e à naturalização do homem e da sociedade são necessárias, uma vez que a Educação Física, que renasce no século XIX, será aquela que se constitui,

30. Sobre a determinação sócio-histórico no desenvolvimento humano, consultar Alexis LEONTIEV, O Desenvolvimento do psiquismo, em especial o capítulo intitulado O homem e a cultura, p.259-284.

basicamente, a partir de um conceito anátomo-fisiológico do corpo e dos movimentos que este realiza.

O seu referencial estará, também, carregado de intenções do tipo: regenerar a raça, fortalecer a vontade, desenvolver a moralidade e defender a pátria. As ciências biológicas e a moral burguesa estão na base de suas formulações práticas.

A partir destas afirmações, torna-se indispensável frisar que o renascimento da Educação Física, se por um lado representou avanço à educação, na medida em que se constituía em mais um elemento laico na sua estruturação, por outro, representou atraso, significando disciplinarização de movimentos, domesticação, na medida em que se constituía em mais um canal, absolutamente dominado pela burguesia, para veicular o seu modelo de corpo, de atividade física, de saúde... a sua visão de mundo.

A Educação Física, filha do liberalismo e do positivismo, deles absorveu o gosto pelas leis, pelas normas, pela hierarquia, pela disciplina, pela organização da forma. Do liberalismo, forjou sua "regras" para os esportes (que, não por acaso, surgiram na Inglaterra), dando-lhes a aparência de serem "universais" e, deste modo, permitindo a todos ganhar no jogo e vencer na vida pelo próprio esforço. Do positivismo, absorveu, com muita propriedade, sua concepção de homem como ser puramente biológico e orgânico, ser que é determinado por caracteres genéticos e hereditários, que precisa ser "adestrado", "disciplina-

do". Um ser que se avalia pelo que resiste.

Uma Educação Física pautada por estes pressupostos deixa-nos muitas indagações, especialmente quando o seu texto ganha o contexto: a Europa que consolida vitoriosa a "Dupla Revolução" e o modo de produção capitalista.

Podemos afirmar que, a partir da primeira década do século XIX, a Educação Física é sistematizada em "métodos", ganha foros científicos e é disseminada como o "grande bem" para todos os males", como protagonista de um corpo saudável... saudável porque fazia exercícios físicos.

Entretanto, o exercício físico não é saudável em si, não gera saúde em si, é apenas e tão somente um elemento, num conjunto de situações, que pode contribuir para um bem estar geral e, neste sentido, aprimorar a saúde, que não é um dado natural, um apriori. Ao contrário, saúde é resultado, porque mais do que o vigor físico ao nível corpóreo, compreende o espaço de vida dos indivíduos, daí não ser possível medi-la, nem avaliá-la apenas pela aparência de robustez ou de fadiga.

Sempre vinculada à saúde biológica, a Educação Física será protagonista de um projeto maior de higienização da sociedade. O corpo do qual se ocupa, é o corpo anátomo-fisiológico, é ele que será a referência fundamental de seu desenvolvimento enquanto prática social. Entretanto, uma Educação Física assim

construía torna-se a-histórica, pois,

"...na medida em que a multiplicidade das determinações que marcam o corpo dizem respeito à forma pela qual o homem se relaciona com o meio físico e com os outros homens, e ainda às formas assumidas historicamente por essas relações, o corpo anátomo-fisiológico aparece como um corpo investido socialmente. É através das normas elaboradas na vida coletiva que o corpo se dimensiona e adquire o significado por referência à especificidade da estrutura social...o corpo é disposto na sociedade antes de tudo como agente do trabalho, o que remete a idéia de que ele adquire seu significado na estrutura histórica da produção: significado que se expressa na quantidade de corpos "socialmente necessários", no modo pelo qual serão utilizados, nos padrões de ação física e cultural a que deverão ajustar-se". (31)

A Educação Física, construída de maneira autônoma em relação à sociedade, que objetiva o corpo dos indivíduos em configurações precisas e determinadas historicamente, coloca-se como uma prática "neutra", capaz de alterar a saúde, os hábitos e a própria vida dos indivíduos. E é assim que ela começa a ser veiculada como uma necessidade, passando a integrar o conjunto de normas que tratam dos "cuidados com o corpo", cuidados esses que, ao nível do discurso, passam a ser um problema de Estado.

Particularmente, o exercício físico seria aquele "cuidado com o corpo", dotado de poderes capazes de resolver os problemas colocados pela sociedade industrial, pela divisão do trabalho no processo produtivo.

O exercício físico, então, seria aquele elemento

31. Maria Cecília F. DONNANGELO, Saúde e sociedade, p.25-6.

capaz de, em plena Revolução Industrial, "neutralizar" os conflitos sociais e "equilibrar" a vida no mundo do trabalho, espaço onde o trabalhador necessita mais atenção e também mais saúde para suportar as intermináveis horas sem descanso e em posições absolutamente nocivas ao seu corpo, bem como à sua mente, pois, ali, realiza um trabalho estúpido, mecânico, e ele, trabalhador/ser humano, nada mais é do que um simples acessório da máquina.

3. AS ESCOLAS DE GINÁSTICA: SAÚDE, DISCIPLINA E CIVISMO.

A partir do ano de 1800, vão surgindo na Europa, em diferentes regiões, formas distintas de encarar os exercícios físicos. Essa "formas" receberão o nome de "métodos ginásticos (ou escolas)" e correspondem, respectivamente, aos quatro países que deram origem às primeiras sistematizações sobre a ginástica nas sociedades burguesas: a Alemanha, a Suécia, a França e a Inglaterra (que teve um caráter muito particular, desenvolvendo de modo mais acentuado o desporto). Essas mesmas sistematizações serão transplantadas para outros países fora do continente europeu.

A ginástica, considerada a partir de então científica, desempenhou importantes funções na sociedade industrial, apresentando-se como capaz de corrigir vícios posturais oriundos das atitudes adotadas no trabalho, demonstrando, assim, as suas vinculações com a medicina e, desse modo, conquistando status.

Para além desse caráter medicalizante, a ginástica oferecia, também, uma grande dose de disciplina... e disciplina era algo absolutamente necessário à ordem fabril e a nova sociedade.

O aprofundamento dessa temática, certamente necessário para uma maior compreensão da Educação Física, não se constitui em objeto de investigação do presente trabalho. Nossa intenção ao trazer a discussão dos "métodos ginásticos", no âmbito de nossos estudos, deve-se ao fato de estarem eles sempre presentes nos discursos de estadistas, médicos e pedagogos brasileiros. Para além de sua presença naqueles discursos, o seu conteúdo se revela marcadamente medicalizante, afirmação que pode ser traduzida, sobretudo, pelas ciências que lhes servem de base.

Isto posto, passaremos a fazer referência àquelas escolas de ginástica que tiveram maior penetração no Brasil, procurando destacar o viés médico higiênico que expressam, as ciências pelas quais se pautam e a moral que proclamam. Não nos ocuparemos das questões pedagógicas que estas escolas certamente suscitam.

Apresentando algumas particularidades a partir do país de origem, essas escolas, de um modo geral, possuem finalidades semelhantes: regenerar a raça (não nos esqueçamos do grande número de mortes e de doenças); promover a saúde (sem alterar as condições de vida); desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver (para servir à pátria nas guerras e na indústria) e,

finalmente, desenvolver a moral (que nada mais é do que uma aculturação nas tradições e nos costumes dos povos).

Assim é que passamos a situar o seu surgimento na Europa e a sua implantação no Brasil, de forma apenas descritiva, tendo por objetivo trazer um maior número de informações que permitam a compreensão de nosso objeto.

A ESCOLA ALEMÃ

Na Alemanha, a ginástica surge para atingir as finalidades apontadas anteriormente, particularmente a da defesa da pátria, uma vez que, este país, no início do século XIX, não havia ainda realizado a sua unidade territorial. Era preciso, portanto, criar um forte espírito nacionalista para atingir a unidade, que seria conseguida com homens e mulheres fortes, robustos e saudáveis.

Acreditavam os idealizadores da ginástica alemã que este "espírito nacionalista", e este "corpo saudável", poderiam ser desenvolvidos pela ginástica, construída a partir de "bases científicas", ou seja, das ciências que dominavam a sociedade da época: a biologia, a fisiologia, a anatomia.

Guths Muths, um dos fundadores da ginástica na Alemanha, assim se expressa sobre o que deve dar fundamento à ginástica: "...eu bem sei (afirmava ele) que uma verdadeira teoria da ginástica deverá ser fundada sobre bases fisiológicas e que a prática de cada exercício ginástico deverá ser calculada segundo a constituição de cada indivíduo".(32)

Baseada nas leis da fisiologia, a ginástica para este autor deveria ser organizada pelo Estado e ministrada todos os dias para todos: homens, mulheres e crianças. Note-se que, no início do século XIX, já aparece uma preocupação com o corpo da mulher, pois é ela que gera os "filhos da pátria". A ginástica, então, ministrada todos os dias, seria o meio educativo fundamental da nação, disseminando cuidados higiênicos com o corpo e com o espaço físico onde se vive.

As preocupações que nortearam os idealizadores da ginástica na Alemanha deitam raízes nas teorias pedagógicas de Rousseau, Basedow e Pestalozzi, teorias que justificam a idéia de formar o homem completo (universal) e onde o exercício físico ocupa lugar destacado.

Outro idealizador da ginástica na Alemanha que acompanha as idéias dos pedagogos liberais é Friederic Ludwig Ja-

32. Guths MUTHS, apud Inezil Pena Marinho, História geral da Educação Física, p.119. Ver também Jayr Jordão RAMOS, Os exercícios físicos na história e na arte.

han (1778-1825).

Jahn reforçará, para além da saúde e da moral, o carácter militar da ginástica. Ele acreditava que para formar o "homem total", a ginástica deveria estimular a aplicação dos jogos, pois eles se constituem em verdadeira fonte de emulação social, assim como dava, também, especial atenção às lutas, uma vez que lhe era sempre presente a possibilidade de uma guerra nacional.

Em suas formulações práticas para a execução dos exercícios físicos, Jahn cria "obstáculos artificiais", obstáculos esses que mais tarde serão denominados de "aparelhos de ginástica".

Com forte orientação de teor cívico e patriótico, a ginástica de Jahn encontra grande respaldo na classe dirigente, que acaba por reforçar o carácter militar e patriótico de seu movimento de ginástica, denominado de Turnem. Os Turnem eram

"...grandes festas gímnicas, grandes encontros de massas muito disciplinadas, (e) são organizados a partir de 1814, mas sobretudo depois de 1860. Encontra-se (nos Turnen)... uma primeira forma de instrução física militar, destinada às massas, que corresponde às necessidades práticas da burguesia". (33)

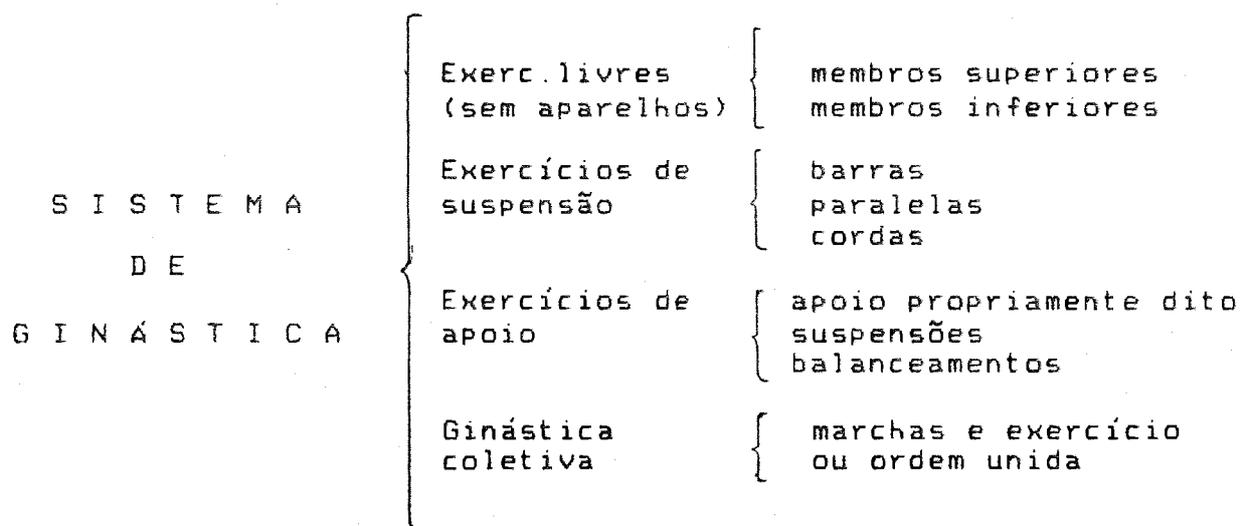
Essa forma de instrução física militar, destinada às massas, embora disseminasse, do ponto de vista ideológico, a

33. Jacques ROUYER, op.cit., p.117.

moral e o patriotismo, apresentava um forte conteúdo higiênico e tinha por finalidade primeira tornar os corpos ágeis, fortes e robustos. Em momento algum, a saúde física deixou de pontuar aquelas propostas, e o corpo anátomo-fisiológico sempre foi seu objeto de atenção. O viés médico-higiênico emprestava o caráter científico que, juntamente com a moral burguesa, completava o caráter ideológico.

Se Guts Muths e Jahn preocuparam-se com as massas em geral, Adolph Spiess (1810-1858) será aquele que se preocupará com a ginástica nas escolas, e assim como Basedow, propõe que um período do dia seja dedicado ao exercício físico.

A.R. Accioly (34) assim esquematiza o sistema de ginástica escolar de A. Spiess:



Como podemos verificar, o sistema de ginástica de

34. Aluisio Ramos ACCIOLY, Adolph Spiess e a Ginástica nas Escolas Alemãs, p. 9

A. Spiess é absolutamente mecânico e funcional, muito embora a historiografia da Educação Física enalteça os valores "pedagógicos" de seu sistema.

Conforme observa A.R. Accioly, Spiess era aquele que "...conceituava a educação como indivisível, abraçando toda a natureza da criança e situando a ginástica como responsável pela perfeição do corpo, que o poria em equilíbrio com a alma". (35)

Embora fale em educação indivisível, Spiess se contradiz pois afirma ser a ginástica para o corpo, um equilíbrio para a alma, o que nada mais é do que um reforço ao caráter meramente instrumental da ginástica na escola.

De um modo geral, o movimento de ginástica na Alemanha caracterizou-se por um forte espírito nacionalista, tendo os famosos Turnen de Jahan desenvolvido-se a partir de 1870 sob quatro orientações: nacionalista, socialista, ultranacionalista e racista.

Já no século XX, particularmente após a primeira guerra mundial e a derrota da Alemanha, a tendência ultranacionalista irá, segundo J. Rowyer,

"...servir os apetites de espaço vital do imperialismo alemão e o movimento é utilizado para mobilizar a juventude, servindo-se da ginástica e das técnicas dos desportos individuais. Depois de 1935... o movimento gímnico contribui para a for-

35. Ibid., p.7.

mação do jovem fascista, rigorosamente controlado". (36)

Do século XIX ao início do século XX, a ginástica, na Alemanha não teve outra finalidade a não ser controlar os indivíduos através de seu corpo, formando-os para uma determinada visão de mundo, "naturalmente", com muita disciplina.

O investimento no corpo dos indivíduos, através da ginástica de massas, ou daquela ministrada nas escolas, no limite, considera cada indivíduo como soldado, que repete na disciplina um gesto idêntico.

O exercício físico, então, apresenta-se como uma aplicação realista das teorias educacionais (37), que exaltam o desenvolvimento completo do homem universal. Sob uma teoria da Educação Física idealista e individualista, que em outras circunstâncias passaria ao largo das preocupações da burguesia alemã, ela satisfaz uma necessidade prática: proporcionar uma instrução física de massas e atender, por esta via, a necessidade histórica da unidade nacional para a defesa da pátria, e, mais tarde, para a defesa contra a agressão imperialista.

No Brasil, segundo o professor Inezil Pena Marinho

36. Jacques Rouyer, Op.cit., p.179.

37. Sobre teorias educacionais consultar B. SUCHODOLSKI, A pedagogia e as grandes correntes filosóficas; B.CHARLOT, A mistificação pedagógica.

(38), a implantação da ginástica alemã ocorre na primeira metade do século XIX.

A historiografia da Educação Física brasileira registra que a implantação da ginástica alemã, neste período, deve-se ao grande número de imigrantes alemães que aqui se instalaram, e que tinham, naquela ginástica, um hábito de vida. Sua implantação, também, é atribuída aos soldados da Guarda Imperial, que eram de origem prussiana e que, ao deixarem o serviço militar, não mais regressavam ao país de origem, preferindo permanecer no Brasil.

Esse contingente populacional de origem alemã cria inúmeras sociedades de ginástica com as características básicas traçadas por Jahn, Guths Muths e Spiess (39).

Por volta de 1860, o método alemão é consagrado como o método oficial do exército brasileiro, sendo que, em 1870, o Ministro do Império determina a tradução e publicação do "Novo Guia para o Ensino de Ginástica nas Escolas Públicas da Prússia". O método alemão permanece como oficial da Escola Militar até o ano de 1912, quando então é substituído pelo método francês. (40)

-
38. Inezil P. MARINHO. História da Educação Física no Brasil, p.39.
39. Em São Paulo, a 12 de dezembro de 1888, é fundada a "União de Ginástica Alemã", que mais tarde, em 1938, será nacionalizada por força de Decreto Lei no.383/38 e denominada "Associação de Cultura Física São Paulo 1938". A 11 de abril de 1892, em Porto Alegre, foi criada a Sociedade de Ginástica Jurnerbund, segundo os moldes preconizados na época por Jahn. Ibid., p.40.
40. Ibid., p.40.

Quanto às escolas primárias, o método alemão não foi considerado pelos brasileiros como o mais adequado. Rui Barbosa o combateu para as escolas, preferindo que as mesmas adotassem o método sueco.(41)

A ESCOLA SUECA

A sistematização da ginástica na Suécia ocorre no início do século XIX. Voltado para extirpar os vícios da sociedade, entre os quais o alcoolismo, o método sueco de ginástica se colocava como o instrumento capaz de criar indivíduos fortes, saudáveis e livres de vícios, porque preocupados com a saúde física e moral. Esses eram os indivíduos necessários já que seriam úteis à produção e à pátria. Bons operários, uma vez que a esta época a Suécia dá início ao seu processo de industrialização, e bons soldados uma vez que a ameaça de guerras era sempre presente.

Per Henrick Ling (1776-1839), poeta e escritor, propõe um método de ginástica, impregnado de nacionalismo e destinado a regenerar o povo, formar, enfim, homens de bom aspecto que pudessem preservar a paz na Suécia.

41. Ibid., p.40.

Fundamentado teoricamente num idealismo espiritua-
lista e conservador, que faz lembrar Platão, o método de Ling, no
entanto, é bastante lógico nos meios que emprega, considerando o
nível científico da época.

Como tratava-se, na Suécia, de uma educação de
classe, predominantemente intelectual, aquela educação que forma
um homem universal, descolada das relações sociais, a Educação
Física não poderia fugir a essa orientação geral. Ela visava,
portanto, a formação de um corpo sadio e robusto que pudesse ser
colocado a serviço da alma. ... "Essa educação física, duplamente
abstrata, procura os seus meios na ciência da época, e deduz da
análise anatômica do corpo uma série racional de movimentos for-
madores. É a primeira forma elaborada de uma educação física abs-
trata e conservadora". (42)

Segundo Inezil P. Marinho (43), Ling considerava
que a sua ginástica poderia ser dividida em quatro partes, de
acordo com os diferentes fins visados. Assim, ela poderia
ser:

a) "Ginástica pedagógica ou educativa" - aquela que todas as pes-
soas, independentemente de sexo ou idade e até mesmo, como

42. Jacques ROYER, op.cit., p.179-80.

43. Inezil Pena MARINHO, Sistemas e métodos de Educação Física,
p.186.

afirmava Ling, "de condição material e social", poderiam praticar. O seu mais elevado objetivo seria o de "assegurar a saúde, evitar a instalação de vícios, defeitos posturais e enfermidades..." (44), enfim, pela sua prática regular, o indivíduo estaria desenvolvendo-se normal e harmoniosamente;

- b) "Ginástica militar" - deveria incluir a ginástica pedagógica, acrescida de exercícios propriamente militares tais como "...o tiro e a esgrima (os quais objetivam) a preparar o guerreiro para colocar fora de combate o adversário"(45);
- c) "Ginástica médica e ortopédica" - que também deveria estar baseada na ginástica pedagógica, visando "...por intermédio de certos movimentos especiais para cada caso, eliminar vícios ou defeitos posturais e curar certas enfermidades"(46);
- d) "Ginástica estética" - que assim como as demais, estaria baseada na ginástica pedagógica e, para além dela, procuraria "...desenvolver harmonicamente o organismo, completada por atividades que emprestam graça e beleza ao corpo, como a dança e certos movimentos suaves"(47).

44. Inezil Pena MARINHO. Sistemas e métodos de Educação Física, p.187.

45. Ibid., p.187.

46. Ibid., p.187.

47. Ibid., p.187.

Com essa divisão da ginástica feita por Ling, na qual detalha os objetivos a serem por ela alcançados, torna-se evidente o viés médico higiênico, assim como a concepção anátomo-fisiológica do homem. A ginástica aparece como um conteúdo absolutamente neutro, dotado, seguramente de uma "magia" que a faria atingir seus diferentes fins propostos.

Vejamos como é organizada uma lição do método sueco(48):

- 1o. - Exercícios de ordem.
 - 2o. - Exercícios de pernas ou movimentos preparatórios formando uma pequena série. Esta série se decompõe assim:
 - a) movimentos de pernas;
 - b) movimentos de cabeça;
 - c) movimentos de extensão dos braços;
 - d) movimentos do tronco para frente e para trás;
 - e) movimentos laterais do tronco;
 - f) movimentos outros de pernas.
 - 3o. - Extensão da coluna vertebral.
 - 4o. - Suspensões simples e fáceis.
 - 5o. - Equilíbrio.
 - 6o. - Passo ginástico ou marcha.
 - 7o. - Movimentos dos músculos dorsais.
 - 8o. - Movimentos dos músculos abdominais.
 - 9o. - Movimentos laterais do tronco.
 - 10o. - Movimentos das pernas.
 - 11o. - Suspensões mais intensas que as do No.4o.
 - 12o. - Marchas ou Movimentos de pernas, executados mais rapidamente que os outros, para preparar para os saltos.
 - 13o. - Saltos.
 - 14o. - Movimentos de pernas.
 - 15o. - Movimentos respiratórios.
- A ginástica feminina era idêntica à masculina, com as seguintes restrições:
- I - Evitar movimentos muito acentuados para trás;

II - Não realizar movimentos que possam congestionar a bacia;

III- Abster-se do trabalho físico durante a menstruação.

Os principais aparelhos utilizados pelo método sueco eram e ainda são:

a) barra móvel para exercícios de suspensão e equilíbrio;

b) cavalo de pau, plintos, carneiros;

c) espaldares e banco sueco."

Como podemos verificar através dessa lição, bem como através dos objetivos da ginástica em suas quatro divisões, o "método de Ling" é pautado essencialmente na anatomia e na fisiologia. Através dessa "ginástica pedagógica e higiênica" se poderia "assegurar a saúde (pois ela é) essencialmente respiratória", assim como a "beleza, por seus efeitos corretivos e ortopédicos". Além, é claro, do seu papel na formação do caráter, por ser "enérgica e viril", empregando economicamente as forças do indivíduo. E, finalmente, essa panacéia universal chamada ginástica é também profundamente "...social e patriótica (por contribuir para uma) educação disciplinada da célula humana (chamando-a) à serviço da sociedade. Por meios simples ela assegura resultados certos". (49)

Resultados tão certos que passa a integrar o conteúdo escolar. Segundo I.P Marinho, em 1807, na Suécia, certamente pela influência de Ling, os estabelecimentos de ensino deveriam destinar um local apropriado para os exercícios físicos, bem como

49. Inezil Penna MARINHO. Sistemas e métodos de Educação Física, p.183.

deveriam ser nomeados professores especiais para ministrá-los.

Esse método terá grande penetração na França, Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra, assim como também chegará ao Brasil.

Como é um "método de ginástica" pautado pela ciência, com fins não acentuadamente militares, mas "pedagógicos" e "sociais", será utilizado sempre que as nações se encontrarem em paz. O fato de apresentar uma "base científica", a partir da anatomia e fisiologia, desperta o interesse dos meios intelectuais, que acabam justificando, seja pelo idealismo ou pela razão, a necessidade de sua prática.

Segundo J.Rowyer, o "método sueco" pode, sobretudo, ao mesmo tempo que sensibilizou os meios intelectuais, "... transformar-se ao nível das massas, numa instrução física generalizada, dada coletivamente na disciplina, para responder às necessidades da produção".(50)

No Brasil, Rui Barbosa foi um grande defensor da ginástica sueca de Ling, fundamentalmente por ela basear-se na "ciência" e relacionar-se com a medicina e com os médicos, grandes magos do Brasil republicano.

50. Jacques ROUYER, op.cit, p.180.

A sua divulgação no Brasil parte, portanto, da defesa que faz dela Rui Barbosa, num primeiro momento e Fernando de Azevedo décadas mais tarde.

A historiografia da Educação Física registra que a defesa da ginástica sueca feita por Rui Barbosa, juntamente com a publicação de algumas obras a partir de 1888 (51), contribuíram para disseminá-la no Brasil, colocando-a como mais adequada aos estabelecimentos de ensino, dado o seu caráter essencialmente pedagógico. Com isto, lentamente, a ginástica alemã vai se restringindo aos estabelecimentos militares e a ginástica sueca vai se tornando a mais adequada para a Educação Física civil, quer seja no âmbito escolar, quer seja fora dele. (52)

A ESCOLA FRANCESA

A França é o berço das concepções liberais clássi-

-
51. - (1888) - Pedro Manoel BORGES. Manual teórico prático de ginástica escolar (Elementar e superior).
 (1896) - Arthur HIGGINS. Compêndio de ginástica e jogos escolares.
 (1905) - Domingos do NASCIMENTO. Homem forte.
 (1911) - A. HIGGINS. Compêndio de ginástica escolar, livro que foi adotado oficialmente em 1912 pela Diretoria Geral de Instrução Municipal no Distrito Federal.
 (1915) - Fernando de AZEVEDO. A poesia do corpo ou a ginástica escolar.
 (1920) - F. de AZEVEDO. Da Educação Física, livro no qual o autor defende a ginástica sueca, Inezil P. MARI-NHO. História da Educação Física no Brasil, p. 40-1.
52. Em São Paulo, em 1901, o Dr. Domingos Jaguaribe funda o Instituto Jaguaribe. Esta instituição, adotando o método sueco, alcançou a soc. paulista, disseminando-se no âmbito extra escolar. Ibid., p. 41.

cas de educação, concepções essas que incluíam também o exercício físico como elemento indispensável à educação do "Homem universal".

As idéias pedagógicas de Rousseau, assim como as de Condorcet e Lepelletier, conferem um espaço considerável às questões do corpo. Rousseau, particularmente, foi aquele que mais influenciou as sistematizações que ocorreram sobre o exercício físico ao longo de todo o século XIX, não apenas na França, mas na Alemanha, Suécia, Tchecoslovaquia e Dinamarca.

Na França, a ginástica integra a idéia de uma educação voltada para o desenvolvimento social, onde são necessários homens completos: todo cidadão tem "direito à educação".

É nesta perspectiva que a ginástica será organizada não somente para militares, mas também para toda a população, colocando-se como uma prática capaz de contribuir para a formação do homem "completo e universal".

A ginástica na França desenvolveu-se na primeira metade do século XIX, baseada nas idéias dos alemães (Jahan, Guths Muths), contendo, desse modo, além das preocupações básicas com o corpo anátomo-fisiológico, um forte traço moral e patriótico.

Para o seu fundador, D. Francisco Amoros y Odeano (1770-1848), a ginástica na França deveria abranger

"...a prática de todos os exercícios que tornam o homem mais corajoso, mais intrépido, mais inteligente, mais sensível, mais forte, mais habilidoso, mais adestrado, mais veloz, mais flexível e mais ágil, predispondo-o a resistir a todas as intempéries das estações, a todas as variações dos climas, a suportar todas as privações e contrariedades da vida, a vencer todas as dificuldades, a triunfar de todos os perigos e de todos os obstáculos que encontre, a prestar, enfim, serviços assinalados ao Estado e a humanidade". (53)

Toda essa gama de qualidades físicas, psicológicas e morais seriam desenvolvidas e aprimoradas por este mágico conteúdo - a "ginástica" - que, para além de desenvolver essas qualidades, teria ainda por finalidade, o atingimento da "saúde", o prolongamento da vida e, conseqüentemente o melhoramento da espécie humana. Tudo isto seria conseguido sem alterar absolutamente nada em relação a ordem política, econômica e social. Através da ginástica, que "em si" promove a saúde, cria homens fortes, seria possível aumentar a riqueza e a força, tanto a do indivíduo quanto a do Estado.

Da flexão muscular ao sucesso nas lutas industriais e nas guerras, este era o slogan da ginástica na Europa do século XIX. De fato, as preocupações com a debilidade física das populações era procedente. No que tange ao alistamento militar, por exemplo, a França teve na primeira metade do século XIX sérias dificuldades em arregimentar soldados para a sua infantaria. Marx observa que, de 1818 a 1832, as leis que regulamentavam a

53. F. AMOROS, apud I. P. MARINHO, op. cit., p. 102

altura mínima exigida para o alistamento na tropa sofreu grandes alterações. Foi necessário diminuir a altura exigida para se ter soldados na tropa. (54)

Para além dos exércitos, o problema da produção também se colocava. Os corpos saudáveis eram também uma exigência do capital. E a ginástica, "receitada" e incentivada para todos era como um remédio que teria a capacidade de extirpar a fraqueza e devolver a virilidade do povo.

Amoros, imbuído dos ideais patrióticos e morais, criou o "método francês de ginástica", um "método" que teve grande penetração no Brasil. A ginástica de Amoros apresenta uma caracterização semelhante àquela de Ling na Suécia. Sua ginástica, de acordo com a finalidade, poderia ser: civil e industrial, militar, médica e cênica ou funambulesca.

A ginástica civil é aquela que mais despertou interesse entre os brasileiros e foi, desse modo, mais disseminada. Vejamos como é desenvolvida uma lição de ginástica, conforme preconiza o método francês de Amoros:

10. - Exercícios elementares ritmados e sustentados por cantos, com o objetivo de desenvolver a voz e ativar os movimentos respiratórios.
20. - Exercícios de marchar e correr, em terrenos os mais variados, escorregar e patinar, habi-

54. Karl MARX, O capital, V.1, p.270.

- tuar-se às corridas de fundo e de velocidade.
30. -Exercícios de saltar em profundidade, altura e largura, em todas as direções, para a frente, para os lados, e para trás, com ou sem armas, com o auxílio de uma vara ou de um bastão; ou de um fuzil ou lança.
 40. -Exercícios de equilíbrio ou de passagem sobre pinguelas, barra fixa ou oscilante, horizontal ou inclinada, a cavalo ou de pé, progredindo para a frente ou para trás, a fim de habituar-se à passagem de ribeiros ou precipícios, utilizando-se de ramos de árvores ou de uma vara.
 50. -Exercícios de transposição de obstáculos naturais, como barreiras, muros, fossos, etc... , conduzindo ou não uma carga.
 60. -Exercícios das mais diversas lutas para desenvolver a força muscular, a destreza, a resistência à fadiga e subjugar o adversário.
 70. -Exercícios de trepar em escada vertical ou progredir em escada horizontal, fixa ou oscilante com auxílio dos pés e das mãos ou então ao longo de uma corda cheia de nós, ou descer escorregando ou de qualquer outra maneira.
 80. -Exercícios de nadar, nú ou vestido, com ou sem carga, sobretudo armado; de mergulhar e manter-se longo tempo em equilíbrio sobre a superfície líquida; de aprender a salvar uma pessoa, sem, entretanto, se deixar agarrar por ela.
 90. -Exercícios para transpor um espaço determinado com suspensão variável, de braços, mãos e pés, ou somente com o auxílio das mãos, ou ainda com o auxílio de uma vara ou corda esticada.
 100. -Exercícios, parado ou em movimento, com habilidade, segurança, de suspender corpos de conformações várias, incômodos e pesados algumas vezes homens ou crianças: salvá-los em perigo; arrastar ou empurrar pesos ou massas consideráveis para poder aplicá-los aos casos de utilidade militar ou de interesse público.
 110. -Exercícios de prática da esferística antiga e moderna, atlética e militar em todas as suas modalidades de lançar bolas, balões, e pela, de diferentes pesos e tamanhos e arremessar toda espécie de projéteis sobre pontos determinados.
 120. -Exercícios de tiro ao alvo, fixo ou móvel.
 130. -Exercícios de esgrima, a pé ou a cavalo; exercícios para manejo de toda espécie de arma branca.
 140. -Exercícios de equitação; fazer o treinamento no cavalo de pau e repeti-lo, depois, com o

animal.

150. -Exercícios para a prática das danças pírricas ou militares e das danças de sociedade, dando a estas o mais amplo desenvolvimento. Existe aqui esta observação: "La danse scénique ou théâtrale appartient au funambulisme et ne peu entrer dans notre plan". (55)

Dessas quinze séries de exercícios propostos por Amoros, podemos apreender o seu caráter utilitário, absolutamente conforme a ideologia da época. Assim como também é possível apreender a sua preocupação com o desenvolvimento da força física, da destreza, da agilidade e da resistência, qualidades físicas essenciais tanto para o trabalho fabril quanto para as lutas pela defesa da pátria.

A partir de 1850, a ginástica amorosiana integrará os currículos de todas as escolas primárias e será obrigatória para as escolas normais, mesmo sem contar com pessoal capacitado para ministrar as aulas de ginástica, que eram dadas por suboficiais do exército, absolutamente despreparados do ponto de vista pedagógico e científico. (56)

A obrigatoriedade da ginástica nas escolas de um lado, e a ausência de profissionais capacitados para ministrá-las de outro, criaram uma reação nos meios científicos,

55. Inezil Pena MARINHO, op.cit., p.102-4.

56. A. LANGLADE, op.cit., p.278.

reação essa que acentua-se na segunda metade do século XIX, período no qual a burguesia européia já não é a única protagonista da história moderna. Uma novíssima força política surge: o moderno proletariado industrial, que, na França, instaura a primeira experiência mundial de Poder Operário em 1871, a Comuna de Paris (57), e faz nascer concepções inovadoras na educação.

Para manter o seu status quo e o seu domínio absoluto da sociedade

"...a burguesia desencadeia uma repressão sangrenta e para utilizar os trabalhadores e dismantelar o movimento, tem como objetivo a vingança militar, ao mesmo tempo que encoraja o nacionalismo. Formam-se um grande número de sociedades de ginástica e de preparação militar. A influência das realizações de Jahan (criador do método alemão de ginástica) é real. A União das Sociedades de Ginástica de França cria-se em 1873. Para ajudar este movimento, o Exército forma em Joinville instrutores com técnicas semelhantes às de Amoros, seguindo-se em 1902, com o método sueco, e, por fim, em 1910, volta-se às práticas iniciais (ou seja, as propostas de Jahan)". (58)

Este é o quadro no qual se dá o desenvolvimento da ginástica na França, na segunda metade do século XIX. Uma ginástica que, mesmo pontuada por questões militares, estará mais próxima de cientistas, médicos higienistas e laboratórios, do que de generais e batalhas.

57. Sobre esse assunto consultar P.O. LISSAGARAY. Histoire de la Commune de 1871; Karl MARX. A Guerra Civil em França.

58. Jacques ROUYER, op.cit., p.182.

A partir dos trabalhos de Amoros, ocorre um crescente envolvimento de estudiosos da biologia, fisiologia, assim como de médicos em torno da problemática do exercício físico. Foram os estudos e as pesquisas oriundos da biologia, fisiologia e medicina, que contribuíram para "elevar" o nível dos exercícios físicos na França. Em todos os debates sobre a questão, ressaltava-se o valor higiênico e o conteúdo anatômico do método sueco de Ling, o único que partia de um estudo "racional e científico".

Estes estudos e pesquisas deram origem a um movimento de sistematização do exercício físico na França, que se pauta pelo conteúdo médico-higiênico, cujos representantes são George Demeny (1850-1917), Philippe Tissié (1852-1935), Fernand Lagrange (1845-1909) e Esteban Marey (1830-1904).

Particularmente os trabalhos de G. Demeny e P. Tissie serão bastante citados no Brasil por Rui Barbosa e Fernando Azevedo, quando defendem as "bases científicas" da Educação Física, bem como a sua inclusão na escola.

George Demeny, biologista, fisiologista e pedagogo, acreditava que a Educação Física devia abandonar procedimentos empíricos e inspirar-se nas leis físicas e biológicas. Esse era o caminho a ser por ela percorrido para construir uma doutrina a partir de resultados de experiências feitas com o auxílio do "método científico".

Para Demeny

"...El problema da (Educacion Física) es susceptible de precisión, él debe ser atacado por todos los medios de que la ciência dispone; cada vez que uno se há tomado el trabajo de medir, las nociones se han hecho más claras: aportar um instrumento nuevo de mensura, significa render más servicio a la causa que el formular opiniones o críticas preconcebidas". (59)

Medir, comparar, experimentar. Demeny era um seguidor do positivismo comteano, buscava na ciência positiva e no "método científico", as respostas para a Educação Física, a qual definia como sendo: "...el conjunto de medios destinados a enseñar al hombre ejecutar um trabajo mecânico cualquiera, con la mayor economia possible en el gasto de fuerza muscular. (60)

Em Demeny podemos encontrar, a partir dessa sua definição de Educação Física, os elementos que mais tarde serão desenvolvidos sobre o gesto do trabalhador, gesto esse que a ciência se ocupará a partir da crescente complexificação do maquinário moderno, e da necessidade de uma maior e mais rápida produção.

Passemos agora a uma lição de ginástica, a partir do método de Demeny:

59. Georges DEMENY, apud A. LANGLADE, op. cit., p.259.
60. Ibid., p.261-2.

"PLAN GENERAL DE UNA LECCION DE SESENTA MINUTOS (61)

Fines o efectos a obtener	Natureza de los ejercicios	Duración relativa
PRIMEIRA SERIE		
-Efecto general moderado. -Educación del ritmo.	-Marchas, evoluciones, ejercicios de orden.	5 minutos 1 min. re- poso
SEGUNDA SERIE		
-Desarrollo simétrico del cuerpo. Rectificación de las malas actitudes. -Ampliación del tórax. -Independencia y precisión de los movimientos. -Adquirir sentido de equilibrio y combatir el vértigo.	-Movimientos de los miembros inferiores y superiores en actitudes variadas con o sin aparatos. -Equilibrio sobre el suelo y sobre la barra. -Boxeo, bastón, Luchas. Lanzamientos.	10 minutos 2 min. re- poso
TERCEIRA SERIE		
-Ampliación más marcada del tórax, flexibilidad del cuerpo, trepas y restablecimientos.	-Suspensión y apoyos sobre las manos, con o sin progresión.	10 minutos 2 min. re- poso.
QUARTA SERIE		
-Efectos general más violento sobre la respiración y la circulación; aplicaciones útiles. Efecto higiénico intenso.	-Carreras, "rebotes". -Danzas, juegos implicando la acción de correr.	6 minutos 3 min. re- poso
QUINTA SERIE		
-Ejercicios dirigiéndose más especialmente a los músculos de la espalda y del abdomen, teniendo por efectos retrotraer los hombros, abrir el pecho y aplanar el vientre	-Movimientos de tronco. -Flexiones, extensiones, movimientos laterales y torsiones con o sin aparatos.	6 minutos 2 min. re- poso
SEXTA SERIE		
-Gasto máximo de trabajo; aplicación práctica a los saltos con obstáculos.	-Saltos variados a pie firme y con impulso. -juegos gimnásticos implicando saltos.	10 minutos
SEPTIMA SERIE		
-Ejercicios teniendo por fin aprender a respirar y a evitar la sofoca-	-Ejercicios respiratorios. -Marchas lentas	3 minutos

ción y las palpitaciones del corazón.

TOTAL: 50 minutos de
ejercicio más
10 minutos de
reposo."

J.Rouyer(62) aponta Demeny como aquele que desenvolve uma variante progressista da Educação Física abstrata e individualista.

De fato, Demeny apresenta algumas preocupações em seu método que não estavam presentes, de modo tão marcante, em seus precursores. Para ele, o movimento a ser executado devia ser completo, contínuo, ondulado e basear-se na independência das contrações musculares, aspectos esses que ele conclui a partir de profundos estudos de fisiologia, os quais lhe permitiram discordar do método sueco de Ling, cuja característica central são os movimentos analíticos.

Demeny também afirmava que uma lição de ginástica deveria ser interessante, ou seja, prender a atenção do aluno, e, desse modo, fazê-lo, voluntariamente, desejar um esforço mais acentuado.

62. Segundo o mesmo autor, é também considerado como inovador na França, George Hérbart e o seu "Método Natural", com sua teoria "ser forte para ser útil". Embora colocado como inovador dentro dos limites da Educação Física individualista e abstrata, Hérbart é produto de um biologismo filosófico, prendendo-se ao "mito do homem natural". Para maiores esclarecimentos consultar Inezil Pena MARINHO, Sistemas e Métodos da Educação Física, A. e N.R. LANGLADE, História geral de la gimnasia.

Quanto aos exercícios físicos destinados às mulheres, Demeny teve uma notável preocupação. Seus estudos sobre o movimento arredondado, contínuo e também com o ritmo, levaram-no a trabalhar com a ginástica feminina, tendo esse trabalho uma forte influência da dança.

Com relação à saúde física da mulher, além de preconizar exercícios físicos próprios, Demeny procurou combater os ditos "hábitos elegantes", por julgá-los absolutamente nocivos à saúde da mulher. Condenava o uso de saltos altos, de portaseios, cintas, enfim, todos os meios de sustentação que fossem artificiais, porque eles apenas acentuavam "... a flacidez das paredes naturais, facilitando hérnias, a prisão de ventre, a má circulação e contribuindo para partos difíceis". (63)

Essas preocupações de Demeny sobre a "saúde" da mulher, particularmente com sua função de reprodutora, estarão marcadamente presentes nos discursos e nas propostas de intelectuais brasileiros. Tanto Rui Barbosa quanto Fernando Azevedo, em momentos distintos, articulados, porém, ao nível ideológico, não pouparão páginas em seus trabalhos (64) para enaltecer os efeitos higiênicos do exercício físico sobre as "formas feminis".

63. Inezil Pena MARINHO, op.cit., p.108.

64. Refiro-me especialmente ao Parecer de no.224 relativo à Reforma do Ensino Primário e várias Instituições Complementares da Instrução Pública, proferido por Rui Barbosa a 12 de setembro de 1882 e ao livro intitulado "Da Educação Física" de Fernando de Azevedo.

Se de um lado Demeny pode ser considerado como "inovador", dada suas preocupações mais totalizantes em relação ao exercício físico, por outro ele continua sendo conservador, uma vez que com seu método

"...Propõe-se (a) aumentar a energia física do indivíduo e acrescentar-lhe rendibilidade...Tal método diz respeito ao homem universal isolado da prática real e de todas as relações sociais, tendo como objetivo entidades abstratas, a motricidade, o movimento, a actividade humana".(65)

Desse ponto de vista, os "métodos de ginástica", até agora por nós discutidos, assemelham-se. Diferenciam-se apenas na forma, umas mais analíticas, outras mais sintéticas. Todavia, o conteúdo anátomo-fisiológico ditado pela "ciência", constitui o núcleo central das distintas propostas, além do que é claro, a moral de classe, o culto ao esforço (individual), a disciplina, obediência... ordem, adaptação, formação de hábitos...

Orientados para o desenvolvimento físico e para a saúde, o que se evidencia é que esses métodos ginásticos convêm à burguesia porque trazem, marcadamente, a possibilidade de enaltecer um indivíduo abstrato, descolado das relações sociais, e serem porta vozes de uma prática neutra, cultuando ainda o "mito do homem natural e biológico". No Brasil, a ginástica francesa foi oficialmente implantada a 12 de abril de 1921, através do Decreto

65. Jacques ROUYER, op.cit., p.184.

no.14784 (66). Sua origem, porém, remonta o ano de 1907 com a chegada da Missão Militar Francesa que... "funda o embrião da Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo, o mais antigo estabelecimento especializado de todo o Brasil". (67)

Anos mais tarde, em 1929, o Ministério da Guerra, através de uma comissão formada por civis e militares, elabora um anteprojeto de lei, cujo conteúdo de seus artigos determinava que... "a Educação Física fosse praticada por todos os residentes no Brasil e com obrigatoriedade em todos os estabelecimentos de ensino". (68). Definia, também, em seu artigo 41, o método a ser adotado:

"...Enquanto não for criado o "Método Nacional de Educação Física", fica adotado em todo o território brasileiro o denominado Método Francês, sob o título de "Regulamento Geral de Educação Física". (69).

O anteprojeto em questão recebeu severas críticas da Associação Brasileira de Educação (ABE), que desde a sua fundação, em 1924, dedicava especial atenção à Educação Física, possuindo em sua estrutura organizacional um Departamento de Educa-

66. Inezil Pena MARINHO, op.cit., p.52.

67. Mário Ribeiro CANTARINO FILHO, apud Lino CASTELLANI FILHO, Educação Física no Brasil: a história que não se conta, p.75.

68. Mário Ribeiro CANTARINO FILHO, A Educação Física no Estado Novo: história e doutrina. p.95.

69. Inezil Pena MARINHO, op.cit., p.57.

ção Física e Higiene.(70)

As críticas que fez a ABE foram dirigidas tanto ao órgão burocrático do governo, considerado incapaz de "resolver um problema educativo nacional", quanto às finalidades e inconvenientes de se transplantar, para o Brasil, um sistema estrangeiro de ginástica, tornando-o obrigatório.(71)

70. Mário Ribeiro CANTARINO FILHO, op.cit., p.92.
71. Ibid., p.96.

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: SAÚDE, HIGIENE, RAÇA E MORAL.

"(...) À escola estão confiados os altos destinos de uma nação; e o progresso(...) tem nella a sua grande força propulsora.

...O progresso de um paiz está inteiramente subordinado à unificação de seu povo, e esta - subordinada a uma boa educação pública(...) Não basta, portanto, instruir um povo: é necessário ainda conservar, augmentar e melhorar a raça.

...A força mental e moral augmenta na razão directa do desenvolvimento geral do organismo. É preciso, pois, que excitemos esse desenvolvimento por meio da educação physica. O equilibrio physico é a base do equilibrio mental, sobretudo se considerarmos os meios e as raças; é necessário pois, desenvolver o corpo, ao mesmo tempo que o espirito".

"Dr. J.F. Jorge de Souza." Da Educação Physica e inspeção médica nas escolas. CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA E CIRURGIA, 6, ANNAES, 1907, p.135-6.

1. CONSTRUINDO UM BRASIL NOVO: A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO INSTRUMENTO DA ORDEM.

A Educação Física no Brasil se confunde em muitos momentos de sua história, conforme referências nos capítulos anteriores, com as instituições médicas e militares.

Em diferentes momentos, estas instituições definem o caminho da Educação Física, delineiam o seu espaço e delimitam o seu campo de conhecimentos, tornando-a um valioso instrumento de ação e de intervenção na realidade educacional e social, ao longo do período que nos propomos analisar - 1850-1930.

No presente trabalho, as instituições médicas foram privilegiadas e o discurso médico higienista ouvido, pois acreditamos poder encontrar naquelas instituições e naquele discurso(1), elementos que nos auxiliem na compreensão de uma Educação Física como sinônimo de saúde física e mental, como promotora de saúde, como regeneradora da raça, das virtudes e da moral.

1. Segundo Nicolau SEVCENKO, "... (as) potencialidades do homem só fluem sobre a realidade através das fissuras abertas pelas palavras. Falar, nomear, conhecer, transmitir, esse conjunto de atos se formaliza e se reproduz incessantemente por meio da fixação de uma regularidade subjacente a toda ordem social: o discurso. A palavra organizada em discurso incorpora em si, desse modo, toda sorte de hierarquias e enquadramentos de valor intrínsecos às estruturas sociais de que emanam. Daí porque o discurso se articula em função de regras e formas convencionais, cuja contravenção esbarra em resistências firmes e imediatas". Literatura como missão. p.19-20.

A partir de conhecimentos e de teorias importadas do mundo europeu, os médicos desenharam um outro modelo para a sociedade brasileira e contribuíram para a construção de uma nova ordem econômica, política e social. Nesta nova ordem, na qual os médicos higienistas irão ocupar lugar destacado, também se colocava a necessidade de se construir, para o Brasil, um novo homem, sem o qual a nova sociedade idealizada não se tornaria realidade.

O pensamento médico higienista, como pudemos observar ao longo deste trabalho, construiu um discurso normativo, disciplinador e moral. A ciência positivista (2) e a moral burguesa estiveram na base de suas propostas de disciplinarização dos corpos, dos hábitos e da vida dos indivíduos, tudo em nome da SAÚDE, da paz e da harmonia social... em nome da civilização!

É evidente que não compartilhamos da idéia maniqueísta que supõe estarem os médicos higienistas pensando, a todo momento, uma nova tática de intervenção na realidade social a serviço do Estado, no sentido de auxiliá-lo a exercer, de modo mais pleno e eficaz, o seu poder e/ou chegar ao "consensus".

São inegáveis os avanços que as descobertas científicas e, particularmente, o progresso científico da higiene,

2. Sobre o processo de hegemonização do positivismo na formação dos médicos brasileiros, ver M.T.LUZ, "Medicina e ordem política brasileira", especialmente a segunda parte, intitulada "Instituições médicas do século XIX aos anos 20: os projetos de medicina social e saúde pública".

ocorridas ao longo do período analisado, tiveram na contenção das doenças, das epidemias e do grande índice de mortalidade. Conforme assinala Jurandir Freire Costa

... "(não) se trata de negar ou desvalorizar a importância destes fatos. O que importa é notar que a própria eficiência científica da higiene funcionou como auxiliar na política de transformação dos indivíduos em função das razões de Estado. Foi porque a medicina era, de fato, empírica e conceitualmente científica que sua ação política foi mais operante. Diante de um saber colonial, estribado em noções médicas dos séculos XVI, XVII e XVIII, pré-experimentais e em sua quase totalidade filosóficas e especulativas, a higiene surgiu arrasadoramente convincente. No entanto, é preciso sublinhar que sua força foi impulsionada pelo interesse político do Estado na saúde da população. No caso brasileiro esta evidência é incontestável. O Estado brasileiro que nasce com a abdicação é o moto-propulsor do súbito prestígio da higiene. A atividade médica concidia e reforçava a solidez de seu poder, por isso recebeu seu apoio". (3)

Apoiada pelo poder de Estado que... "medicaliza suas ações políticas, reconhecendo o valor político das ações médicas" (4), a medicina social, em sua vertente higienista, vai influenciar e condicionar, de modo decisivo, a Educação Física, a educação escolar, em geral, e toda a sociedade brasileira.

Expressão dessa influência pode ser apreendida através do pensamento pedagógico brasileiro, veiculado por autores representativos deste pensamento, tais como, Rui Barbosa e

3. Jurandir Freire COSTA. Ordem médica e norma familiar. p.32.

4. Ibid., p.29.

Fernando de Azevedo, por meio de publicações, discursos e conferências.

Estes autores revelam estreita e orgânica vinculação de seus discursos pedagógicos aos discursos médico-higienistas. Quanto à Educação Física, particularmente a escolar, privilegiam em suas propostas pedagógicas aquela de base anátomo-fisiológica, retirada do interior do pensamento médico higienista. Consideram-na um valioso componente curricular com acentuado caráter higiênico, eugênico e moral, caráter este desenvolvido segundo os pressupostos da moralidade sanitária, que se instaura no Brasil a partir da segunda metade do século XIX.

Essa moralidade sanitária, em cujo interior está presente uma Educação Física higiênica, eugênica e moral, teve um longo processo de desenvolvimento no Brasil até, de fato, instaurar-se com o advento da República, significando o "novo", o "científico" e expressando, desse modo, os traços da modernidade que por ela são trazidos; suas origens, porém, são coloniais.

É no Brasil colonial que as questões relativas à saúde, à higiene, ao corpo dos indivíduos, começam a fazer parte das preocupações das elites dirigentes. E o locus de atuação definido pela higiene, naquele momento, foi a família de elite.

... "Não interessava ao Estado modificar o padrão familiar dos escravos que deveriam continuar obedecendo ao código punitivo de sempre. (Os escravos) juntamente com os desclassificados de todo

tipo, serão trazidos à cena como aliados na luta contra a rebeldia familiar. Escravos, mendigos, loucos, vagabundos, ciganos, capoeiras, etc, servirão de anti-norma, de casos - limite de infração higiênica. A eles vão ser dedicadas outras políticas médicas. Foi sobre as elites que a medicina fez incidir sua política familiar, criticando a família colonial nos seus crimes contra a saúde". (5)

Uma "política familiar", entabulada pelos médicos higienistas, poderia facilmente ser justificada. As precárias condições de saúde dos adultos e os altos índices de mortalidade infantil, eram indicadores suficientes.

Foi, portanto, para viabilizar de modo mais eficaz sua "política familiar" e, através dela desenvolver "ações pedagógicas" na sociedade, que os higienistas lançaram mão da Educação Física... "definindo-lhe um papel de substancial importância, qual seja, o de criar o corpo saudável, robusto (e) harmonioso organicamente... em oposição ao corpo relapso, flácido e doentio do indivíduo colonial". (6)

Entretanto, esta construção anatômica, idealizada pelos higienistas do século XIX, este modelo de corpo eleito como aquele que deveria representar uma determinada classe e uma determinada raça,

5. Ibid., p.33.

6. Lino CASTELLANI FILHO, Educação Física no Brasil: a história que não se conta. p.43.

... "serviu para incentivar o racismo e os preconceitos a ele ligados. Para explorar e manter explorados em nome da superioridade racial e social da burguesia branca, todos os que, por suas singularidades étnicas ou pela marginalização sócio-econômica não logravam conformar-se ao modelo anatômico construído pela higiene. O cuidado higiênico com o corpo fez do preconceito racial um elemento constitutivo da consciência de classe burguesa". (7)

Consciência esta que integra e determina as formações sociais escravistas como é o caso do Brasil. Conforme assinala Octávio Ianni, estas formações sociais

... "estavam organizadas de maneira a produzir e reproduzir ou criar e recriar, o escravo e o senhor, a mais-valia-absoluta, a cultura do senhor (da casa grande), a cultura do escravo (da senzala), as técnicas de controle, repressão e tortura, as doutrinas jurídicas, religiosas ou de cunho "darwinista" sobre as desigualdades raciais e outros elementos..." (8).

No que se refere às desigualdades raciais, devemos acentuar o papel desempenhado pela ciência, que por meio de comparações e generalizações, absolutamente descontextualizadas, "comprovava" a superioridade da raça branca em relação à raça negra, assim como do homem em relação à mulher.

As pesquisas que foram desenvolvidas no continente europeu, e por nós já tratadas no capítulo I deste trabalho, con-

7. Jurandir Freire COSTA, op.cit., p.13.

8. Octávio IANNI, Escravidão e racismo, p.27-8.

tribuíram de modo significativo para cristalizar, a nível mundial, esta visão na sociedade, reforçando, desse modo, a hegemonia burguesa.

No caso do Brasil, o que traduz de forma mais marcante e "científica" as preocupações concernentes à superioridade racial branca, é o processo de eugeniização do povo brasileiro, entabulado pelas elites dirigentes, por volta já da segunda década do século XIX, mais precisamente, após a conquista de sua "independência".

É preciso assinalar que, em 1822, ano de sua independência, metade da população do Brasil era constituída de escravos negros, número este que permanece até por volta de 1850, quando para uma população de 5.520.000 de pessoas livres, havia 2.500.000 negros.(9)

Tornava-se necessário para as elites dirigentes, e coerente com o processo de eugeniização do povo brasileiro, acentuar o caráter "irracional", "bárbaro" e "primitivo" dos negros; reforçar a idéia de sua inferioridade; configurá-los como ameaça.

9. "Em 1872 os escravos eram 1.510.000, ao passo que os livres totalizavam 8.601.255. No ano da abolição, em 1888, a população escrava estava em cerca de 500.000, mas a população livre continua a crescer de forma acelerada devido a intensificação da imigração européia nas últimas décadas do século XIX. Em 1890 a população total do Brasil alcançava um pouco mais de 14 milhões de pessoas". Octavio IANNI, op.cit. p.44, ver também Caio PRADO JR., História econômica do Brasil.

Isto, porque num contexto de superioridade numérica de negros... "era grande o temor de que o potencial de rebeldia (daqueles) pudesse vir a ser manipulado, no sentido de servir de apoio aos portugueses com vocação recolonizadora".(10)

Esta visão recolonizadora, entretanto, não foi vitoriosa, mesmo porque a independência do Brasil era necessária; a colônia não era mais economicamente viável ao colonizador.

Geradas que foram nos quadros do mercantilismo europeu, as colônias do novo mundo, baseadas no trabalho escravo, foram, segundo Octávio Ianni... "influenciadas e mesmo determinadas (em graus e variáveis, é certo) pelas exigências da reprodução do capital europeu; primeiramente o mercantil e em seguida o industrial".(11)

A independência de muitas colônias (como é o caso do Brasil), com a posterior emancipação dos escravos, são processos que respondem por um lado às determinações expansionistas do capitalismo europeu, particularmente o inglês, e por outro ao aumento das contradições internas entre uma formação social escravista em decadência e uma formação social capitalista em ascensão, que, no caso do Brasil... "foi se constituindo...por dentro e

10. L. CASTELLANI FILHO, Educação Física no Brasil; a história que não se conta, p.43.

11. Octávio IANNI, op.cit., p.32.

por sobre a formação social escravista".(12)

E é dentro do quadro das contradições internas destas duas formações sociais que podemos situar a política populacionista do Estado Nacional, na qual se insere o controle familiar postulado pelos higienistas. Tal política tinha por meta estabelecer um equilíbrio de forças entre a população branca e a população negra, desenvolvendo, na primeira, através de uma apurada "educação", elementos de identificação racial e social com a elite dirigente branca.

Multiplicar o número de brancos identificados politicamente com a ideologia nacionalista, é o que visavam os médicos-higienistas... "através da disciplinarização do físico, do intelecto, da moral e da sexualidade".(13)

A garantia da procriação e o conseqüente melhoramento da geração atual, por sua vez, seria conseguido pela educação física que, associada à educação sexual deveria, segundo os higienistas,..."transformar homens e mulheres em reprodutores e guardiões de proles e raças puras".(14)

Em que pese toda a argumentação "científica", uti-

12. Ibid., p. 41.

13. L. CASTELLANI FILHO, Educação Física no Brasil; a história que não se conta, p. 44.

14. Jurandir Freire COSTA apud L. CASTELLANI FILHO, Educação Física no Brasil: a história que não se conta, p. 44.

lizada pelos médicos higienistas, enaltecendo os valores higiênicos, eugênicos e de saúde corporal que seriam conseguidos por meio da Educação Física enquanto elemento educacional, ela não logrou plena aceitação no período colonial. É possível inferir que esta não aceitação da Educação Física, por parte de setores das elites dirigentes, deveu-se aos valores dominantes do período colonial, sustentáculos da formação social escravista do Brasil colônia, na qual a divisão do trabalho determinava que aos escravos cabia o trabalho manual (físico), e às elites o trabalho intelectual. Vinculada, então, ao trabalho manual (físico), a Educação Física foi estigmatizada naquele período. (15)

Todavia, como observa L. Castellani Filho,

...“(é) importante ressaltar que se a Educação Física era rechaçada enquanto relacionada à atividade física produtiva, a “trabalho”, portanto, não o era - como continua não sendo - no outro sentido. Em sua compreensão de atividade de não-trabalho, em seu sentido lúdico, de preenchimento do ócio e do tempo livre, pelo contrário, sempre foi valorizada pela classe dominante”.(16)

É possível perceber esta valorização da Educação Física pelas elites dirigentes, através das publicações nos períodos, colonial e imperial. Tais publicações tratando-se de questões de saúde, em geral, de moral ou de educação, reservam

15. Lino CASTELLANI FILHO. Educação Física no Brasil: a história que não se conta, p.44.

16. Ibid., p.45.

espaço considerável para a Educação Física. (17)

Escritas em sua grande maioria por médicos ou apresentadas ao Colégio do Rio de Janeiro, nome da então Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, estas obras buscavam conferir "cientificidade" à Educação Física, reforçando a sua importância na obtenção de uma vida mais longa e mais "feliz".

É possível afirmar que os trabalhos escritos por médicos sobre o tema Educação Física foram importantes canais de veiculação de algo bem mais amplo; foram, por assim dizer, veículos de divulgação daquilo que poderíamos chamar de "pedagogia da boa higiene". Aquelas obras imiscuíram-se na intimidade das famílias, e, em nome de uma educação física, moral, sexual, intelectual e social, ditaram normas de vida, referindo-se à conduta de mulheres e homens, aos cuidados com os recém nascidos, ao asseio, aos banhos, aos exercícios físicos, chegando até à vestimenta e aos hábitos alimentares.

Qual era o alvo desta "pedagogia higiênica" no Brasil? Como já afirmamos, este alvo foi a família de elite agrá-

-
17. Inezil Penna MARINHO em seu livro intitulado, "História da Educação Física no Brasil, registra as obras publicadas no período colonial sobre o tema. p.18-20. São elas:
(1787) - Luis Carlos Muniz BARRETO. Tratado de Educação Física e Moral;
(1819) - Francisco de Mello Franco. Elementos de higiene ou Ditames teóricos para conservar a saúde e prolongar a vida.

ria, num primeiro momento, e a família burguesa citadina, num segundo momento. Com a população em geral, a higiene só irá começar a preocupar-se no ocaso do Império; daquele momento em diante, o discurso normativo e disciplinador da higiene se estenderá à toda população, ou seja, quando o trabalho assalariado se torna predominante.

As razões de escolha deste alvo eram óbvias, já que eram as famílias de elite que geravam os "filhos da pátria", ou seja, os quadros do governo. Além do que, assimilando a educação higiênica, ela mesma, elite, se encarregaria de veiculá-la ao conjunto da população.

Segundo Jurandir Freire Costa, os higienistas passaram a considerar que a família de elite era incapaz de criar os seus filhos e de cuidar dos adultos. Mais especificamente, a partir da terceira década do século passado, começaram a ser mais incisivos nestas afirmações, propondo até que as crianças fossem retiradas, o mais cedo possível, do ambiente familiar, tão nocivo para os "benéficos esforços da higiene".(18)

Assim, entre a família e a criança são colocados os interesses estatais veiculados pelos médicos, e os interesses médicos que são assumidos pelo Estado. A natureza da criança e a representação das suas características físicas, morais e sociais,

18. Jurandir Freire COSTA, op.cit., p.12.

são transformadas. Qual o produto dessa pedagogia higienizada, aplicada por sucessivas gerações?

Segundo Jurandir Freire Costa, esse produto é o típico indivíduo urbano de nosso tempo.

"...Indivíduo física e sexualmente obsecado pelo seu corpo; moral e sentimentalmente centrado em sua dor e seu prazer; socialmente racista e burguês em suas crenças e condutas; finalmente, politicamente convicto de que da disciplina repressiva de sua vida depende a grandeza e o progresso do Estado brasileiro". (19)

Mas, quem formaria este típico indivíduo urbano? Qual a instituição que poderia contribuir para acentuar os traços característicos deste indivíduo absolutamente necessário à construção da ordem? Qual o conteúdo que deveria ser ensinado?

Para responder a estas questões, torna-se necessário fazer referência à estrutura educacional no Brasil, particularmente aos Colégios, locais onde eram educadas as elites.

Lá, é possível perceber o enquadramento do corpo dos indivíduos de elite num espaço disciplinar determinado pela educação física, a qual incluía, entre os cuidados higiênicos, o exercício físico.

19. Ibid, p.214.

Aquele enquadramento disciplinar do corpo dos indivíduos passava a ser visto pelos médicos higienistas como um fator capital na transformação social.

F.F. Padilha, em 1853, traduz com muita propriedade o pensamento médico higienista sobre a importância da ginástica na educação física dos indivíduos:

"...O benefício e a utilidade comuns são o objetivo principal da ginástica; a prática de todas as virtudes sociais, de todos os sacrifícios mais difíceis e generosos são os seus meios; e a saúde, o prolongamento da espécie humana, o aumento da força e riqueza individual e pública são seus resultados positivos".(20)

Mas, essa educação física (que incluía em seu conteúdo a ginástica), pensada pelos médicos, só poderia ser desenvolvida a contento se os Colégios, que lhe reservavam espaço considerável, fossem reorganizados. Eles não poderiam ser um prolongamento da desordem familiar, e, muito menos ainda, o espaço de reprodução das idéias dos pais sobre a educação de seus filhos. Aquelas idéias eram absolutamente nocivas conforme observava o médico Joaquim José de Oliveira Mafra, em tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no ano de 1855 (21). Para ele, os Colégios deveriam ser contrários às idéias educacionais dos pais, porque estes

20. F.F. PADILHA, apud J.F. COSTA, op.cit., p.179.

21. J.J. de Oliveira MAFRA, apud Jurandir Freire COSTA, op.cit., p.172.

"... (querem) que se dê a seus filhos uma alimentação super abundante, esquisita, bem adubada, que agrade ao paladar; querem que se lhes ofereçam leitões bem fofos e macios, onde sejam bem agasalhados; que não se obriguem seus filhos a passeios longos, porque a fadiga, o sol, a chuva a que por ventura se exponham-lhe fazem mal; que não se exercitem na ginástica(*), porque podem machucar-se ou mesmo ferir-se..." (22)

Ora, era exatamente o contrário o que pensavam os médicos. Era desta influência nefasta para a construção do indivíduo "rijo" e "saudável" que a higiene queria ver protegidos os Colégios, uma vez que, embora os Colégios fossem pensados como o espaço ideal para a construção do novo homem e da nova sociedade, ainda não eram concretamente. Faltava-lhes, sobretudo, um compromisso com os problemas relativos à unidade nacional, uma vez que, foram criados com o espírito regionalista, que na abdicação foi a tendência majoritária.

A tendência regionalista consegue expressiva vitória através do Ato Adicional de 1834, o qual deixava ao encargo das Assembléias Provinciais, a responsabilidade de regular a instrução primária e secundária, cabendo à administração nacional somente o ensino superior. (23)

Com uma estrutura, voltada, então, exclusivamente aos interesses provinciais e locais, os Colégios (que não eram

22. Jurandir Freire COSTA. op.cit., p.171. (*) Os grifos são nossos.

23. Ibid., p.180.

mantidos pelo poder público), não ofereciam condições adequadas para educar as elites.

Some-se ainda o fato de que seus diretores, sendo expressão das correntes políticas regionalistas que criaram os Colégios, não se sentiam comprometidos com a formação da consciência pela unidade nacional. Eles estavam atentos somente aos seus próprios interesses, ou, quando muito, àqueles particulares das famílias de seus alunos(24). Havia uma espécie de "lacuna cívica", lacuna esta que

"...permitiu e apoiou a invasão higiênica na educação... (e a) higiene (então) propôs-se a suprir as deficiências políticas dos diretores, ditando as regras de formação do corpo sadio do adulto e da consciência nacionalista".(25)

Desse modo, gradativamente, os Colégios foram deixando de ser o espaço dos interesses locais e provinciais, que reproduzia a desordem familiar, para tornarem-se o "espaço da ordem", conforme expressão de J.F. Costa. Neste sentido, o pensamento médico, passou a ditar, meticulosamente, o proceder dos Colégios, desde sua arquitetura até o conteúdo curricular.

Tempo e espaço, conteúdo e forma foram pensados. O estudo, o descanso, o exercício físico, a alimentação... tudo passou a ser regulado, controlado e vigiado, e a utilização "ótima"

24. Jurandir Freire COSTA, op.cit., p.181.

25. Ibid., p.181.

do tempo passou a ser determinante na metodologia utilizada. Tornava-se imperioso não deixar margem à ociosidade pois o "...ócio (induz) à vagabundagem, à capoeiragem e aos vícios prejudiciais ao desenvolvimento físico e moral".(26)

Quanto ao lazer, este só passou a existir nos Colégios como recompensa do trabalho, sendo que a higiene procurou dar-lhe um novo conceito. Exigiu que a recreação fosse também formativa; que fosse estímulo ao corpo e ao espírito; que influísse na escolha adequada e "correta" das brincadeiras, dos exercícios e do entretenimento (27). Vinculou o tempo de recreação ao tempo de trabalho, fazendo deste o seu oponente necessário, ao mesmo tempo em que disseminou a idéia da recreação como aquela capaz de recuperar as forças que o trabalho exigiu.

Higiene física e mental, então, passou a ser sinônimo de lazer, e o ócio passou a ser obrigatório, porém, é claro, devidamente disciplinado, uma vez que, só poderiam dele usufruir, aqueles que, de fato, trabalhassem.(28)

Segundo J.F. Costa, esta "moral do lazer" corres-

26. Jurandir Freire COSTA, op.cit., p.183.

27. "Na sociedade colonial, o lazer, quando não se confundia com o trabalho, não era objeto de nenhuma codificação. O ócio era aproveitado anarquicamente, sem compromisso com objetivos de qualquer ordem. O tempo livre e a diversão cotidiana improvisavam-se ao sabor das circunstâncias". Ibid., p.183.

28. Ibid., p.184.

pondia a uma súbita valorização do trabalho que começava a despontar na sociedade brasileira, valorização esta que procurava inculcar nas crianças e jovens uma "dimensão utilitária do tempo". Perder tempo era o mesmo que perder forças, energia.

Encontramos aqui elementos bastante evidentes de...
"inculcação nos jovens dos valores típicos do universo urbano capitalisticamente mais desenvolvido..."(29)

Nesse ideário, que contempla uma súbita valorização do trabalho e no qual está contida uma ênfase aos valores tipicamente urbanos, é que vamos encontrar indícios de uma renovação cultural da sociedade brasileira.

2. A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DAS ELITES: UM DISTINTIVO DE CLASSE.

A chegada da corte portuguesa dá início a um processo de renovação cultural, colocando novas necessidades para a sociedade brasileira, como por exemplo, a escola e a vida nas cidades. Até a chegada da corte, tanto a escola quanto as cidades

29. Ibid., p.184.

não despertavam interesse ou preocupação por parte das famílias nativas de elite. Foi, portanto, a partir daquele momento que cidade e escola pontuam o universo de preocupações das elites.

A cidade passa a se constituir em espaço de preocupações, pois transforma-se em locus de grandes investimentos, outrora aplicados no tráfico de escravos.

A proibição do tráfico, em 1850, medida internacional que visa atender aos interesses do capital, desencadeia um processo de substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado. A modernização das lavouras de café pelo investimento de capitais, outrora aplicados no tráfico, bem como o aparecimento e instalação das primeiras indústrias no país, são algumas das profundas mudanças ocorridas na sociedade brasileira.

Conforme assinala Caio Prado Jr.,

... "a abolição do tráfico africano consumada naquele ano (1850), terá por efeito imediato desencadear as forças renovadoras em gestação. O país entra bruscamente num período de franca prosperidade e larga ativação de sua vida econômica. No decênio posterior a 1850, observam-se índices dos mais sintomáticos disto: fundam-se no curso dele, 62 empresas industriais, 14 bancos, 3 caixas econômicas, 20 de seguros, 4 de colonização, 8 de mineração, 3 de transporte urbano, 2 de gás, e finalmente 8 estradas de ferro". (30)

Todos estes empreendimentos como já afirmamos, eram resultado de uma súbita disponibilidade de capitais outrora investidos no tráfico de escravos. Este era um novo momento para o Brasil, um Brasil que nascia para as atividades financeiras e onde um capitalismo incipiente dava seus primeiros e modestos passos. (31)

São essas mudanças estruturais da sociedade brasileira, acompanhadas de uma renovação cultural de influência européia trazida pela corte, que tornava a cidade o locus privilegiado dos acontecimentos. Era lá que estavam os empreendimentos modernos, as fábricas, as indústrias, as atividades financeiras.

Para entender este universo urbano, sempre mais complexo e mais valorizado, é que se colocava a necessidade da escola. Era fundamental para as elites um determinado tipo de educação, uma educação cuja disciplina, o tempo e a ordem eram elementos fundamentais.

E é neste conjunto de elementos, tidos como fundamentais na educação das elites (educação esta a ser ministrada pelos Colégios), que ganha espaço a Educação Física, uma vez que o físico disciplinado era uma exigência da nova ordem em gestação. Disciplinar o físico, portanto, era o mesmo que disciplinar o

31. Ibid., p.192-3.

espírito, a moral e, assim, contribuir para a construção daquela nova ordem.

Conforme afirmações dos médicos higienistas, a disciplina do físico seria apenas um instrumento, e a Educação Física passaria então a constituir-se em elemento de extrema validade para colocar em prática o processo disciplinar dos corpos.

Vejamos como isto é possível a partir de um aspecto considerado pelos médicos como básico para o desenvolvimento dessa "Educação Física" das elites: a separação por idade e por sexo. (32)

Segundo a argumentação médica para o cumprimento dessa regra, considerada básica, toda e qualquer prescrição de exercícios físicos dar-se-ia sempre em função das características sexuais e da faixa etária das crianças, sendo que o único modo de exercitar o corpo comum a todas seria a ginástica.

32. A separação por sexo para o desenvolvimento da Educação Física na instituição escolar prevalece até os dias de hoje, conforme atesta a legislação específica que, pautada por uma concepção biologicista de Educação Física, tem na aptidão física a referência fundamental para o planejamento, controle e avaliação daquele componente curricular, exigindo, para tal, a separação dos alunos por sexo para a composição das turmas. Decreto No. 69.450 de 10. de nov. de 1971, Título II, Da caracterização dos objetivos, parágrafo 10. do art. 30.

A ginástica era entendida pelos médicos, naquele momento, como o modo de exercitar o corpo possível a todas as crianças, observando-se apenas as variações de intensidade e complexidade em relação às características citadas(33). É conveniente assinalar que, a definição de ginástica era aquela formulada pelos franceses, particularmente o trabalho desenvolvido por Amoros e por nós já tratado no capítulo II deste estudo.

Ginástica era, então, definida como ... "uma série de movimentos simples e combinados, dispostos em uma certa ordem, e próprios para fazerem desenvolver, gradualmente, as peças de que se compõem o nosso organismo".(34)

A ginástica podia ser comum a todos dada a sua definição genérica e utilitária; ela era como que um trabalho de base. Entretanto para o completo trabalho de educação do corpo, eram necessários, também, exercícios específicos. Exercícios estes que pudessem desenvolver os órgãos dos sentidos; exercícios que pudessem atender aos preceitos da elegância e, portanto, variar entre os sexos. (35)

Canto, declamação, piano e dança foi o indicado

33. J.F. COSTA, p.185.

34. J.B. de ANDRADA JR., apud. J.F.COSTA, op.cit., p.185.

35. Jurandir Freire COSTA, op.cit., p.185.

para as meninas. Salto, carreira, natação, equitação e esgrima foi o indicado aos meninos, sendo que a dança era indicada para ambos os sexos.

Das atitudes respeitadas que comunicavam para o corpo ao fortalecimento morfofuncional, passando pelos lisonjeios ao espírito, os exercícios físicos eram aclamados em suas intermináveis vantagens pelos médicos, que faziam apelo aos mais variados argumentos para justificar a necessidade e importância da educação do corpo. Assim, "...gregos, romanos, celtas, gauleses, germanos e mil outros povos reputados cultos, heróicos e guerreiros eram chamados como testemunhas do valor do cultivo do corpo". (36)

O excessivo valor atribuído aos exercícios físicos pelos médicos teve funções muito particulares e importantes no processo de transformação da sociedade e formação das elites num primeiro momento, assim como para a "educação" da população, em geral, num segundo momento.

Através de conhecimentos específicos, oriundos da biologia, da anatomia e da fisiologia, os médicos higienistas conseguiram argumentos suficientes para creditar em suas palavras e ações a confiança necessária das famílias de elite, ou seja, do

36. Ibid., p.185.

Estado. Cada medida tomada, cada proposta executada, repercutia na estrutura daquela nova sociedade em desenvolvimento.

O exercício físico era, objetivamente, mais um valioso canal para a medicalização da sociedade. Era necessário adequá-lo, discriminá-lo por idade e por sexo, atendendo, assim, exclusivamente, ao reconhecimento da existência das diferenças biológicas das crianças. Quem detinha o conhecimento sobre estas diferentes capacidades biológicas das crianças senão os médicos? Ora, se eram os médicos que detinham aquele saber, somente eles poderiam prescrever mais este remédio: o exercício físico, com todas as suas particularidades e para todos os corpos particulares.

"...A adequação dos exercícios às particularidades dos corpos servia de modelo à adequação dos conhecimentos intelectuais e da educação moral respectivamente ao intelecto e ao espírito. Da mesma forma que os exercícios violentos ou excessivos prejudicavam a criança, também os choques morais ou o esforço intelectual exorbitante sacrificavam sua boa evolução.

Paralelamente, criava-se nela o hábito de aprender a olhar, admirar e domesticar o corpo próprio desde cedo. O ginasta infantil não precisava de professor do corpo, quanto adulto. Ele mesmo cuidaria com desvelo de todas suas faltas e excessos. Ele mesmo saberia cultivar com carinho sua anatomia e reclamar do meio ambiente quando as condições ideais para este cultivo viessem a lhe faltar."(37)

Na verdade, o exercício físico, dimensionado devi-

37. Jurandir Freire COSTA, p.186.

damente, acentuava em certa medida posturas narcisistas e individualistas nas crianças e jovens de elite, exacerbando-lhes as preocupações com a saúde física. Some-se, ainda, as finalidades pretendidas com os exercícios físicos de tipo específico, os quais forneciam o distintivo de classe burguês tais como: a natação, a esgrima, a equitação, o canto, a dança e o piano.

Conforme observa J.F.Costa, fazer crer que estes exercícios

"...eram benéficos ao desenvolvimento físico, foi a maneira de tornar conformes à natureza os sinais de classe da burguesia. A educação higiênica, mediante essa manobra, procurava fazer com que as crianças aprendessem a retirar do comportamento social burguês benefícios e prazeres físicos. O dispositivo normalizador da higiene oferece, neste caso, uma mostra exemplar de seu funcionamento. Os indivíduos são levados a compactuar com a ordem dominante extraíndo prazer da servidão".
(38)

E a educação, particularmente a escolar, constituiu-se em locus privilegiado de veiculação destes valores e normas de "bem viver". A influência exercida pelos médicos no pensamento e na prática educacional brasileira, de fato, foi marcante, e acentuou-se ao longo de todo o século XIX, para tornar-se determinante nas primeiras décadas do século XX.

38. Ibid., p.37.

A educação higiênica das elites, valendo-se da Educação Física, pode ditar as normas do "comportamento saudável", e, através dele, inculcar valores de urbanidade, racismo, superioridade masculina, entre outros. Pode, também, desenvolver nas elites o gosto pelo trabalho físico, diferenciado de trabalho físico produtivo, acentuando a Educação Física (e com ela a "recreação formativa") como o descanso merecido, como o contraponto necessário ao "estafante trabalho intelectual", este sim considerado digno.

Quanto à educação do povo, os elevados índices de analfabetismo constituem indicadores de análise do descaso das elites para com aquela significativa parcela da população. (39)

3. A EDUCAÇÃO DAS ELITES, A EDUCAÇÃO DO POVO E O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA.

Durante o Império, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, a escola elementar ainda era restrita

39. Conforme registra José Murilo de CARVALHO, o índice de analfabetismo da população escrava em 1872 atingia 99,9%, sendo o número de alunos matriculados em escolas primárias e secundárias muito baixo. "De acordo com o censo de 1872, somente 16,85% da população entre 6 e 15 anos frequentava a escola. E havia menos de 12.000 alunos matriculados nas escolas secundárias numa população livre de 8.490.910 habitantes". A construção da ordem: a elite política imperial, p.64-5.

aos filhos das elites, assim como também não se haviam estabelecido as bases de organização e construção de uma escola secundária, que buscasse objetivos formativos não exclusivamente direcionados para a preparação ao ingresso no ensino superior. Todavia, mesmo nestas condições, eclode um debate em torno da orientação curricular mais adequada, e as reformas educacionais que se sucedem buscam expressar as duas orientações presentes naquele debate: a orientação literária e científica. (40)

Cabe ressaltar que ambas as orientações eram sensíveis à necessidade da Educação Física, porém, a sua incorporação no ensino regular não ocorreu de forma tranquila. Nem sempre os argumentos médicos foram suficientes para romper com os preconceitos que ainda cercavam a Educação Física, que era julgada imoral, especialmente no que diz respeito a sua aplicação às mulheres.

Entretanto, se de um lado existiam aqueles que a consideravam imoral para as mulheres, de um outro lado vamos encontrar aqueles que a defendiam por julgá-la necessária. Estes afirmavam que o corpo feminino devia ser fortalecido pela "ginástica", adequada ao seu sexo e às peculiaridades femininas, pois

40. Sobre o assunto consultar Lucilia R. Souza MACHADO, Politécnia, escola unitária e trabalho; Maria Luíza S. RIBEIRO, História da Educação Brasileira; Vanilda P. PAIVA, Educação popular e educação de adultos; José Ricardo Pires de ALMEIDA, História da instrução pública no Brasil(1500-1889).

era a mulher que geraria os filhos da pátria, o bom soldado e o elegante e civilizado cidadão.

Em que pesem as vozes favoráveis e os argumentos "científicos", muitos legisladores, temerosos das resistências, já antepunham em seus projetos educacionais e nas leis que os regulamentam as restrições feitas às mulheres no que se refere à ginástica.

É o caso da província do Amazonas, que no ano de 1852, através de seu presidente Toureiro Aranha, expede um Regulamento para a instrução pública primária no qual determina que, embora a educação física e moral seja ministrada nas escolas, compondo os currículos como matéria de ensino, "...as meninas não farão exercícios ginásticos". (41)

O Império é um período pródigo em formulações legais sobre a Educação Física nas escolas (42), abarcando proibições e liberações dos mais diferentes gêneros. O Império, especialmente a partir de 1850, também é o período no qual as preocupações com a educação plena das elites (no sentido utilizado por Locke) se acentuam, e proliferam propostas médicas (que in-

41. Primitivo MOACYR apud Inezil Pena MARINHO, História da Educação Física no Brasil, p.24.

42. A esse respeito ver Inezil Pena MARINHO, op.cit., Mario Ribeiro CANTARINO FILHO, A Educação Física no Estado Novo: história e doutrina.

clusive respaldam as propostas legais) sobre o detalhamento do espaço escolar, incluindo-se aí os componentes curriculares. Além do que, o final deste período é também marcado por uma certa preocupação das elites em relação à educação da população em geral e, portanto, à educação pública.

Um adequado funcionamento da educação pública, entretanto, apresentava sérios problemas para ser viabilizado. Os problemas iam do incipiente contingente de escolas públicas existentes, passando pelas precárias condições de seu funcionamento, até à distribuição política dos cargos de professor, o que na maioria dos casos resultava na indicação de profissionais absolutamente despreparados para a função.

Este universo de problemas enfrentados na organização de um ensino público a ser destinado ao povo não colocou em segundo plano a Educação Física. Mesmo neste momento as preocupações em relação a ela se fizeram presentes.

Em 1881, Silva Pontes já se referia em seu "Compendio de Pedagogia para uso dos alunos da Escola Normal" à necessidade da Educação Física na escola para as crianças oriundas da classe trabalhadora, afirmando que

... "O professor primário, posto que não tenha os meninos sob sua guarda, senão durante uma parte do dia, deve todavia continuar o trabalho da educação física (*), que não pode ceder lugar absolutamente a educação intelectual, e antes velar pela preservação da saúde e desenvolvimento do corpo dos meninos, tendo em vista que dos muitos que concorrem

a escola a maior parte é destinada a ganhar a vida com o suor do seu rosto em trabalhos que exigem antes de tudo saúde e vigor". (43)

Nas afirmações de Silva Pontes sobre a educação do povo, é possível apreender o caráter instrumental da Educação Física, no qual o exercício físico aparece como sendo o antídoto para todos os males além de ser potencialmente capaz de prevenir e curar doenças...de construir um corpo robusto e saudável, colocando, assim, a responsabilidade da saúde sobre o próprio indivíduo e adestrando-o para os trabalhos manuais (físicos).

Sendo a cidade o locus privilegiado dos acontecimentos políticos, econômicos e sociais da nova sociedade brasileira, que tímida e tardiamente vai ingressando no modo capitalista de produção, a homogeneização das mentes e dos corpos, bem como a sua adequação a esta nova ordem que privilegia este novo espaço, deviam ser promovidas. A educação, neste sentido, era o meio mais eficaz de promover essa "adequação" e essa "homogeneização das mentes e dos corpos. Através dela, particularmente da educação escolar, era possível transmitir ao povo, certos valores, como por exemplo, o da urbanidade, fazendo-o prevalecer, uma vez que, o modo urbano de ser e de viver passou a ser o dominante num país quase que exclusivamente rural. No ano de 1872, por exemplo, apenas 10% da população total vivia nas cidades. (44)

43. Antonio Marciano Silva PONTES, apud Cristina BRUZZO, Em nome da saúde...da ordem e do progresso, p.19. (*) Os grifos são nossos.

44. Maria Dultilh NOVAES. A puericultura em questão. p.38.

Mas a cidade e a vida urbana tornaram-se, de fato, o centro de preocupações, de investimentos...o centro de poder. Nas formações sociais escravistas, ao contrário, como é o caso da brasileira, não existia o privilégio do urbano, não se falava na cidade como centro de poder.

A constituição dessa vida urbana no Brasil vai se dando, num primeiro momento, conforme observa O. Ianni... "no espírito e no interior da formação social escravista." (45)

Lenta e progressivamente, entretanto, vão surgindo nas cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador, Recife e outras, interesses distintos, autônomos e divergentes daqueles hegemônicos no escravismo, e uma classe dirigente mais moderna, mais "preparada" para viabilizar no Brasil uma nova ordem social capitalista, dando continuidade aos interesses externos e internacionais.

Essa nova classe dirigente procurou atacar os problemas com os quais se defrontava a nova sociedade brasileira, entre eles a dificuldade da mão-de-obra, presente não apenas na cidade, mas também no campo.

Para solucioná-lo, o Brasil precisava entrar na era do trabalho livre, pago, e quebrar, de uma vez por todas, as

45. Octavio IANNI, op.cit., p.41.

amarras da servilidade, própria das relações escravistas.

Mas como viabilizar o trabalho no campo com máquinas mais modernas, com técnicas agrícolas novas e mais produtivas? Como tocar as pequenas fábricas nas cidades? Como, ingressar, efetivamente, nesta era do trabalho livre, numa sociedade constituída por uma população de maioria escrava ou saída do escravismo; uma população desqualificada profissionalmente pelos séculos de expropriação do conhecimento a que foi sujeita; uma população analfabeta e servil, em sua maioria?

A solução buscada por esta nova classe dirigente (situada geograficamente na região sul do Brasil) foi, de um lado a imigração de europeus e, de outro a educação do povo.

A imigração atendia a duas preocupações básicas desta nova classe no poder. De um lado dava conta do trabalho, propriamente dito, de modo mais "competente" e até certo ponto criativo, e de outro contribuía para aumentar, no Brasil, a população branca, ainda pequena ao final do Império.

Dentro de uma política de eugeniização do povo brasileiro, iniciada ao final do período colonial e incentivada ao longo de todo o Império pelos médicos higienistas, por meio de um insistente e obstinado trabalho de "educação" das famílias de elite e de organização e reestruturação dos espaços onde seus filhos seriam plenamente educados, o embranquecimento da raça era

um aspecto considerado como de grande importância para viabilizar, no Brasil, uma nova ordem econômica, política e social.

Povoar este imenso território com trabalhadores europeus alfabetizados, tementes a Deus e, sobretudo, brancos, foi um dos grandes empreendimentos desta nova classe dirigente, muito embora, décadas mais tarde, ela própria, fosse perceber que esse imigrante europeu branco idealizado, não trazia somente o que ela desejava. Trazia, também, e principalmente, idéias. Idéias revolucionárias, idéias de liberdade e de luta contra a opressão.

Não nos propomos, neste trabalho, a uma discussão detalhada sobre o processo imigratório ocorrido no Brasil, a partir das últimas décadas do século XIX. Todavia, é preciso situar tal processo como um importante elemento de conjuntura da época, e assinalar o seu papel nas transformações da sociedade brasileira.

De um lado, a imigração contribuiu de modo decisivo para viabilizar no Brasil a construção da nova ordem, foi, por assim dizer, o motor do capitalismo nascente; e, de um outro lado fez nascer, no pequeno operariado brasileiro, as idéias de liberdade, as idéias revolucionárias, as idéias de luta. (46)

46. A respeito do processo imigratório no Brasil, consultar Manuel DIEGUES JR. Imigração, urbanização, industrialização. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. INEP/MEC, Série Sociedade e Educação, V.5, 1964.

O processo imigratório é parte constitutiva do grande impulso que ganha a economia do Brasil, a partir de 1870. Em ritmo acelerado, multiplicam-se os empreendimentos comerciais industriais e, sobretudo, agrícolas e já é possível observar, com certo vulto, a concentração de capitais. (47)

Este é o período no qual o Brasil também é tecnicamente aparelhado. Estradas de ferro são construídas, a navegação a vapor e a rede telegráfica estendem-se largamente, além do que também é possível constatar um progresso industrial, particularmente das manufaturas têxteis, que se instalam nos locais de maior concentração populacional, ou seja, nos centros urbanos, onde, portanto, é possível encontrar uma mão-de-obra abundante e barata.

Esta mão-de-obra disponível que habitava os centros urbanos, foi fator determinante de "prosperidade" da incipiente indústria brasileira, contribuindo, de modo decisivo, para a celebração da vitória do capital sobre o trabalho em novas relações de produção.

47. Conforme observa Caio Prado Jr. "() (esta) acumulação capitalista provem sobretudo da agricultura, cuja propriedade é notável e oferece larga margem de proveitos. Além disto, a substituição dos escravos por trabalhadores livres... mobiliza os capitais que dantes se invertiam e imobilizavam naquela propriedade humana... Doutro lado, aparelha-se a vida financeira do país. A multiplicação dos bancos, das empresas financeiras em geral, das companhias de seguros, dos negócios da bolsa, permitem captar e mobilizar em escala que se vai fazendo significativa, as fontes da acumulação capitalista". História econômica do Brasil. p.194-5.

Os centros urbanos, se de um lado podiam ser considerados o locus dos empreendimentos modernos e da consolidação da nova ordem capitalista, de outro, e enquanto parte constitutiva do mesmo processo, eram a expressão concreta da degradação da vida humana.

Num sistema econômico em que predomina a lavoura, trabalhada por escravos em sua quase maioria, a população urbana que não possuísse ocupação fixa ou um meio regular de vida, era uma população marginal.

Isto porque, para a população livre, mas pobre, não havia lugar num sistema que ainda se reduzia ao binômio "senhor e escravo" e, portanto, ... "(quem) não fosse escravo e não pudesse ser senhor, era um elemento desajustado, que não se podia entrar normalmente no organismo econômico e social do país". (48)

Uma das soluções buscadas pelas elites dirigentes para promover a integração e a incorporação dessas populações marginais ao processo civilizatório imposto pelo capital, foi a educação.

Assim, se a imigração foi buscada para acelerar o processo civilizatório imposto pelo capital, a educação do povo foi buscada para consolidá-lo.

48. Caio PRADO JR. op.cit., p.198.

4. EM BUSCA DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE DO POVO... OS "OLHARES" SE VOLTAM PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA.

Nos últimos anos do Império, a nova classe dirigente mais identificada com as idéias de progresso e de desenvolvimento, passa a vincular a essas idéias a necessidade de uma educação pública e estatal para o povo, uma vez que, a ignorância deste impedia a entrada do país no mundo da modernidade. A eliminação da ignorância do povo, portanto, passava a ser a chave para todos os problemas da nação.

Nos trabalhos de Rui Barbosa, inúmeras são as passagens nas quais ele se refere à ignorância popular como sendo

... "a mãe da servilidade e da miséria (como) a grande ameaça contra a existência constitucional e livre da nação; (como) o formidável inimigo, o inimigo intestino que se asila nas entranhas do país". (49)

Suas argumentações acerca da difusão da escola em países considerados mais cultos como a Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos, buscadas sempre em dados estatísticos, permitiam-lhe tecer em sua obra uma teia de informações que comprovavam e relacionavam instrução com produção, com desenvolvimento moral, com diminuição da delinquência, com "amor à Pátria" e com

49. Rui BARBOSA. Obras completas, V.10, T. 1, p.121-2.

outras tantas virtudes, afirmando ser a ... "educação do povo... o primeiro elemento de ordem, a mais decisiva condição de superioridade militar e a maior de todas as forças produtoras". (50)

Para Rui Barbosa, a educação escolar teria a função do artífice, e moldaria, conforme os mais caros ideais de liberdade humana, a grande massa que era constituída pelo povo.

Rui Barbosa encontra um Brasil que reflete de modo marcante os seus três séculos de regime colonial, tendo nascente um incipiente processo de transformação política e econômica que tem seu início no Império, e que se acentua, sobretudo, com a proclamação da República; em outras palavras, a República seria o próprio "passaporte" para o desenrolar "natural" desse novo processo em curso.

Uma economia urbano-comercial é desenhada; uma elite com idéias "burguesas", européias se projeta; a miséria e a prostituição crescem nas cidades; as doenças e as epidemias, de mãos dadas com a morte, são o cartão de visitas dos portos... o capitalismo está nascendo no Brasil.

Mas com que olhos, intelectuais como Rui Barbosa olham o novo modo de produção? Como pensam eles ser possível via-

50. Rui BARBOSA. Obras completas, V.10, T.1, p.140.

bilizar isto no Brasil? Como seria possível viabilizar uma sociedade nova, capitalista com um povo doente? Com a insalubridade dos portos? Com um enorme contingente populacional impregnado dos valores próprios das relações escravagistas de trabalho, desqualificados, portanto, para a indústria nascente? Como falar de urbanidade, asseio, saúde, progresso, desenvolvimento para uma população arrasadoramente analfabeta, aprisionada pelo misticismo?

É neste quadro que a idéia de educação enquanto instrumento capaz de transformar o país se faz presente de modo marcante no pensamento das elites, identificadas com o novo, e Rui Barbosa é um de seus porta vozes mais expressivos.

Todavia, em Rui Barbosa enquanto representante das elites, a idéia da educação como algo capaz de transformar a sociedade caótica que se mostra aos seus olhos, não aparece sozinha. Juntamente com ela e, principalmente, por meio dela, surge a idéia da saúde e de como ser saudável. Para se alcançar este "ser" saudável seria necessário recorrer à Higiene e, sobretudo, acentuar a sua importância na escola.

Higiene e educação juntas poderiam mudar a face do país, promover o seu desenvolvimento, viabilizar o progresso. Higiene e educação passam a ser os remédios adequados para "curar" as doenças do povo e do país. Dessa união bem conduzida nasceria um Brasil novo.

A elite dirigente, da qual Rui Barbosa é representante, passa a acentuar a importância da saúde e da educação, e a pensá-las juntamente com toda a sociedade, a partir de um processo de importação de teorias, oriundas dos países centrais.

Essas teorias passam a instrumentalizar as diferentes práticas sociais, entre elas a educação e a saúde, através de uma ruptura com o contexto de origem e uma adequação/adaptação aos padrões de desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil.

É importante frisar que não há, por parte da elite brasileira, uma assimilação distraída, indiferenciada ou simplesmente imitativa das teorias sociais que se encontram plenamente desenvolvidas na Europa do século XIX, as quais tratamos brevemente no capítulo primeiro deste trabalho. O que existe é uma assimilação seletiva e até hierarquizada de apropriação/difusão do ideário europeu pela elite brasileira mais identificada com o novo.

Nesse quadro de assimilação seletiva e hierarquizada do ideário europeu, o liberalismo compõe o pano de fundo, já que representa a própria visão de mundo da burguesia. Esta, por sua vez, é traduzida por diferentes correntes, tais como o positivismo, evolucionismo, organicismo, correntes estas que, em diferentes momentos, tiveram maior ou menor espaço na construção da

sociedade brasileira. (51)

As metáforas organicistas pontuam o pensamento de estadistas, pedagogos, literatos, juristas, cientistas, médicos, e o positivismo contemporneo confere, na exata medida, a idéia de uma realidade absolutamente externa ao observador. Ao mesmo tempo, o evolucionismo mais grosseiro respalda a idéia da concorrência, da competição e da vitória do mais forte, do mais saudável, daquele que, em outras palavras, seria mais adequado ao progresso e à nova ordem.

A educação e a saúde, enquanto práticas sociais, foram, portanto, fortemente influenciadas por estas correntes de pensamento, e receberam funções muito particulares e importantes no processo de transformação da sociedade brasileira, no final do Império.

Para nossos estudos, e nos limites deste trabalho, destacamos um conteúdo que, na ótica da elite dirigente e fortemente defendido por Rui Barbosa, viria a se constituir na síntese perfeita das duas práticas sociais apontadas, e na consecução dos objetivos propostos.

51. Para uma maior compreensão sobre as teorias que embasaram o pensamento das elites brasileiras consultar B. LAMOUNIER, Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República. Uma interpretação. In História Geral da civilização brasileira. V.3, cap.10.

Estamos nos referindo à Educação Física, a qual, ministrada nas escolas, contribuiria para forjar o indivíduo forte, robusto, saudável e disciplinado que tanto carecia a nova sociedade brasileira em formação.

Para Rui Barbosa, seria impossível formar uma nação laboriosa e produtiva

"...sem que a educação higiênica do corpo (acompanhasse) pari passu, desde o primeiro ensino até o limiar do ensino superior o desenvolvimento do espírito. Assim nessa quadra da vida (estaria) arreigado o bom hábito, firmada a necessidade, e o indivíduo, entregue a si mesmo, não (faltaria) mais a esse dever primário da existência humana". (52)

O dever primário da existência humana seria "cuidar do corpo", "da saúde", e a ginástica seria o elemento capaz de promover a saúde através do "saudável" exercitar dos músculos, atividade esta que deveria tornar-se hábito. Portanto a ginástica não poderia ficar fora da escola, alertava Rui Barbosa, afirmando ser a sua obrigatoriedade universalmente aceita. Segundo Rui Barbosa ainda, uma educação popular que não contemplasse a ginástica seria considerada indigna desse nome, porque a ginástica deveria acompanhar todo o ensino e plantar no homem o sentimento de sua necessidade, assim como "...() do pudor, da urbanidade e do asseio". (53)

52. Rui BARBOSA. op.cit., V. 9, T.1, p.174.

53. Rui BARBOSA. Ibid., V.9, T.1, p.174.

A Educação Física no Brasil, quando de suas primeiras tentativas para compor o universo escolar, surge como promotora da saúde do corpo, da higiene física e mental, da educação moral e da restauração ou reconstituição das raças.

Higiene, raça e moral pontuam as propostas pedagógicas e legais que contemplam a Educação Física, e as funções a serem por ela desempenhadas, não poderiam ser outras senão aquelas higiênicas, eugênicas e morais.

As argumentações utilizadas por Rui Barbosa para justificar o ingresso da Educação Física no universo escolar traduzem com muita propriedade as funções apontadas, evidenciando o viés médico higienista presente no ideário dos estadistas brasileiros.

Rui Barbosa observa que

"...a ginástica, além de ser o regimen fundamental para a reconstituição de um povo cuja virilidade se depaupera e desaparece de dia em dia a olhos vistos, é ao mesmo tempo, um exercício eminentemente, insuperavelmente moralizador, um germem de ordem e um vigoroso alimento da liberdade. Dando a criança uma presença erecta e varonil, passo firme e regular, precisão e rapidez de movimentos, prontidão no obedecer, asseio no vestuário e no corpo, assentamos insensivelmente a base de hábitos morais, relacionados pelo modo mais íntimo com o conforto pessoal e a felicidade da futura família; damos lições práticas de moral, talvez mais poderosas do que os preceitos inculcados verbalmente". (54)

54. Rui Barbosa, op.cit., V.10, T.2, p.98.

Como podemos observar, para o autor, os "benefícios" que se podia auferir da ginástica eram inúmeros e, decididamente, de enorme importância para a "educação", não apenas "física" do povo brasileiro, mas para a sua "educação plena", ou seja, moral e intelectual.

Das inúmeras reformas do ensino que buscaram incorporar a ginástica nos currículos escolares, reformas estas que faziam parte do universo de informações de Rui Barbosa, é preciso destacar o Decreto No. 7.247 de 19 de abril de 1879. Este Decreto, ou esta reforma do ensino assinado por Carlos Leôncio de Carvalho, trazia já em sua grade curricular o espaço obrigatório para o ensino da ginástica nas escolas primárias e secundárias do município da Corte(55).

A orientação de obrigatoriedade para o ensino da ginástica será seguida por Rui Barbosa em suas argumentações sempre eloquentes acerca do exercício físico e da sua efetiva integração aos currículos escolares.

55. Decreto No. 7.247 de 19 de abril de 1879. Reforma do ensino primário e secundário do município da Corte e o superior em todo o Império. "Art. 4o. O ensino nas escolas primárias de 1o grau do município da Corte constará das seguintes disciplinas: Instrução moral, Instrução religiosa, Leitura, Escrita, Noções de cousas, Noções essenciais de gramática, Princípios elementares de aritmética, Sistema legal de pesos e medidas, Noções de história e geografia do Brasil, Elementos de desenho linear, Rudimentos de música, com exercício de solfejo e canto, Ginástica(*), Costura simples para as meninas". R. BARBOSA, op.cit., V.4, T.1, p.276. (*)Os grifos são nossos.

Em seu Parecer de No. 224 sobre a Reforma Leôncio de Carvalho, sob o título "Reforma do Ensino Primário e várias Instituições complementares da Instrução Pública", proferido na sessão da Câmara dos Deputados em 12 de setembro de 1882, Rui Barbosa assim sintetiza o conjunto de medidas que considera necessárias para que a ginástica se integre aos currículos escolares:

- 1o. - Instituição de uma secção especial de ginástica em cada escola normal.
- 2o. - Extensão obrigatória da ginástica a ambos os sexos na formação do professorado e nas escolas primárias de todos os graus, tendo em vista, em relação à mulher, a harmonia das formas feminis e as exigências da maternidade futura. (*)
- 3o. - Inserção da ginástica nos programas escolares como matéria de estudo, em horas distintas das do recreio, e depois das aulas.
- 4o. - Equiparação, em categoria e autoridade, dos professores de ginástica aos de todas as outras disciplinas". (56)

Rui Barbosa sintetiza, de modo claro e objetivo, o que deseja em relação à ginástica na escola. Evidencia o seu caráter obrigatório, distingue-a das horas de recreio, confere aos professores dessa matéria igualdade aos demais que compõem o universo escolar e, sobretudo, estende a ginástica a ambos os sexos, preservando, porém, para a mulher, as "funções" a serem por ela

56. Rui BARBOSA. op.cit., V.10, T.2, p.98. (*) Os grifos são nossos. Uma detida leitura sobre o Parecer de no.224 de Rui Barbosa, no que se refere especificamente a Educação Física, foi feita por Lino CASTELLANI FILHO em seu livro Educação Física no Brasil: a história que não se conta.

desempenhadas na sociedade, quais sejam as de "mulher/mãe", de reprodutora dos filhos da pátria. A ginástica destinada à mulher deveria, então, acentuar as suas formas feminis, e, desse modo, compor o ideário burguês sobre as diferenças da mulher em relação ao homem.

Esta síntese de elementos apontados por Rui Barbosa expressam as preocupações da elite brasileira com a regeneração da raça, com a procriação, com a saúde física de homens e mulheres, entendidos como soldados da pátria. A Educação Física no âmbito destas preocupações surge como instrumento ideal para forjar indivíduos saudáveis e úteis para ocupar funções específicas na produção. Expressam, ainda, o acentuado interesse do capital na preservação da força de trabalho através de discursos e práticas que definem papéis e funções a serem desempenhados por homens e mulheres.

Profundamente moralistas, as idéias defendidas por Rui Barbosa sobre os "benefícios" da ginástica são oriundas do pensamento médico higienista, e de uma visão medicalizada da sociedade.

O pensamento médico higienista, normativo, disciplinador e moral, teve papel determinante nas primeiras sistematizações sobre a ginástica... sobre a "educação física" dos indivíduos, e Rui Barbosa o captou de modo surpreendente, procurando ampliar-lhe o espaço, disseminando-o, por assim dizer.

Considerando como fundamental a voz dos médicos, dos anatomistas e fisiologistas para o desenvolvimento da ginástica, Rui Barbosa reitera em suas argumentações a importância destes profissionais nas primeiras sistematizações sobre a ginástica, ocorridas na Europa após a Revolução Burguesa. Ele refere-se aos trabalhos desenvolvidos por Ling, na Suécia, e Spiess, na Alemanha, destacando os importantes estudos anatômicos e fisiológicos realizados nesses países para o desenvolvimento "científico" da ginástica. Rui Barbosa faz alusão especial ao diploma de "médico ginasta" que é conferido àqueles que passam pela Real Academia de Ginástica de Estocolmo. Quanto à Alemanha, observa que neste país

"...a medicina tem feito uma acertada aplicação da ginástica às leis da higiene e da terapêutica, tem indicado os meios mais convenientes de fortalecer todos os órgãos, aumentar a energia das propriedades vitais, e, guiados pelos conselhos dela, os ginasiarcas imaginaram exercícios acomodados ao fim de imprimir uma ação especial a cada uma das partes do corpo, principiando pelos mais simples movimentos, até ir, suave e progressivamente aos mais compostos".(57)

Esta ginástica funcional e fragmentada, atravessada pelo viés médico higienista, este elemento a mais no conjunto de normas morais e disciplinadoras, foi expressão da sociedade na qual foi gerada, e Rui Barbosa soube captar sua singularidade e importância na construção da ordem; conferiu-lhe cientificidade

57. Rui BARBOSA, op.cit., V.9, T.1, p.77.

e, neste sentido, status, a mais um instrumento de difusão do moralismo burguês. Isto porque a "ginástica científica", respaldada nas ciências biológicas e recomendada mundialmente por médicos, reforçava o reducionismo biológico presente na sociedade, transformando-se em importante canal de veiculação da moral burguesa através de um exacerbado cuidado higiênico com o corpo.

E Rui Barbosa teve habilidade, diplomacia e "competência" para fazer da ginástica, mágica divina, ser integrada aos currículos escolares! Ele procurou sempre, em nome do novo, do moderno, do científico, colocar a ginástica como potencialmente capaz de, em si mesma, desenvolver corpos saudáveis em meio a miséria física e social do povo, em meio a doenças, epidemias e morte.

Sendo porta voz de uma determinada facção da elite brasileira, aquela identificada com o capitalismo nascente, muito mais vigorosa em expansão do que aquela identificada ainda com o escravismo, Rui Barbosa se faz presente nos embates travados por estas facções do poder. Percebe as necessidades de transformações na sociedade, transformações essas que pudessem viabilizar o capitalismo industrial, as novas forças produtivas em expansão. Daí sua preocupação com a educação e com a saúde do povo e, particularmente, com a educação física do trabalhador e da mulher/mãe.

Rui Barbosa participa ativamente de um momento da sociedade brasileira, as últimas duas décadas do século XIX, no

qual se delineiam de modo mais acentuado os contornos para que novas relações políticas, e um novo regime de governo, finalmente, concretizem-se.

5. PENSAMENTO MÉDICO HIGIENISTA E EDUCAÇÃO FÍSICA NA PRIMEIRA REPÚBLICA: O REFORÇO "CIENTÍFICO" A UM INSTRUMENTO DA ORDEM.

As incompatibilidades existentes no interior da elite brasileira, claramente dividida entre uma formação social capitalista e uma formação social escravista, acentuam-se no final do Império. As tensões resultantes dessas incompatibilidades, conseqüentemente, passam a refletir-se nos aparelhos de Estado (58), e novas relações políticas, um novo regime de governo, tornam-se necessárias para "administrar" as tensões, assim como para concretizar o tipo de desenvolvimento desencadeado no Brasil nos últimos anos de Império.

O advento da República, liderado por uma elite declaradamente liberal, burguesa e, portanto, capitalista, nada mais foi do que um novo estímulo às atividades econômicas brasileiras.

"...Em suma, a República, rompendo os quadros conservadores dentro dos quais se mantivera o Império

58. Octávio IANNI, *op.cit.*, p.44.

apesar de todas suas concessões, desencadeava um novo espírito e tom social bem mais de acordo com a fase de prosperidade material em que o país se engajara. Transpunha-se de um salto o hiato que separava certos aspectos de uma superestrutura ideológica anacrônica e o nível das forças produtivas em franca expansão. Ambos agora se acordavam. Inversamente, o novo espírito dominante, que terá quebrado resistências e escrúpulos poderosos até havia pouco, estimulará ativamente a vida econômica do país, despertando-a para iniciativas arrojadas e amplas perspectivas. Nenhum dos freios que a moral e a convenção do Império antepunham ao espírito especulativo e de negócios subsistirá, a ambição do lucro e do enriquecimento consagrar-se-á como um alto valor social. O efeito disto sobre a vida econômica do país não poderá ser esquecido nem subestimado". (59)

Embora difícil de ser avaliada, a proclamação do novo regime teve grande impacto ao nível das mentalidades. Ela foi para as elites como que sinônimo de libertação de idéias, de sentimentos, atitudes e, sobretudo, mudança. Essa mudança pode ser sentida de modo mais acentuado no que se refere aos padrões de moral e honestidade.

José Murillo de Carvalho, analisando este momento da história brasileira, observa que

"...se deu uma vitória do espírito do capitalismo desacompanhado da ética protestante. Desabrochou o espírito aquisitivo solto de qualquer peia de valores éticos, ou mesmo de cálculo racional que garantisse a sustentação do lucro a médio prazo. Era um capitalismo predatório, fruto típico do espírito bandeirante... (60)

59. Caio PRADO JR. op.cit, p.209.

60. José Murillo de CARVALHO. Os bestializados, p.26-7.

Um regime assim, se por um lado "desenvolve" a sociedade brasileira, iniciando ainda que tardiamente, a sua integração ao capitalismo mundial, por outro, e como face do mesmo processo, acentua a miséria, degrada a vida e destrói os laços mais singelos e ternos que unem os indivíduos, atirando-os, desde muito cedo, a um tipo de trabalho degradante e mal pago.

Como testemunho da miséria do povo estão os altos índices de doenças e de mortalidade nas primeiras duas décadas da República.

Gerson Zanetta de Lima afirma que

"...morria-se de uma infinidade de pragas naquela época e o interior não se diferenciava muito das capitais, quanto a variedade. A varíola, a febre amarela, a malária, a tuberculose e a lepra eram doenças comuns...A concentração urbana facilitava a disseminação dessas doenças...(e de outras) menos comentadas na literatura a respeito da situação de saúde da época, (tais como)...o sarampo, a coqueluche, a difteria, o tétano, a poliomielite, as diarreias infantis, a desnutrição e o parto que também faziam inúmeras vítimas sendo que a tradução geral do quadro era uma elevada mortalidade geral, uma altíssima mortalidade infantil, da ordem de trezentos a quatrocentos por mil, e uma baixa expectativa de vida ao nascer". (61)

Este quadro, se mantido por um longo tempo, poderia ameaçar as forças produtivas da nação, impedindo, pelas doenças e mortes, a reprodução da força de trabalho necessária à re-

61. Gerson Zanetta de LIMA. Saúde escolar e educação, p. 89-90.

produção do capital e à efetiva implantação do novo regime.

É no contexto republicano, portanto, que podemos situar com maior ênfase o discurso médico higienista e os seus pressupostos de moralidade sanitária, discurso este apropriado e difundido por pedagogos e estadistas, tais como Rui Barbosa.

Se este discurso vem acompanhando, e de certo modo dirigindo a sociedade brasileira durante todo o Império, conforme observamos neste capítulo, particularmente no que diz respeito à educação das elites, é com o advento da República que será colocado em prática através de ações intervencionistas apoiadas pelo Estado, com o objetivo de, em nome da saúde, manter a ordem, ampliando para o conjunto da população a determinação de normas para conseguir uma vida saudável, e o "pleno funcionamento da sociedade". Isto porque, é com a República que os médicos começam a assumir cargos e a se imiscuir na vida administrativa do país.

Com uma formação europeia (francesa), de acentuado caráter científico, dado particularmente pela revolução bacteriológica, desenvolvida a partir dos estudos de Pasteur, os médicos higienistas, de fato, se mostraram eficientes no combate a algumas doenças e, especialmente, aos efeitos perversos das epidemias, estas bem mais frequentes e arrasadoras no âmbito das cidades, centro de poder decisório da nova sociedade brasileira.

Não é, portanto, por acaso que os médicos higienistas elegem a cidade, este locus contraditório de riqueza e miséria como um dos alvos principais de seu controle, objeto de meticulosa intervenção higiênica. Quanto ao meio rural, o campo, embora apresentasse os mesmos problemas de saúde encontrados nas cidades e as mesmas taxas de mortalidade, não foi objeto de preocupação e intervenção da medicina social em sua vertente higienista, a qual sempre se mostrou intimamente ligada ao âmbito do urbano, mencionando a zona rural,

"...apenas para louvar a pureza de suas condições atmosféricas quando comparada com a das cidades, as suas belezas naturais, a sua paz. A cidade ao contrário é uma fonte de desordem, de doenças, e é por isso que deve ser o objeto privilegiado da ação médica". (62)

Esta ação médica, que será implementada pela higiene, irá justificar todas as grandes transformações das cidades como uma questão de saúde uma vez que, neste momento, a higiene torna-se "...Ciências Sociais, (e integra) sua lógica à Estatística, à Geografia, à Demografia, à Topografia, (torna-se) instrumento de planejamento urbano". (63)

As medidas sanitárias a serem tomadas objetivavam, portanto, implementar estratégias de controle higiênico das cida-

62. Maria D. NOVAES, op.cit., p.38

63. Nilson do Rosário COSTA. Estado, educação e sociedade. Cadernos CEDES, 4, p.10-1.

des, e alterar radicalmente a sua estrutura urbana, bem como o modo de vida de seus habitantes.

As medidas tomadas, tais como canalização de rios, instalação de esgotos, controle e tratamento de águas, vacinação obrigatória, entre outras, não foram, exclusivamente, fruto da arbitrariedade e autoritarismo do pensamento médico higienista a favor do Estado. Foram medidas que expressaram, de modo inegável, o caráter civilizatório do capitalismo e foram, até certo ponto, benéficas à população, na medida em que, contribuíram para o rompimento com idéias e práticas milenaristas. Elas faziam parte do projeto burguês de modernidade e civilidade idealizado para o Brasil.

O que é preciso ressaltar neste projeto burguês é o fato de que, para a sua consecução, não bastava apenas controlar racionalmente a saúde, mas também e, principalmente, tornava-se necessário controlar a moral das classes subalternas; conter e domesticar a irracionalidade das paixões populares, modificar o seu modo de vida, a sua habitação, assim como os seus cuidados com o corpo.

Para além deste forte viés moralizador, há que se ressaltar também o significado da higiene pública sob a ótica da reprodução da força de trabalho, e da adequação à nova ordem que se instala sob a égide do capital.

Para Gerson Zanetta de Lima, é possível resumir este significado

"... () a um conjunto de medidas de intervenção que se estabelecem sobre o meio, de modo a diminuir sua influência patogênica sobre os corpos. Na evolução das sociedades capitalistas, seu desenvolvimento se dá quando as fortes taxas de morbimortalidade da população, ameaçam paralisar o desenvolvimento das forças materiais de produção e, assim, se constituir em uma ameaça à própria existência da classe dirigente... são medidas tomadas, portanto, no sentido de impedir a deterioração da força de trabalho, a mais afetada pela morbimortalidade". (64)

Principalmente nas cidades, locais de grande concentração populacional, e mercado por excelência para a incorporação da força de trabalho, as medidas sanitárias foram fundamentais para a sua preservação. A cidade precisava alterar a sua imagem, uma imagem tétrica de causar horror.

O Rio de Janeiro, jovem capital da República podia ser a síntese da imagem da cidade no Brasil republicano, e sobre ela assim se expressava um jornalista da época:

"...A cidade é um monstro onde as epidemias se albergam dançando sabats magníficos, aldeia melancólica de prédios velhos e acaçapados, a descascar pelos rebocos, vielas sórdidas cheirando mal, exceção feita da que se chama rua do Ouvidor onde (...) o homem do "burro-sem-rabo" cruza o elegante da região tropical, que traz no mês de fevereiro sobrecasaca preta de lã inglesa, e (...) dilui-se em cachoeiras de suor(...)

64. Gerson Zanetta de LIMA., op.cit., p.47

O povo está sem instrução! A indústria desprotegida. Os serviços públicos, de molas perras (...) só o comércio progride, o "honrado comércio desta praça" com o comendador a frente, o quilo de 800 gramas, o metro de 70 cm".(65)

Este é o retrato não apenas da cidade, da jovem capital republicana, mas é também o retrato desta nova sociedade que está se construindo, a sociedade do lucro fácil, do negócio grandioso a curto prazo, não importam as consequências.

A intervenção médico-higiênica, que ocorre neste cenário citadino e que expressa, sobretudo, a voracidade do novo regime, não se dará no sentido de alterar as relações sociais ali presentes. Aquela intervenção estará voltada exclusivamente para o meio ambiente, ele é que será considerado como responsável direto pela saúde, tanto do corpo individual, como do "corpo social".

Assim, sanear o meio ambiente significava para os médicos higienistas (e, portanto, para o Estado), garantir, de fato, a formação de indivíduos fortes, saudáveis e úteis à pátria.

Desse modo, planificar e restaurar meticulosamente o espaço das cidades, higienizar casas, ruas, demolir antigos casarões, rasgar largas avenidas em meio a vielas sombrias, matar

65. Luiz EDMUNDO. "Um jornalista vê o Rio". NOSSO SÉCULO (1), p.21.

insetos através de contínuas desinfecções, promover campanhas de vacinação em massa etc., etc..., passam a ser as grandes e redentoras tarefas da higiene pública, tarefas essas que associadas a uma educação higiênica do povo, criariam as condições necessárias e suficientes para a consolidação da ordem. Em nome dessa purificação, dessa assepsia do meio ambiente urbano, o saber e a autoridade médica (estatal), invadem a intimidade do lares, destroem os seus valores, suas práticas e desejos e impõem, no seu imaginário, o ideário burguês de civilidade: a ordem, a limpeza, a disciplina, a autoridade, a família, a moral, a propriedade privada...

Aquele ideário colocado em prática pela Higiene, separa os corpos, designando para cada um deles lugares específicos, quer seja na sua casa (na qual deve viver apenas a família, devendo estar fechada aos "outros"), na fábrica, na escola, e na própria cidade onde se vive. Em nome da saúde, fala-se em metros cúbicos de ar, de ventilação e de luz necessários ao espaço da casa e do trabalho, e, desse modo, processa-se um rigoroso esquadramento da população trabalhadora, exercendo-se, assim, um controle "científico-político" do meio.

"... () Esta política sanitária de descongestionamento dos corpos define a produção do espaço urbano e, ao mesmo tempo, determina a invasão da casa do pobre, impondo-lhe novos regimes sensitivos e uma outra disciplina corporal". (66)

66. Margareth RAGO. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. p.165-6.

Uma disciplina corporal que seria, evidentemente, mais adequada ao trabalho fabril, que pudesse tornar os corpos mais dóceis e submissos sob a ótica do poder e, ao mesmo tempo (e por isso mesmo), mais ágeis, fortes e robustos sob a ótica da produção enquanto expressão do poder e da ordem.

Esta disciplina corporal foi elemento constitutivo da educação higiênica do trabalhador, a qual deveria se dar na escola, caso ele viesse a frequentá-la. E frequentar a escola tornava-se necessário para o tipo de desenvolvimento que se encaminhava a jovem sociedade republicana.

A higiene, e como parte dela a Ginástica ou Educação Física, continuam a integrar as propostas pedagógicas, sendo consideradas em leis e reformas educacionais. Elas se tornaram, desse modo, a expressão concreta dos "cuidados corporais" normatizados pelo pensamento médico-higienista, que concede um maior espaço em seus congressos aos temas e teses relativos à Educação Física e, particularmente, a sua importância na escola.

A Educação Física preconizada pelo pensamento médico-higienista era aquela estruturada em bases fisiológicas e anatômicas, as únicas consideradas "científicas". A partir, portanto, de um entendimento anátomo-fisiológico do movimento humano, os médicos colocavam o estudo da higiene elementar como complemento preparatório da Educação Física tornando-a, particularmente na escola, um procedimento higiênico a ser adotado naquela

instituição, e incorporado como hábito para toda a vida. (67)

O Dr. B.Vieira de Mello em seu livro, A Hygiene na Escola, escrito em 1902, dedica um capítulo especial à ginástica, alertando para a sua importância na escola, uma vez que afirma:

"...(a ginástica) além de que influe no crescimento e na estética, é um excellente meio de educação moral, porquanto forma o character, torna o homem corajoso, ensina-lhe a dominar-se e agir rapidamente, se as circunstâncias o exigirem".(68)

O hábito da ginástica traria,então,"inestimáveis benefícios" aos indivíduos em todas as idades,mas,sobretudo,na juventude. O Dr.Jorge de Souza,em pronunciamento sobre o tema "Da educação physica e inspecção médica nas escolas", durante o VI Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia,realizado em São Paulo, em 1907, assim se expressa sobre os "inestimáveis benefícios" a serem conseguidos pelos exercícios físicos.Afirmava ele que

"...(os)exercícios physicos ao ar livre,tão necessários ao desenvolvimento da musculatura e a oxidação do sangue,tão úteis às crianças e aos adolescentes,que tem imperiosa necessidade de movimento e que,ao contrário,são as mais das vezes condemnados à immobilidade,à sedentariedade -quando bem dirigidos,são próprios...a desenvolver qualidades de destreza,de agilidade,de ligeireza e de força,preciosas em todas as classes da sociedade,mas indispensáveis aos alunos das escolas primárias,particularmente,destinados às profissões manuaes".(69)

67. Jorge de SOUZA. "Da educação physica e inspecção médica nas escolas". CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA E CIRURGIA, 6, São Paulo, 1907. Annaes.

68. B.Vieira de MELLO. A hygiene na escola, p.36.

69. Jorge de SOUZA, op.cit., p.136-7.

É possível apreender neste discurso médico, a visão funcional que é atribuída à Educação Física na construção da ordem imposta pelo capital, uma vez que os corpos ágeis passavam a ser uma necessidade.

Sob bases científicas, fornecidas exclusivamente pelas ciências biológicas, e fortemente determinados pela hipócrita moral burguesa (da qual compartilharam e ajudaram a construir), os médicos higienistas formularam suas teses sobre a importância do exercício físico na "educação popular", buscando com estas formulações uma adequação dos corpos aos novos padrões exigidos pela sociedade de mercado. Neste sentido, eles procuraram acentuar a necessidade de sua presença no interior da instituição escolar. Afirmavam, por exemplo, que cada aluno deveria se fazer examinar por um médico, e que este médico determinaria a natureza dos exercícios aos quais este aluno poderia se entregar (70). Desse modo, segundo os médicos, seriam evitados os "excessos", os "exageros", e o exercício físico, de fato, viria contribuir para o engrandecimento da pátria, a medida que, segundo palavras do Dr. Jorge de Souza, através dos exercícios físicos bem orientados (pelos médicos, é claro), seria possível melhorar e regenerar a nossa raça. Afirmava ele, em 1907, que seria necessário

70. CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA E CIRURGIA, 6. Annaes p.156. Essa posição defendida pelos médicos será, anos mais tarde, defendida também por pedagogos como é o caso de Fernando de Azevedo.

"...accentuar, com todo o vigor da mais profunda convicção, que é uma necessidade que se impõe e se ressalta à evidência, palpitante e inadiável, a applicação de uma reforma, no sentido de promover o melhoramento physico de nossa raça pela graduação regulada dos exercícios corporaes, com a supervigilância incessante por parte do médico (*). Em nenhum paiz- forçoso é confessional-o -a educação physica é mais necessária do que em nosso, pois talvez em nenhum outro povo se notem signaes tão manifestos de uma precoce degeneração physica, que o vae amesquinhando e que já tem affectado, sem dúvida sua virilidade civil e política, tornando-o accessível ao fatalismo absorvente que domina as consciências, à devastadora e pertinaz invasão do scepticismo político, que vae atrophando as energias e entibiando o sentimento nacional".(71)

Mas, o que determinava este estado de coisas tão bem descrito neste discurso médico? O que determinava esta degeneração física do brasileiro? Quais os elementos objetivos e subjetivos que o tornavam "accessível ao fatalismo", que afetavam a sua virilidade, que o tornavam descrente de leis, de homens... e de sua própria necessidade de viver? Certamente não era a falta de exercícios físicos ou o simples (des)conhecimento de formas "saudáveis" de viver.

O que tornava o povo miserável, doente, degenerado física e mentalmente eram as condições de vida e de trabalho impostas pelo capital, e que somente mais tarde, na década de 20 deste século, passam a ser denunciadas pelos médicos em seus relatórios e em seus congressos como ameaça à "saúde" da sociedade e da nova ordem, denúncias estas que tinham o cuidado de isentar de

71. Jorge de Souza. op.cit., p.158. (*) Os grifos são nossos.

culpa o Estado brasileiro. Um Estado que não possuía leis de trabalho, ou qualquer dispositivo legal que obrigasse o patrão a efetuar pagamentos de indenização por acidentes de trabalho ou mesmo a simples preocupação de evitar tais acidentes nas fábricas. (72)

"...Quanto à remuneração, elas variavam de acordo com o patrão, que também estipulava as normas da produção, como por exemplo: qualquer erro cometido pelo operário obrigava-o a pagar multa, o que muitas vezes diminuía sensivelmente seu salário. Sem falar no tratamento disciplinar dos mesmos, muitas vezes submetidos a castigos corporais. Todo esse quadro era controlado pelas forças de repressão, o que vem a ilustrar ironicamente a tese da maioria dos dirigentes de então, de que a questão operária não é questão social e sim questão de polícia..." (73)

Tais condições de trabalho vividas pelos adultos, cujas formas coercitivas idealizadas e realizadas a partir de um modelo disciplinar dos dominantes proliferavam, eram também partilhadas pelo trabalhador infantil. Sua jornada de trabalho nunca era inferior a 12 horas diárias, durante as quais executava tarefas das mais nocivas a um desenvolvimento harmonioso de seu organismo.

O caso do trabalho realizado pelas crianças na indústria têxtil é bastante elucidativo de nossas afirmações. No dizer dos industriais, existiam "certos trabalhos que só as crianças podiam fazer". (74)

72. M.T.LUZ, op.cit., p.65.

73. Ibid. p.65.

74. Estas palavras foram pronunciadas pelo médico e industrial Jorge STREET, In Gerson Zanetta de LIMA, op.cit., p.104.

Que trabalho era este? Esgueirar-se entre teares em espaços exíguos para recuperar fios ou bolas de algodão; permanecer horas e horas em posições absolutamente incômodas e perniciosas ao seu desenvolvimento físico, movimentando-se continua e cansativamente entre máquinas perigosas, respirando flocos de algodão e odor de dejetos. (75)

E enquanto o trabalhador infantil vivia esta realidade no mundo do trabalho, os médicos detalhavam o espaço escolar de forma meticulosa, alertando para os problemas advindos de vícios posturais, para a necessidade de se adequar o mobiliário escolar à anatomia infantil, para que se pudesse assim, "prevenir os distúrbios de coluna". (76)

Dizia o Dr. Vieira de Mello que

"...Ao educador cumpre não só evitar que os alumnos adquiram attitudes viciosas, como ainda corrigir as que apresentem. Porque, força é dizel-o, grande cópia de defeitos phisicos observados em escolares tem sua origem no seio da familia, onde se permite às creanças escreverem em mesas desproporcionais à sua estatura, quando não sobre cadeiras e outros móveis provadamente improrios e até nocivos. (77)

Ocorre que não era exatamente no seio da família, mas

75. Gerson Zanetta de LIMA, p.104.

76. Ibid. p.104; ver também C.BRUZZO, op.cit.

77. B.Vieira de MELLO, op.cit., p.22

no seio da fábrica (mundo do trabalho) que os defeitos e a degeneração física da infância tinham sua origem e se perpetuavam na vida adulta. E, lentamente, então, passa a existir uma percepção por parte da classe operária em formação no Brasil, da necessidade de mostrar tudo isso à sociedade, de responder ao aparato repressivo e sempre violento do Estado, de se levantar contra às miseráveis condições de vida e de trabalho. A partir dessa percepção, diferentes formas de resistência vão se constituindo, e uma profusão de manifestações combativas ocorrem, alterando o figurino que a sociedade oficial - a elite republicana - desenhava para a sociedade brasileira. (78)

A revolta da vacina, em 1904, no Rio de Janeiro (79), foi uma mostra de resistência que deu o povo a todas as medidas intervencionistas que vinham ocorrendo, a toda espécie de invasão a que estava sujeito, quer seja na privacidade de seus lares, quer seja na intimidade de seus corpos.

A vacina obrigatória era o elemento que se colocava concretamente como objeto possível de revolta, e revoltar-se significava resistir...resgatar o seu próprio espaço de vida, a

78. Sobre a resistência da classe operária em formação no Brasil consultar, Azis SIMÃO, Sindicato e Estado; Paulo Sérgio PINHEIRO e M. HALL, A classe operária no Brasil - 1889-1930, Documentos, V.1; Ricardo ANTUNES, Classe operária sindicato e partido no Brasil.

79. Sobre o assunto, consultar Nicolau SEVCENKO, A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes.

sua dignidade perdida. Significava resistir ao modelo disciplinar/higiênico desenhado pelas classes dominantes.

Essa resistência popular foi um dos fatores que contribuiu decisivamente para que, pouco a pouco, o modelo disciplinar adotado pelo Estado fosse alterando seus contornos e mudando sua direção.

Neste quadro de alteração de práticas e discursos, os médicos (alarmados com os altos índices de mortalidade infantil e) atentos aos interesses do Estado, passam a alertar as autoridades sobre a necessidade de se cuidar da infância e de "educá-la".

O Dr. Moncorvo Filho, um dos mais ilustres representantes do pensamento médico voltado à proteção da infância, chamava atenção das autoridades afirmando que... "os pequeninos de hoje serão os grandes de amanhã; é nela (infância) que ponho as esperanças de grandeza atual do regime pela regeneração da pátria". (80)

Essa mudança de direção que assumem os médicos higienistas em seu discurso e sua prática, voltando-se aos "cuidados com a infância" e para com a educação higiênica do povo, traduz-se em diferentes formas de intervenção na sociedade, as quais

80. MONCORVO FILHO, apud M. RAGO, op. cit., p. 120.

passam a ser implementadas ao longo da década de 20 deste século.

Não são mais formas violentas, coercitivas. Agora são formas sutis, "educativas", através das quais, os médicos denunciam as condições de trabalho na indústria; passam a fazer propostas sobre medidas higiênicas a serem tomadas para o bom funcionamento das fábricas, das escolas e dos locais públicos em geral; recomendam a ginástica higiênica para toda a população; responsabilizam os empresários pelo estado de degeneração física e moral da classe operária; evidenciam de modo cuidadoso o descaso do governo para com o estado de miséria do povo, e não deixam de se referir... "à má educação do operário que não tem orientadores sinceros e inteligentes nas suas reivindicações". (81)

Estes "sinceros orientadores" seriam, evidentemente, os médicos, uma vez que eles, mais do que ninguém sabiam o que era mais adequado ao povo, desde à criança até ao adulto, sem distinção. Suas ações, portanto, não deveriam mais recair somente sobre os focos de contágio e contaminação, elas deveriam recair sobre toda a população e toda a sociedade.

O campo de atuação dos médicos sanitaristas redefine-se, neste período, sob a influência da escola norte-americana, cujo representante no Brasil é o médico sanitarista Geraldo

81. M.RAGO, op.cit., p.41-2.

Horácio de Paula Souza.

"...Este médico Sanitarista traz de sua formação na Universidade "John Hopkins" a perspectiva de que a Saúde Pública moderna, segundo preceitos formulados por C. Winslow, deve estar firmada tanto na Administração Pública cientificamente fundamentada, quanto na Educação Sanitária como instrumento básico das práticas médico-sanitárias". (82)

Paula Souza reorganiza o Serviço Sanitário de São Paulo, tecendo críticas ao trabalho autoritário desenvolvido até então por Emílio Ribas, substituindo as campanhas obrigatórias de vacinas e desinfecções do meio, por um trabalho de constante e meticulosa educação dos indivíduos.

Segundo Emerson E. Merhy, a concepção que Paula Souza tem de saúde pública é aquela que afirma ser a higienização do meio e a aquisição da consciência sanitária por parte dos indivíduos, elementos suficientes para que ninguém adoecesse. (83)

O período em que ganham espaço as idéias de Paula Souza é aquele no qual ocorre grandes debates em torno da saúde, da doença e da educação do povo. Pelo lado da saúde, este é o momento da realização dos Congressos Brasileiros de Higiene, orga-

82. Emerson Elias MERHY. O capitalismo e a saúde pública. p.93.

83. Emerson Elias MERHY. Ação participativa: perspectivas de atuação dos educadores sanitários. Annaes.

nizados pela Sociedade Brasileira de Higiene (84), instituição da sociedade civil que reunia, no momento de sua criação, os principais nomes da Higiene e Saúde Pública do país. Os seus quadros eram formados por funcionários públicos, em sua maioria pertencentes ao Departamento de Saúde Pública, ou a órgãos e instituições de Saúde Pública em vários estados da federação.

Pelo lado da educação, este é o momento no qual tem início a assimilação de um novo modelo de educação - a Escola Nova(85), que terá, na Associação Brasileira de Educação (ABE), um importante canal de veiculação das idéias escolanovistas.

A ABE, criada em 1924 no Rio de Janeiro e reunindo educadores, médicos, advogados, engenheiros e outros profissio-

-
84. "A Sociedade Brasileira de Higiene(S.B.H), fundada em 1923, permaneceu sempre uma instituição da "sociedade civil", embora seus laços com o aparelho estatal, sobretudo os aparelhos de saúde pública tenham sido...intensos...(quanto as) pretensões da SBH,...(elas) não se resumiam apenas em se constituir num espaço de discussão e de catalisação dos agentes envolvidos com a higiene. Bem maiores parecem as pretensões da SBH, e claramente se coloca a possibilidade de a mesma intervir politicamente para, através da Higiene e da Saúde Pública, exercer maior controle sobre o conjunto da sociedade...", M.T. LUZ. Ordem Médica e política Brasileira, p.175.
85. Sobre o assunto remeto o leitor ao trabalho de Jorge NAGLE "A educação na Primeira República"; Vanilda PAIVA, Educação popular e educação de adultos; Marta M.C. de CARVALHO, A Escola e a República; Anísio TEIXEIRA, Educação não é privilégio; Manuel Bergstrom LOURENÇO FILHO, Introdução ao estudo da Escola Nova: bases sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea; Raquel GANDINI, Tecocracia, capitalismo e educação em Anísio TEIXEIRA.

nais, buscava aglutinar os esforços de todos aqueles que acreditavam ser possível transformar o país pela educação, promovendo através de campanhas educacionais uma reforma na mentalidade das elites, ... "convencendo-as da necessidade de regenerar pela educação as populações brasileiras, moldando-as como povo saudável e produtivo", e divulgando, assim, um novo ideário educacional. (86)

Assim como outras organizações cívico-nacionalistas, a ABE se constituiu em espaço onde diferentes dispositivos de controle, regulação e produção do cotidiano das populações pobres foram forjados. (87)

Elucidativo de nossa afirmação é o conteúdo que se depreende de suas Conferências Nacionais, semanas de Educação, palestras e festividades, nas quais são cultuados... "signos de autoridade e hierarquia e (são) ritualizados, no espetáculo cívico, modelos de comportamento exemplar". (88)

A ABE, bem como a Sociedade Brasileira de Higiene, também teve a "formação de hábitos saudáveis" como objeto de preocupações e atenções especiais, e a saúde não só foi um dos

86. Marta M. Chagas CARVALHO. A escola e a República, p.55.

87. Ibid., p.56.

88. Ibid., p.78-9.

"...temas preferidos das preleções cívicas nas festividades, como também objeto de celebração em inúmeras competições esportivas oferecidas em espetáculos como modelos exemplares de comportamento. O esporte e a vida saudável simbolizavam a energia, o vigor, a força, a prosperidade, signos de progresso inscritos no corpo que conhece o movimento adequadamente útil para cada ato."(89)

Nesse novo modelo de educação que estava sendo assimilado,

"...(a) prática educativa, articulando-se com a prática da saúde, não apenas incorporou no currículo escolanovista certas disciplinas, mas concedeu-lhes também prioridade. É o caso das noções de higiene, dos trabalhos manuais e da educação física. Através do domínio de certas técnicas corporais, implícitas nestas disciplinas, buscava-se formar um comportamento adequado do ponto de vista bio-psico-social. Todas elas veiculam certas representações que a sociedade fazia de si mesma, como o "aperfeiçoamento da raça" e o sentimento nacionalista...

A Escola Nova introduzia uma nova construção social do corpo, mitificada a partir de então no esteriótipo da "regeneração da raça". O corpo deveria tornar-se saudável, isto é, manipulável, hábil, multiplicador de forças e, ao mesmo tempo, exteriorizar as qualidades psicológicas interiorizadas pelo domínio das técnicas corporais: a capacidade de previsão e de treinamento da vontade".
(90)

Este ideário educacional, fortemente influenciado pelo pensamento médico higienista, é amplamente veiculado e debatido em seus congressos. Médicos e pedagogos, em perfeita harmonia e

89. Marta M. Chagas CARVALHO, p.78-9.

90. Clarice NUNES. A escola primária numa perspectiva histórica. p.543.

identidade conceitual, buscam viabilizar na prática suas crenças na transformação social através da educação, este poderoso (e único) instrumento por eles considerado como capaz de formar, desde a infância, os hábitos de vida saudável, o amor ao trabalho, a ordem e a disciplina.

Os Congressos Brasileiros de Hygiene, realizados ao longo da década de 20, pela Sociedade Brasileira de Higiene, são testemunhos da preocupação médica com a educação escolar, e da importância que lhe atribuem na construção da ordem.

Naqueles Congressos, a escola e, particularmente, a escola primária, aparece como o instrumento mais adequado para viabilizar uma boa educação higiênica(91), o que nada mais era do que a aquisição de um sistema de hábitos que, uma vez integrados na vida dos indivíduos viriam favorecer a sua saúde individual, e, ao mesmo tempo, preservar a saúde daqueles que o cercam.(92)

"...Isto posto, facilmente se deduz que o único aparelho em condições de difundir econômica e eficazmente a educação higiênica é a escola primária(*), por meio do respectivo professor... a escola primária constitui o agente fundamental de tão considerável tarefa".(93)

A escola então é vista como o terreno que propicia

91. CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 1, R. Janeiro, 1923, Annaes.

92. CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 3., S. Paulo, 1926, Annaes, p.819.

93. Ibid, p.819. (*) Os grifos são nossos.

a implantação de hábitos de viver sadiamente. E é neste conjunto de hábitos saudáveis que compõem o ideário da educação higiênica a ser ministrada na escola - espaço que economicamente poderia disseminar essa educação higiênica para o conjunto da sociedade - que vamos encontrar os exercícios físicos.

O 10. Congresso Brasileiro de Higiene, realizado em 1923, dedica um espaço considerável ao exercício físico no conjunto de temas ali tratados, que figura entre as contribuições que as instituições particulares poderiam oferecer para a educação higiênica do povo.

A Associação Cristã de Moços (ACM) (94) empresta

-
94. Segundo Inezil Penna MARINHO, a "história das Associações Cristãs de Moços desponta com o trabalho de um clérigo inglês: George Williams que, em 1844, organiza um clube religioso ao qual deu o nome de Young Men Cristian Association (Y.M.C.A.). Esta organização londrina serviu de modelo para muitas outras, que se espalharam pelo mundo inteiro. A primeira associação desse tipo foi organizada em Boston, em 1851. Em 1856, foi proposto à Convenção nacional que as Y.M.C.A. estabelecessem o uso da ginástica e dos banhos. Os primeiros edifícios da Y.M.C.A., equipados para essas exigências, foram construídos em São Francisco, New York e Washington, em 1869. A primeira Associação Cristã de Moços instalada no Brasil, data de 1893, quanto foi fundada a do Rio de Janeiro, com orientação norte-americana, primeiro núcleo de Calistenia implantado no país. A A.C.M. teve papel relevante no desenvolvimento de vários desportos, notadamente do basquetebol e voleibol. Dez anos mais tarde, nos mesmos moldes e com idênticas finalidades de suas congêneres no Rio de Janeiro, é fundada a A.C.M. de São Paulo, que juntamente com o Mackenzie College, constitui poderosa fonte de disseminação da Calistenia... As A.C.M. fundadas em outras cidades, dentre as quais Belo Horizonte e Porto Alegre, continuaram a difundir a Calistenia, que teve o seu período áureo após a Segunda Guerra Mundial..."História da Educação Física no Brasil p.60-1.

então a sua "contribuição" à educação higiênica do povo, apresentando naquele congresso, tese específica sobre a educação física.

J.H. Sinns e Oswald M. Rezende, falando pela ACM, reportam-se às "geniais palavras de Rui Barbosa" e ao seu "monumental Parecer sobre a instrução primária em 1882", no qual Rui Barbosa dedica um capítulo inteiro à educação física. Tendo em mente as recomendações de Rui Barbosa, os dois representantes da ACM afirmam que uma educação baseada em princípios científicos e ministrada aos moços é um importante meio para difundir princípios higiênicos. (95)

"... (Não) há a mínima dúvida de que, precisando os homens de resistir as doenças e outros efeitos delectérios que caracterizam a vida sedentária actual, assim como os methodos pelos quaes os homens de hoje ganham os meios de subsistência, é a educação physica uma necessidade vital para todos, desde a criança ao velho. Corrige a fraqueza organica, produz figura symetrica, desenvolve os musculos, dilata o thorax, augmenta a vitalidade e a resistência, pondo a saúde sobre um pedestal firme". (96)

As teses sobre Educação Física defendidas pela ACM naquele congresso apresentam as seguintes conclusões:

- 1o. - A educação physica é um meio efficaz de propagar a hygiene e alcançar a saúde.
- 2o. - A educação physica deve ter por escopo desenvolver no individuo o quantum de vigor physico essencial ao equilibrio da vida humana, á felicidade da alma, á preservação da patria e á dignidade da especie.

95. CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 1, Rio de Janeiro, 1923. Annaes, p. 20

96. Ibid., p. 20.

- 3o. - A educação physica, ministrada de accôrdo com um programa scientifico bem organizado, é, para a maioria dos homens, uma necessidade vital, exigida pela vida artificial que caracteriza assim a cidade moderna, como os methodos pelos quaes os homens de hoje ganham os meios de subsistencia.
- 4o. - As aulas de gymnastica e os desportos promovem, assim, o que mais essencial para o bom exito na vida - a saúde.
- 5o. - A propaganda hygienica pessoal, v.g., no exame physico vestibular, produz os melhores resultados, sendo de se lhe aconselhar a prática a todas as organizações.
- 6o. - Nestes exames physicos, verificam-se as condições precarias dos moços, ignorantes dos mais comeseinhos principios de hygiene, de postura defeituosa, dentes descuidados e grande porcentagem já infeccionados pelas doenças venereas.
- 7o. - As conferencias sobre hygiene e educação physica despertam grande interese e são de grande valor no ensino da prophylaxia individual e social, principalmente quando feitas com auxilio do cinematographo."(97)

As teses e conclusões da ACM, apresentadas neste 1o. Congresso Brasileiro de Higiene, expressam uma concepção de Educação Física como sinônimo de saúde física e moral, forçando uma relação entre exercício físico e saúde, e acentuando a idéia de que a "aplicação correta" do exercício físico gera, em si, e de imediato, a tão almejada saúde. Expressam também a confiança dos médicos nos poderes do exercício físico, confiança esta traduzida por uma visão triunfalista e moralista do exercício físico, entendido como capaz de curar todos os males da sociedade,

97. CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 1., Rio de Janeiro, 1923, p.21-2. Existem ao todo 10 teses, entretanto, transcrevemos apenas aquelas mais diretamente relacionadas com o exercício físico.

quer sejam eles de ordem física, quer sejam de ordem moral.

Esse poder quase mágico atribuído ao exercício físico figurará nos demais Congressos Brasileiros de Higiene, realizados ao longo da década de 20 deste século, variando apenas o seu enfoque ou forma de abordagem.

Esta afirmação pode ser constatada através da leitura dos "Annaes do 2o. Congresso Brasileiro de Higiene, realizado em 1924 na cidade de Belo Horizonte, no qual se enfatizou de modo acentuado o caráter técnico das ações higienistas, evidenciando o patriotismo das mesmas, assim como o seu significado para a "melhoria da raça". Foi aí que o binômio Educação Física e Higiene tornou-se fundamental. O Dr. Amaury Medeiros, em discurso inaugural naquele congresso, assim se expressa sobre o assunto:

"...Com a visão do Brasil de amanhã urge prover, inadiável, à educação nacional nos seus tríptico aspecto - physico, intelectual e moral - reservando-se à educação hygiênica função essencial na formação eugênica da raça".(98)

E a ginástica é parte constitutiva da "Educação higiênica", é o seu "complemento necessário", conforme expressão utilizada pelos higienistas, é um complemento que desde o século XIX é prescrito pelos médicos como receita, uma receita que deveria tornar-se hábito e constituir-se em uma "segunda natureza".

98. CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 2, B. Horizonte, 1928, p.36.

O exercício físico, entendido como hábito saudável de vida, será amplamente debatido no 3o. Congresso Brasileiro de Higiene, realizado em São Paulo, em 1926.

Na leitura de seus Anais, constatamos que dos doze temas apresentados, o que contemplou um maior número de trabalhos e teses foi aquele relativo à "Formação de hábitos sadios nas crianças, estudo psicológico, pedagógico e higiênico".

Afirmava o doutor Waldomiro de Oliveira que

"...Só o hábito pode dar elementos indestrutíveis para a "formação da consciência sanitária". Sem o hábito sadio, não é possível garantir a defesa da saúde da criança e garantir célula capaz de melhorar a raça de amanhã". (99)

E para que os bons hábitos sejam, de fato, incorporados é preciso espaço para que possam ser ensinados, portanto,

"...estender à rede escolar primária por todos os núcleos onde se encontrem crianças em idade escolar é obra do mais alto patriotismo e é sólido fundamento da instrução sanitária e da formação de hábitos de higiene". (100)

Ainda sobre o mesmo tema, o Dr. Colombo Spínola fala especificamente sobre o "valor da saúde" e acentua a necessidade do exercício físico para a sua manutenção e prevenção.

99. Waldomiro de OLIVEIRA, CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 3, Belo Horizonte, 1926. Annaes, p.801.

100. Ibid., p.805.

"...Sabemos hoje (afirma ele) que a saúde pode ser conquistada, bastando para isto nos cingir às suas leis estudar e conhecer o nosso próprio organismo, contribuindo para mantel-o em hygidez, que será certamente o resultado de uma maneira sadia de viver isto é de um repouso sufficiente, de um trabalho methodico, de exercícius moderados ao ar livre, de uma nutrição intelligentemente escolhida e adequada, etc. Realmente esta fora de duvida, que o mais precioso capital de um homem é a sua reserva de força e sua perfeita vitalidade". (101)

Cuidar dessa "reserva de força" e "vitalidade", preservando, então, esse "precioso capital" que é a saúde, passava a ser uma responsabilidade individual e, fundamentalmente, exigia obediência às regras de hygiene, ditadas pelos "Serviços Officiais". Ter saúde seria possível, desde que o indivíduo possuísse "conhecimentos", que ele fosse "educado higienicamente".

Os serviços oficiais de hygiene enfatizavam as suas funções de orientação e fiscalização da execução dos "bons preceitos de hygiene", envolvendo professores e auxiliares de ensino na nobre tarefa de formar higienicamente as crianças. (102)

Para exercer estas funções, são estabelecidas normas para os serviços oficiais, cujas principais, transcrevemos aqui:

"...o exame physico de cada aluno, pelo menos uma vez ao ano, exercícius physicos diariamente e ao

101. Colombo SPÍNOLA, CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 3. Belo Horizonte, Annaes, p. 861

102. Ibid, p. 866.

ar_livre(*), nutrição boa e adequada, repouso suficiente e trabalho metódico, escolas higiênicas e apropriadas".(103)

Na opinião dos médicos e por extensão dos pedagogos, os exercícios físicos ao ar livre tornam-se indispensáveis, pois a "vida escolar" com suas exigências tem agido desfavoravelmente sobre o desenvolvimento das crianças.

Assim os médicos aconselham a "ginástica natural", traduzida por jogos ao ar livre, corridas, saltos, passeios, patinação, natação, remo, etc"(104). Quando se referem à "ginástica metódica", sugerem a ginástica Sueca de Ling, por corresponder mais adequadamente aos princípios da higiene.

Conforme o Dr. Colombo Spinola, "...os exercícios físicos de Ling desenvolvem as forças físicas das crianças e dão aos movimentos maior amplitude com a menor força".(105)

Um aspecto que deve ser salientado e que figura com frequência nos discursos médicos, é aquele relativo aos cuidados para que não se cometam exageros e abusos na "dosagem" dos exercícios físicos. Estes devem ser prescritos pelo médico, que saberá fazê-lo adequadamente em função da idade e da constituição de cada criança(106).

103. CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 3, BELO HORIZONTE, 1926. Annaes, p.866.(*). Os grifos são nossos.

104. Ibid., p.868.

105. Colombo SPINOLA, Ibid, p.868.

106. Ibid, p.868.

Entre os cuidados com a saúde, destaca-se a Educação Física que tem o médico como o tutor do professor, aquele que ministrará a matéria na escola ou nas instituições particulares. Essa tutela é tal, que a promoção funcional dos professores está diretamente ligada aos cuidados por eles destinados à Educação Física, à saúde das crianças e à higiene da classe. Esses são os elementos a serem considerados na sua avaliação, os quais são privativos do médico escolar, conforme previsto no Decreto No. 2.008, de 14 de agosto de 1924 (107).

Uma vez mantido o professor sob sua tutela, através de diferentes mecanismos de controle, os médicos higienistas tratarão de buscar formas de controlar e fiscalizar também as crianças, e, para tal, criam os famosos Pelotões de Saúde. O Dr. Carneiro Leão, em pronunciamento no 3o. Congresso Brasileiro de Higiene, assim se refere a eles:

"... Há, neste momento, dez escolas que possuem Pelotões funcionando. Adaptados de um trabalho organizado pelo Dr. Carlos Sá para o Estado do Rio de Janeiro elles já se vão multiplicando. Os primeiros foram criados nas duas escolas do Morro do Pinto, ainda o anno passado, e estão funcionando com êxito. Este anno foram installados outros e até nas zonas suburbana e rural já estão funcionando, como acontece na Escola Rosa da Fonseca em Vila Militar e na Escola Estados Unidos, em Santa Cruz". (108)

-
107. CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 3, Belo Horizonte, 1926. Annaes, p.872.
108. Dr. Carneiro LEÃO, Ibid., p.873.

Os Pelotões da Saúde possuíam estatutos que deviam ser rigorosamente seguidos para a sua organização e constituição (109), bem como deveres, os quais seriam cumpridos diariamente pelos membros do Pelotão e registrados em fichas que ficariam sob a guarda da professora. Mensalmente essa ficha, devidamente registrada, seria visada pela diretora da escola, pelo inspetor escolar e pelo médico (110). Os deveres do Pelotão de saúde, eram os seguintes:

- 1 - Lavei as mãos e o rosto ao acordar.
- 2 - Tomei um banho com água e sabão.
- 3 - Penteei os cabelos e limpei as unhas.
- 4 - Escovei os dentes.
- 5 - Fiz gymnastica ao ar livre. (*)
- 6 - Fiz uma evacuação intestinal, lavando depois as mãos com água e sabão.
- 7 - Brinquei mais de meia hora ao ar livre.
- 8 - Tomei um copo de leite.
- 9 - Bebi mais de 3 copos d'água.
- 10 - Fiz respirações profundas ao ar livre.
- 11 - Estive sempre direito, quer de pé, quer sentado. Só li e escrevi em boa posição.
- 12 - Só bebi água no meu copo e só limpei os olhos e o nariz com o meu lenço.
- 13 - Dormi a noite passada 8 horas, pelo menos, em quarto ventilado.
- 14 - Comi fructas ouervas bem lavadas. Lavei as mãos antes de comer e mastiguei devagar tudo o que comi.
- 15 - Andei sempre calçado e com roupa limpa.
- 16 - Não beijei nem me deixei beijar.
- 17 - Não cuspi nem escarrei no chão. Ao espirrar ou tossir usei o meu lenço.
- 18 - Não colloquei na bocca, no nariz e nos ouvidos, nem os dedos, nem o lapis nem nada que estivesse sujo ou poudesse machucar-me.
- 19 - Não tomei alcool. Não fumei.

109. O detalhamento da constituição de um Pelotão de Saúde, bem como o seu "aparelhamento", pode ser encontrado em Carneiro LEÃO, Congresso Brasileiro de Hygiene, 3, Belo Horizonte, 1926. Annaes, p.873-4.

110. Ibid., p.873.

20 - Não menti nem brincando". (111)

Neste conjunto de deveres a serem cumpridos pelas crianças e fiscalizados pelo Pelotão, entre os quais encontramos a ginástica, é possível perceber toda uma disciplina corporal/higiênica cujos novos hábitos vão, se enraizando. Em nome da saúde, a higiene consegue inculcar uma tal disciplina corporal cujos princípios da moral burguesa figuram através das noções de bem e de mal, de certo e errado, contribuindo, assim, para uma aceitação "pacífica" do modo de ser e viver burguês; e a disciplina corporal, através das normas higiênicas, é tratada como a grande responsável pela pátria de amanhã,...

"...Não pode deixar de ser particular preocupação dos pais e dos educadores a colocação das crianças sob influxo constante da vida ao grande ar, da helioterapia preventiva e da ginástica moderna(*), os soberanos e incomparáveis recursos para o mais perfeito e duradouro estado de hygienez".(112)

Ao final dos trabalhos do 3o. Congresso Brasileiro de Higiene, o relator geral do tema "formação de hábitos sadios nas crianças", Dr. J.P. Fontenelli, apresentou um parecer no qual, não apenas evidencia a evolução da higiene, que de "coercitiva" passa a ser "educativa", como também acentua a necessidade do exercício físico como elemento fundamental da educação higiénica e enquanto hábito saudável. São suas estas palavras:

111. Ibid, p.875. (*)Os grifos são nossos.

112. MONCORVO FILHO, CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 3, Belo Horizonte, 1926. Annaes, p.908. (*)Os grifos são nossos.

"...A hygiene começou por ser imposta pela coerção, por meio de leis e regulamentos, com a sanção de multas, fechamento de casas, suspensão de licenças para negócios e até prisões. Depois passou a interessar directamente os indivíduos, procurando ensinar-lhes e explicar-lhes as vantagens das medidas exigidas. E, agora, verificado que para os factos fundamentais é tão importante evitar certos actos e obter a prática de outros, e também que nem sempre pode o indivíduo estar attento à significação e as vantagens de situações e actos em que se encontre ou que tenha de executar, veio a necessidade de garantir inconscientemente aos indivíduos a prática dos atos vantajosos á saúde, obtendo-se o que se poderia chamar de "comportamento hygiênico". É um trabalho de educação, para benefício individual e colectivo que encontra seu momento mais propício nas primeiras idades não só pelas condições particulares favoráveis, quanto a possibilidade de execução, como também para produzir sobretudo efeitos preventivos". (113).

Quanto aos exercícios físicos, eles figuram nas formulações conclusivas do parecer elaborado pelo Dr. Fontenelle, quando de sua referência à instituição escolar. Afirma ele que

"...(a)escola tem de actuar de varias formas: pelo meio, como possibilidade da execução dos actos sadios (perfeito fornecimento de água, boas instalações de latrina, lavatórios convenientemente aparelhados, etc); pelo exemplo da professora instruida em hygiene e educada sanitariamente pela organização dos trabalhos sem attentado aos dogmas da hygiene; e, muito particularmente, pelo esforço ali feito para inculcar bons hábitos de saúde, physica e psiquica, entre os quais incluidos os exercícios physicos ao ar livre". (114)

-
113. J.P. FONTENELLE. CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 3, Belo Horizonte, 1926. Annaes, p.935. Em 1929, o Dr. Fontenelle publica o livro "Fundamentos fisiológicos da Educação Física", o que demonstra a preocupação e o interesse dos médicos com esta área do conhecimento.
114. Ibid, p.937. (*) Os grifos são nossos.

O 5o. e último Congresso Brasileiro de Higiene(115), promovido pelo SBH nesta sua primeira fase e realizado em Recife, no ano de 1929, também confere destaque à temática do exercício físico, apresentando-o como importante fator eugênico no contexto da educação do povo.

O Dr. Waldomiro de Oliveira, debatendo o tema "Problemas de Saúde Pública", refere-se à ginástica como importante fator de higiene pessoal, e aos campos de recreação e esportes como elementos constitutivos de um efetivo saneamento do meio(116). Em seu pronunciamento, acentua a importância da educação, transcrevendo as idéias do Dr. Miguel Couto - um dos mais

115. Quanto ao "Quarto Congresso Brasileiro de Hygiene", não encontramos em nossa pesquisa registros sobre os trabalhos e temas já apresentados. Na leitura da pesquisa realizada por M.T.LUZ, intitulada Medicina e Ordem Política Brasileira, constatamos a mesma dificuldade da autora que, entretanto, nos traz alguns dados sobre aquele Congresso obtidos nos "Archivos de Hygiene". O Quarto Congresso Brasileiro de Hygiene foi realizado na Bahia, no período 14 a 20 de janeiro de 1928, e lá "...foram apresentados 67 trabalhos. Pelas poucas moções que o texto apresenta, percebe-se a importância do combate à peste, à houbá, à luta antivenéria...o que sugere a profundidade da situação endêmica e epidêmica no país e a necessidade política de seu controle". M.T.LUZ também registra um acentuado debate em torno da idéia de um certo "nacionalismo patriota" presente na doutrina sanitaria, "mais ligado à "eugenia", à "melhoria da raça", reconhecedor da universalidade das "grandes instituições"...entretanto (salienta a autora), nem as referências aos discursos nem as moções apresentadas nos permitem concluir sobre a natureza das principais linhas em luta neste campo". p.182-3.

116. Para o Dr. Waldomiro de Oliveira, o saneamento deve ser discutido com "...os assuntos que dizem respeito à engenharia sanitária: purificação da água, rede e destino final do esgoto, remoção e destino final do lixo, ventilação, iluminação. ..(e)campos_de_recreação_e_esportes". CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 5, Annaes, 1929, p.132. (*)Os grifos são nossos.

eminentes médicos da época - para dar conta desta importante questão nacional.

"...Sem educação não há superioridade moral, não há Pátria...Porque não lançamos nós, pacíficos, de vez em quando, um vasto programa de Educação Nacional, para termos amanhã à Pátria mais bella, dessa beleza moral que irradia a cultura, a mais próspera porque da cultura nasce a ambição, da ambição a atividade, da atividade a riqueza, e desta multiplicada a prosperidade coletiva...Eis o que é a saúde da raça, a saúde da Pátria. É a sua cultura...no Brasil só há um problema nacional - a educação do povo". (117)

Estas idéias sobre a educação como fator de regeneração e renovação nacional, defendidas pelos médicos, serão incorporadas no discurso de pedagogos e estadistas em torno da bandeira da Escola Nova, movimento de renovação do país pela educação: uma educação física, intelectual e moral.

Ainda sobre a Educação Física, o 5o. Congresso Brasileiro de Higiene, através do pronunciamento do Dr. Waldomiro, atribue-lhe relevante papel. Afirma este médico que a Educação Física deve ocupar um lugar de evidência e isto se faz necessário uma vez que ela, "...racionalmente dirigida, aformosea, fortifica e disciplina o caráter e o corpo, dirige a população para diversões sãs e assim e por tudo isso constitue fonte de profilaxia real". (118)

117. CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 5, 1929. Annaes, p.133. Ver também, Miguel COUTO, No Brasil só há um problema nacional: a educação do povo.

118. Dr. Waldomiro de OLIVEIRA. Ibid., p.140.

Quanto aos parques destinados à prática da Educação Física, afirma o Dr. Waldomiro que eles devem ser

"...distribuídos pelos núcleos da população, (pois) garantem não só permanente e efetiva atuação, como podem trazer a melhor cooperação nas campanhas sanitárias, pelo atrativo que exercem principalmente sobre as crianças e a mocidade, que para frequentá-los submeter-se-iam facilmente as exigências de assistência sanitária".(119)

O 5o. Congresso traz, ainda, as conclusões votadas no II Congresso de Educação, conclusões estas que também tratam da Educação Física, colocando-a a serviço da educação sanitária. Elucidativa de nossa afirmação é a conclusão de No. VI, cujo teor transcrevemos: "...VI - Para orientar a Educação Sanitária no país, é indispensável que sejam criados institutos de Educação Physica, destinados ao preparo de instrutores técnicos".(120)

Os profissionais ligados à Educação Física seriam os arautos da saúde, vendedores de força e beleza, robustez e vigor.

A Ed. Física, portanto, passa a integrar as propostas discursivas dos médicos higienistas e fica gravada em seus escritos, em seus pronunciamentos e em seus congressos. É veiculada tanto nas propostas de tipo eugênico, quanto naquelas que tomam a

119. CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 5, Belo Horizonte, 1929. Annaes, p.140.
120. Ibid., p.141.

higiene moral e a educação como fundamento da ordem sanitária e, portanto, da ordem estatal. Além disso, elemento constitutivo da moralidade sanitária que se instala no país, ela é vista como fator de regeneração e revigoração da raça, figurando com destaque nas propostas eugênicas debatidas em torno da necessidade de se investir na "robustez do indivíduo" e na "virtude da raça".

6. EDUCAÇÃO FÍSICA E EUGENIA: ALGUMAS IDÉIAS DE FERNANDO DE AZEVEDO.

A leitura das Actas e Trabalhos apresentados no 1o. Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado no Rio de Janeiro, no ano de 1929, permite-nos apreender o destaque dado à Educação Física como fator fundamental na regeneração e revigoração da raça brasileira.

Apresentando o tema "Da educação physica como fator eugênico e sua orientação no Brasil", o Dr. Jorge de Moraes registra as seguintes conclusões:

- "1o. - A bem da saúde e desenvolvimento da raça, o 1o. Congresso Brasileiro de Eugenia appella para a classe médica afim de aprofundar a cultura nacional no que diz respeito às bases e orientação scientificas da Educação Physica a começar pela escolha do methodo apropriado aos brasileiros e ao seu clima.
- 2o. - O 1o. Congresso Brasileiro de Eugenia incita o Governo da República a que com máxima urgência:

- a) organise Escolas Superiores de Educação Physica para conveniente preparo dos professores indispensáveis á cultura physica nacional.
 - b) institua o Conselho Superior de Educação Physica Nacional órgão consultivo e orientador do grande problema eugenico.
 - c) estabeleça da melhor maneira possível a fiscalisação especializada do caso em todos os estabelecimentos de ensino, associações desportivas e outros centros de cultura physica.
 - d) promova o preparo de Gymnasios, e campos apropriados a gymnastica analytica e jogos ao ar livre para uso do povo em geral.
30. - O actual Congresso Eugenico proporá para suas futuras reuniões theses relativas á Educação Physica do povo brasileiro". (121)

O pensamento médico higienista, em sua vertente eugênica, atravessa o pensamento pedagógico e influencia fortemente a construção e estruturação da Educação Física no Brasil. O pensamento pedagógico representado por intelectuais como Fernando de Azevedo, é bastante elucidativo desta afirmação.

O pedagogo brasileiro, autor de vasta obra sobre a educação nas primeiras décadas do século, obra que incluye minucioso e extenso trabalho sobre a Educação Física, manteve estreita relação com o movimento eugenista brasileiro, tendo sido um dos 140 membros da Sociedade Eugênica de São Paulo, fundada a 15 de janeiro de 1918 (122).

121. CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA, 1, Rio de Janeiro, 1929. Actas e trabalhos, p.320.

122. Ibid., p.54. Sobre o movimento eugenista no Brasil, consultar Renato KEHL. "Porque sou eugenista" e "Lições de eugenia".

Fernando de Azevedo secretariou sessões daquela entidade, proferiu conferências (123), assim como inscreveu-se para tomar parte do 10. Congresso Brasileiro de Eugenia (124) ao qual já nos referimos.

Na conferência que proferiu na Sociedade Eugênica de São Paulo, Fernando de Azevedo estabelece estreita relação entre Atlética (125) ou Educação Física e Eugenia, considerando a cultura atlética ou Educação Física "como um dos problemas mais importantes da eugenia" (126). Para ele, a eugenia é

"...a ciência ou disciplina que tem por objetivo "o estudo dos fatores que, sob o controle social, possam melhorar ou prejudicar mentalmente, as qualidades raciais das gerações futuras", ou por outras palavras, o estudo das medidas sociais, - econômicas, sanitárias e educacionais que influenciam, física e mentalmente, o desenvolvimento das qualidades hereditárias dos indivíduos e, portanto, das gerações". (127)

Fernando de Azevedo entendia a eugenia como uma

-
123. "A Sociedade Eugênica de São Paulo promoveu várias conferências de propaganda... (a) terceira conferência (proferida a 25 de janeiro de 1919) teve como orador o Dr. Fernando de Azevedo, actual diretor geral da Instrução Pública Municipal e se intitulava "O segredo de Marathona". O conferencista discorreu brilhantemente sobre a necessidade do desenvolvimento integral do homem a fim de construir uma nacionalidade composta de indivíduos sãos e patriotas". Renato KEHL. A Eugenia no Brasil, In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA, 1, Rio de Janeiro, Actas e trabalhos, p.56.
124. As inscrições feitas para participar daquele Congresso estão registradas no Boletim de Eugenia, 4, 1929.
125. Diz Fernando de Azevedo: "...na atlética (permiti-me chamar aos esportes por seu nome grego), na atlética está, pois, o segrêdo de Maratona". Da Educação Física, p.229.
126. Fernando de AZEVEDO, Ibid., p.231.
127. Ibid, p.231.

ciência capaz de intervir no meio ambiente físico, intervenção essa que, valendo-se dos avanços conseguidos pela engenharia sanitária, permitiria a esta ciência ser capaz de exercer uma ação higiênica, educacional e sexual; através da eugenia, via a possibilidade de se adotar medidas que viessem a "...proteger a procriação contra a degenerescência e pela privação aos reprodutores doentes, dos meios de serem prejudiciais a raça". (128)

Sobre esse tema, é preciso registrar as idéias do Dr. Renato Kehl, fundador e presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, da qual Fernando de Azevedo foi membro. Kehl foi grande articulador e incentivador do movimento eugenista no Brasil, divulgando o pensamento eugênico através de um grande número de obras que publicou sobre o assunto, cuja relação encontra-se no livro "Porque sou eugenista". (129)

Segundo Kehl, "...um povo se estiola e degenera quando, no seu seio, os tipos inferiores tem mais filhos do que os capazes e bem dotados" (130). A única solução para evitar o aprofundamento desse estiolamento e degeneração do povo é, para

128. Fernando de AZEVEDO, p.231.

129. A relação dos títulos das obras publicadas é a seguinte: A Fada Higia-10.livro.Higiene para uso das escolas primárias,1925; Bíblia da saúde (Higiene para todos), 1926; Formulário da beleza,1927;Lições de eugenia (edição espanhola-Pedagogia sexual);Sexo e civilização (política eugênica);Eugenia e medicina social (Problemas da vida),1923; Melhoremos e prolonguemos a vida (A valorização eugênica do homem), 1924; A cura da fealdade,1923;Como escolher um bom marido (conselhos às moças);Como escolher uma boa esposa(Amor experimental),1925;Conduta(Lições de ética),1934;Cartilha de higiene.

130. Renato KEHL. Porque sou eugenista, p.35.

Kehl, a aplicação das leis eugênicas. Afirmava ele ser necessário

"...restringir a proliferação de infra-homens, de semi-alienados e de dementes, pela higiene do corpo e do espírito... (além de) fazer com que as pessoas bem dotadas ou, mais claramente, as pessoas fortes, equilibradas, inteligentes e bonitas, tenham um maior número de filhos, para que o número médio desta pessoas... se eleve progressivamente". (131)

Num quadro de "planejamento familiar", planejamento esse necessário para a proliferação de "bons exemplares da espécie", é importante registrar a atenção especial que passa a merecer a mulher. Ela deve ser "educada", preparada de modo científico para contribuir nesse processo de regeneração da raça, exercendo de modo competente a sua grande tarefa bio-social, qual seja: gerar e criar filhos robustos e saudáveis.

Em Fernando de Azevedo, a temática da mulher se revela sempre voltada para às questões da maternidade. Segundo suas palavras, "...é preciso ver na menina que desabrocha, a mãe de amanhã: formar fisicamente a mulher de hoje é reformar a geração futura" (132).

Essa formação física, ou educação física da mulher, deve abranger os... "trabalhos manuais, os jogos infantis, a ginástica educativa e os esportes menos violentos (os quais são) de

131. Ibid, p.21-6.

132. Fernando de AZEVEDO, op.cit., p.85. Ainda sobre Fernando de AZEVEDO e a Educação Física "adequada" à mulher, consultar Lino CASTELLANI FILHO, Educação Física no Brasil: a história que não se conta.

todo incompatíveis com a delicadeza do organismo das mães".(133)

Enquanto medida eugênica, os exercícios físicos teriam então por função, construir um corpo feminino apto a suportar a nobre tarefa da reprodução.

Assim, tendo a maternidade futura como horizonte para as mulheres, Fernando de Azevedo a elas se refere como as "obreiras da vida"(134), evidenciando a importância de uma cultura física que convenha ao organismo feminino e a sua função.

Como exemplo de exercícios físicos e esportes mais adequados a "delicadeza do organismo das mães"(135), cita entre outros a nataçãõ e a dança. Quanto à dança, evidencia o fato de ela desenvolver também a "graça", um dos maiores encantos da mulher. As danças, afirma Fernando,

"...feitas de extensões e flexões contínuas...farão mais tarde, a mulher de maternidades fáceis e de belos filhos, aumentando-lhe a flexibilidade do tronco, (dando-lhe) como reflexo natural sólidas paredes abdominais e o desenvolvimento completo da bacia pelviana".(136)

Essas considerações de Fernando de Azevedo sobre adequação do exercício físico ao organismo da mulher/mulher-mãe, reportam-nos àquelas feitas no final do século, por Rui Barbosa

133. Fernando de AZEVEDO, op.cit., p.82-3

134. Ibid., p.83.

135. Ibid., p.82-3.

136. Ibid., p.83.

que, de modo semelhante, advogava uma Educação Física para a mulher, que acentuasse as suas "formas feminis", construindo daquele modo, boas condições físicas para uma maternidade futura.

Em Rui Barbosa também estavam presentes teses eugênicas voltadas à regeneração da raça e à Educação Física da mulher como importante instrumento de educação eugênica.

Enquanto membro da Sociedade Eugênica de São Paulo, Fernando de Azevedo sugere àquela entidade, voltada à aplicação da ciência galtoniana, a necessidade de se criar, no Brasil, sociedades de educação física para moças aos moldes das existentes, já há muito tempo, em países como os Estados Unidos da América (137).

137. Fernando de AZEVEDO refere-se aqui às sociedades de educação física para moças existentes nos Estados Unidos, chamadas "Camp-Fire". Segundo ele, aquelas sociedades... "tem como um de seus intuitos primaciais desenvolver, por meio da higiene e trabalhos de campo, corpos sadios e bem trabalhados, nervos postos à prova para a realização do propósito do amor e do papel bio-educativo que lhes está destinado. Estes objetivos que se relacionam visceralmente com a maternidade, mostram à primeira vista (...) ser a eugenia a base admirável da instituição americana, por cuja iniciação cerca de 50 a 70 mil moças - as chamadas jovens do Camp-Fire - já usufruem os múltiplos benefícios do ambiente higiênico do campo, partilhando o tempo entre os exercícios da bola, remo e natação e estudos práticos sobre a formação e direção do lar, diferenciação entre os efeitos imediatos do meio sobre a mãe e as modificações determinadas pelas circunstâncias do tempo de maneira a poderem, pela robustez do organismo, aprimoramento do caráter e cultura de espírito, tornar-se a altura de seus deveres e responsabilidades. São estas instituições um dos preciosos frutos em que germinou (...) a ciência do lar, a home-science dos ingleses, que tem exatamente por fim "utilizar as conquistas nos vários ramos de nossos conhecimentos para obter a mulher, com o mínimo esforço, o máximo de predicados físicos e morais para o preenchimento cabal da missão de mãe e educadora circunscritos à órbita que lhe balizaram a natureza e as funções que lhe incumbem. Ibid., p.86-7.

Segundo Fernando, aquelas sociedades davam conta da educação da mulher, preparando-a para ocupar o seu lugar na sociedade e desempenhar, a contento, a sua função bio-social, propagando, no interior da família, as idéias eugênicas e higiênicas.

Para os intelectuais da época que acreditavam nos poderes da ciência galtoniana, colocava-se a necessidade de sua divulgação e propagação para além do espaço familiar, num outro espaço também homogeneizador-a escola. Isto porque, em países como os Estados Unidos, tal fato já vinha ocorrendo, conforme atestam eminentes eugenistas brasileiros, tais como o Dr. Renato Kehl.
(138)

Fernando de Azevedo é um desses intelectuais que explicita em seu discurso de pedagogo a crença nos poderes da eugenia, e, ao mesmo tempo, revela uma preocupação "pedagógica" em traduzi-la para que a sociedade, de um modo geral, a compreenda e possa dimensionar a sua importância.

Afirmava ele ser necessário entender que a eugenia

"...é também a aplicação enérgica para a conquista da plenitude das forças físicas e morais..., é o revigoração do povo por uma sábia política de educação; de defesa sanitária e de cultura atlética".(139)

138. Renato KEHL, op.cit., p.82.

139. Fernando de AZEVEDO, Da Educação Física, p.231-2

A cultura atlética ou Educação Física é entendida por Fernando de Azevedo como medida eugênica e, portanto, como elemento da educação eugênica e higiênica do povo. Este entendimento traduz a afinidade de idéias do pedagogo com as teses eugênicas presentes no interior do debate médico higienista, nas primeiras décadas deste século no Brasil. Ele traduz, também, a identidade de suas idéias com as outras propostas discursivas presentes naquele debate, quais sejam, aquelas que tomam a higiene moral (bons hábitos, bons costumes) assim como a educação, como o fundamento da ordem sanitária. Ou seja, é possível perceber uma determinação das teses médico-higienistas nas formulações de Fernando de Azevedo sobre a Cultura Atlética ou Educação Física. O trecho que segue é elucidativo de nossa afirmação:

"...uma vez introduzida pela educação nos hábitos do país, a prática(da) cultura física sustentada durante uma larga série de gerações, depuraria nossa gente de diáteses mórbidas, fortificando-a e enriquecendo-a, progressivamente pela criação incessante de indivíduos robustos... As gerações de amanhã aperçadas por sistema, pela educação física - afinadora da raça e colaboradora do progresso - imerimiriam assim nas que lhes sucedessem, e submetidas ao mesmo tratamento, o cunho de seu caráter, para que pudessem, dentro dos limites do patrimônio biológico hereditário, aperfeiçoar ainda mais a natureza humana(*). O país que não tem educação física (tomada esta expressão no sentido mais amplo), não poderá jamais erguer seu povo a altura da missão que lhe cabe, na construção de uma sociedade nova. O que a tem má, irregular, empírica, rotineira, contínuo plágio de processos arcaicos ou de rebotalhos senis, não terá senão de arrastar-se para a derrota no áspero caminho em que se chocam as competições da era industrial, que é de energia e tenacidade, rigor e precisão". (140)

140. Fernando de AZEVEDO, op.cit., p.216. (*)Os grifos são nossos.

Atribuindo papel de destaque ao médico nos debates em torno de qualquer problema nacional, particularmente naqueles referentes à educação e à Educação Física, Fernando de Azevedo, assim como Rui Barbosa, em conjunturas específicas, acreditava ser possível viabilizar o progresso e o desenvolvimento do país através de um rígido controle da saúde, e de uma ampla campanha de educação do povo, campanha esta que se traduziu no movimento escolanovista.

Dedicando especial atenção à Educação Física, Fernando de Azevedo esboça, com apurado requinte intelectual, uma obra sobre a importância da Educação Física para toda a sociedade e, particularmente, para a instituição escolar.

Neste trabalho, publicado pela primeira vez em 1916 (141) e recebendo complementações e revisões posteriores,

141. No prefácio da terceira e última edição desta obra, datada de 1960, Fernando de Azevedo assim se expressa: "...Quando apareceu este livro, em 1920, era ainda muito jovem e já contava com cinco anos de estudos sobre a educação física e de lutas pela sua organização e difusão no país. Essa campanha eu a iniciara com todo o calor dos meus vinte e um anos, em 1915, propondo e obtendo a criação de uma cadeira de educação física no Ginásio do Estado da Capital de Minas e disputando-a em concurso como prova pública da importância que atribua a essa parte, tão menosprezada da educação geral. Referindo-se a esse ruidoso concurso, escreveu Lindolfo Azevedo em "O País", do Rio de Janeiro, um belo artigo que, depois de haver apreciado a tese que eu defendera, terminava ele com estas palavras: "A cadeira não lhe foi dada, mas o livro ficou". F. de AZEVEDO, op.cit., p.9.

sendo reeditado ainda por mais duas vezes, em 1920 e 1960, encontramos um denso referencial baseado nas ciências biológicas como o suporte necessário e suficiente para o desenvolvimento da Educação Física brasileira.

Nesta obra, Fernando de Azevedo estabelece estreita relação entre Educação Física e Medicina, e valendo-se das palavras do médico francês Philippe Tissié, afirma que o professor de Educação Física

"...deve ter quase os mesmos conhecimentos que o higienista, não bastando ser um pedagogo, mas sendo mister que seja um médico, não bastando que a sua competência se estenda aos mais sólidos conhecimentos didáticos, mas importando vitalmente que a sua propedêutica abranja noções seguras de higiene e anátomo-fisiologia... porque na sua fórmula precisa... a educação física é higiene e higiene é medicina". (142)

A partir da definição dos conhecimentos necessários à formação do professor de Educação Física, colocada pelo Dr. Tissié e assumida por Fernando de Azevedo, é possível perceber a determinação e hegemonia dos conhecimentos anátomo-fisiológicos e higiênicos oriundos do pensamento médico, naquela formação profissional. Este fato é também perceptível em outros momentos da obra de Fernando de Azevedo sobre a Educação Física.

142. Philip TISSIÉ, apud. F. de AZEVEDO, Da Educação Física, p.91.

Nossa afirmação pode ser constatada na minuciosa análise que faz o autor citado acerca das escolas ou métodos de ginástica surgidos na Europa do século XIX.

Em suas análises sobre a escola alemã, francesa e sueca (143), consideradas as primeiras sistematizações científicas sobre o exercício físico, esboçam-se os contornos de uma Educação Física como sinônimo de saúde física e moral, contorno esse fornecido pela fisiologia, anatomia, biologia enquanto ciências, assim como pelos médicos, biólogos, fisiologistas e anatomistas enquanto profissionais e portadores "legítimos" daquele conhecimento considerado "científico".

Por seu lado, Fernando de Azevedo demonstra profundo conhecimento destas ciências ao discutir a superioridade de uma escola em relação a outra, assim como demonstra, também, uma estreita vinculação e concordância com as conclusões de médicos, fisiologistas e anatomistas que se dedicavam ao seu estudo.

A aproximação com estes profissionais e a apro-

143. Fernando de AZEVEDO refere-se também a outras manifestações e estudos sobre o exercício físico, assinalando o trabalho desenvolvido pelos ingleses sobre os esportes e pelos americanos sobre a calistenia voltada para a mulher. Para nossos estudos, delimitamos apenas as suas análises em torno das três grandes escolas, ou seja, aquelas que constituem a gênese do movimento ginástico europeu e mundial.

priação daquele conhecimento, podia ser justificada pela "busca de status científico" para a Educação Física, busca esta que fazia com que Fernando de Azevedo acentuasse as virtudes das ciências biológicas quando fazia referência às escolas de ginástica.

Esta "busca de status científico" para a Educação Física não pode ser tratada como via de mão única e positiva, em si, porque científica. Se de um lado esta busca contribuiu para conferir credibilidade e aceitação para a Educação Física, quer seja no âmbito escolar, quer seja fora dele, de um outro lado lançou as bases para a elaboração de uma concepção de Educação Física biologicista e medicalizada, tendo, portanto, como objeto de trabalho, um corpo biológico destituído de historicidade.

Neste sentido a argumentação que faz Fernando sobre a superioridade da ginástica sueca em relação a ginástica alemã e francesa elucida a nossa reflexão. Tomando por base para as suas argumentações as considerações feitas por anatomistas, fisiologistas e, em especial, pelo médico Tissie - para quem a superioridade da ginástica sueca em relação às outras deve-se ao fato de estar ela acentada em bases fisiológicas e educativas -, Fernando de Azevedo assim se expressa:

"...(a ginástica) de Ling, educador e poeta sueco é essencialmente fisiológica;... teve uma lon-

ga gestação e originou-se de maturadas experiências e do desejo de restituir a saúde ao povo escandinavo... (de) educar a juventude escolar, restaurando-lhe as forças, desenvolvendo-lhe o organismo a fim de, antes de tudo, tornar o homem, na frase de Emerson, "um bom animal".(144)

Estes argumentos - próprios a uma concepção anátomo-fisiológica da Educação Física - pontuam as análises de Fernando sobre as escolas de ginástica, quer seja para consagrá-las como receitas de saúde, quer seja para criticá-las como malélicas e prejudiciais ao desenvolvimento "harmonioso" dos indivíduos.

Observando as diferenças existentes entre a ginástica sueca e a alemã, Fernando de Azevedo explica porque a primeira é superior à segunda:

"a)... a ginástica alemã tende a fortalecer, sobretudo, os músculos dos braços e do peito, descuidando os segmentos inferiores, de cujo desenvolvimento o método de Ling cuida tanto como dos superiores, de acordo com os princípios da estética e da fisiologia;

b)... a ginástica de aparelhos (barra fixa, paralelas, trapézio e anéis), desenvolvendo a musculatura sob a forma de músculos curtos (...) sobretudo os peitorais, atrai as omoplatas para diante, prejudicando a amplitude da caixa torácica, ao passo que a sueca, desenvolvendo os músculos sob a forma de músculos compridos (...) com exceção dos fixadores da omoplata contribui admiravelmente para a função respiratória.

c) (...) na ginástica de aparelhos (alemã) predomina o trabalho estático, que anquilosa e tende a imobilizar as articulações, enrijando os músculos em posição determinada, que vai produzir mais tarde os movimentos de contração dinâmica; na ginástica sueca, ao contrário, e nos exercícios de mãos livres em geral (flexão, extensão, rotação, circundação, pronação e supinação), prepondera o trabalho dinâmico, que é o mais vantajoso de todos, porque do mesmo tipo do movimento natural utilizado para os diferentes atos da vida;

d) e, finalmente, porque o sistema de aparelhos, (ginástica alemã) congestionando as epífises ósseas, deforma e abobada o corpo, contribuindo para o abaixamento da estatura, quando a ginástica sueca, longe de ter estes efeitos congestionantes e de desenvolver músculos nodosos, maços e espessos, que o aparelho alcança, tende, ao contrário, ao desenvolvimento harmônico do corpo e à realização da atitude elegante e esbelta". (145)

Depreende-se, desta minuciosa análise, argumentos oriundos exclusivamente das ciências biológicas. As vantagens e desvantagens de uma e outra escola não vão além das possibilidades musculares e articulares do corpo humano, e o "conhecimento" sobre este corpo humano em movimento apresenta-se reduzido a um de seus aspectos, o biológico.

Quanto à ginástica francesa, as análises de Fernando de Azevedo trazem, num primeiro momento, as idéias centrais da obra de seu fundador, Amoros, afirmando ser ela... "sem contradição, (a obra) mais bela e a mais completa que jamais tenha sido tentada naquele país, em prol da renovação física e viril daquele povo". (146)

145. Fernando de AZEVEDO, op.cit., 128-9.

146. Ibid, p.98.

A ginástica como fator de regeneração física e viril de um povo aparece, nesta análise inicial, como um dos aspectos relevantes da obra de Amoros.

Há, também, neste primeiro momento, o registro de autores que, com suas pesquisas, ampliaram as possibilidades educativas do método amorosiano, tais como Jacques Dalcroze com sua ginástica rítmica, a qual, tendo introduzido o canto, ... "comporta um notável desenvolvimento de energia, vontade e destreza moral" (147), conforme assinala Fernando de Azevedo, que todavia, ele sugere cautela e muito conhecimento para aqueles que dela farão uso.

Acentuando a posição defendida pela medicina acerca daquela escola de ginástica, Fernando de Azevedo assim se expressa ao concluir sua argumentação inicial:

"...Sem negarmos, pois, o esforço e o movimento criados pela ginástica de Amoros, que indicou o processo de utilizar o exercício físico como meio moralizador, legando-nos um método que é produto de sua experiência das coisas e dos homens, notamos que a medicina não aconselha para os meninos, sobretudo, a ginástica com certos aparelhos, como não recomenda esportes violentos. Ademais, este método, com seus frisantes caracteres, é mais um sistema de educação física militar do que um método de ginástica escolar; sistema, que "sendo admiravelmente adaptado ao seu destino (educação militar), na frase de George Demeny, é por demais atlético, e devia modificar-se para convir a infância e as mulheres". (148)

147. Fernando de AZEVEDO, Da Educação Física, p.99.

148. Ibid, p.100

Estes breves registros das idéias centrais de Fernando de Azevedo acerca das diferenças entre as escolas de ginástica, e a sua opção por uma delas, demonstram, sobretudo, o enorme e quase único espaço ocupado pelas ciências biológicas, assim como pelas opiniões e conclusões de médicos e fisiologistas em suas considerações.

A importância que assumem estas ciências e estes profissionais no pensamento de Fernando de Azevedo sobre a Educação Física não se fazem presentes exclusivamente em suas análises sobre as escolas de ginástica. Esta importância, como já pudemos observar em outros momentos deste trabalho, está na base da concepção de Educação Física que tem o autor, quer seja no âmbito escolar, quer seja fora dele.

Conforme preconizavam ilustres pedagogos dos anos 20, e Fernando era um deles, a Educação Física na escola deveria ter na fisiologia o seu ponto de apoio, "sua pedra de toque", pois a partir de um conhecimento seguro desta ciência, poderia ser o professor... "o mensageiro feliz e certo (dos) grandes benefícios da ginástica". (149)

A colaboração incessante entre o médico e o professor, especialmente o professor de ginástica, torna-se fundamental, pois

149. Fernando de AZEVEDO, op.cit., p.188

"...como conhecer o perfeito estado fisiológico da criança (pergunta Fernando), sem a introdução do médico na escola, que é aliás, absolutamente indispensável, não só do ponto de vista higiênico ou profilático, como também sob o ponto de vista educativo?" (150)

Percebe-se aqui também, a identidade entre o discurso pedagógico e médico. Isto, porque os médicos também reivindicaram a necessidade de sua presença no espaço escolar, o caráter indispensável dos seus serviços para o "bom desenvolvimento" do ensino, para a formação dos hábitos sadios nas crianças... etc. E Fernando de Azevedo foi grande defensor dessas reivindicações, sendo que, para ele, a aula de Educação Física na escola não poderia acontecer sem a presença do médico.

A sua concordância com a necessidade do médico na escola, e em especial como orientador e coordenador dos trabalhos a serem desenvolvidos pela Educação Física, encontra respaldo nas formulações votadas no Congresso Internacional de Educação Física, reunido em Paris, em 1913, as quais transcrevemos:

10. - antes de serem submetidos à educação física todos os meninos e meninas serão examinados pelo médico-inspetor, que os classificará em normais e retardados;
20. - os meninos normais (ou por outra parte, os regulares físicos) serão confiados ao educa-

dor físico, sob a vigilância efetiva do médico-inspetor (*);

- 3o. - Entre os retardados, aqueles aos quais for recomendável um tratamento cinésico, serão confiados ao médico especialista cinesioterapeuta". (151)

Estas formulações nos confirmam a idéia de que a Educação Física na escola é uma questão médica e não pedagógica, na medida em que quem define o conteúdo e "permite" a criança participar ou não de uma aula é o médico. O professor desempenha um papel secundário, digamos assim, um papel de auxiliar direto, um papel de executor de tarefas pensadas e fiscalizadas pelo médico.

Qual seria então o grande objetivo a ser alcançado através desse mútuo auxílio entre médicos e professores de ginástica, onde tanto os primeiros deveriam conhecer os métodos de ensino, como os segundos estudar exaustivamente as ciências biológicas? Segundo Fernando de Azevedo, esse trabalho mútuo teria por objetivo assegurar com eficácia o melhoramento da raça. (152)

O melhoramento da raça, todavia, implicava em questões não apenas de ordem biológica, mas, também, e, principalmente, questões de ordem moral (bons costumes, bons hábitos, inclusive sexuais), questões essas a serem especilmente tratadas na puberdade... "período das ilusões perigosas, dos desejos inconfessados

151. Fernando de AZEVEDO, Da Educação Física, p.197. Os grifos são nossos.

152. Ibid., p.199

e inconfessáveis". (153), conforme afirma Fernando de Azevedo, que assim como Rui Barbosa percebe a Educação Física como excelente instrumento de educação não apenas física mas, fundamentalmente, moral,

"...a educação física torna-se uma salvaguarda da moralidade privada sobretudo no momento da puberdade, nesta idade crítica, em que as forças por longo tempo armazenadas fazem, de repente, simultaneamente, a explosão de uma seiva exuberante que tende a concentrar-se sobre os órgãos da geração e que o exercício reparte por todas as partes do corpo humano, destruindo ou prevenindo, pela fadiga dos membros e pela excitação muscular, as perigosas tendências da época pubertária.
...Não se fazendo (na puberdade) uma derivação enérgica pelos esportes e pela ginástica nas horas que o estudo deixa livre, a excitação genital criaria todas as perversões sexuais". (154)

A partir destas colocações feitas por Fernando de Azevedo, é possível perceber as razões que o levam a acentuar as ciências em que se deve basear-se o professor de ginástica. Ele nos diz que são muitas as ciências, sendo que o professor ... "não deve atender apenas às exigências da anatomia e da estética, mas também as da fisiologia elementar, da higiene dos exercícios corporais, da análise dos movimentos, da pedagogia e da moral(*)". (155)

Esse amplo espectro de saber deveria, então, formar

153. Ibid., p.189.

154. Fernando de AZEVEDO, Da Educação Física, p.44 e 189.

155. Ibid, p.151. (*) Os grifos são nossos.

um professor que pudesse ser a um só tempo psicólogo e higienista. Reunindo tão amplos conhecimentos, o professor de ginástica poderia, desse modo observar cientificamente as condições tanto psíquicas quanto físicas de seus alunos. (156)

Quanto a essas observações, elas não poderiam ser obras do acaso, ou do espontaneísmo. Deveriam ser registradas em uma "folha biológica". (157), cuja finalidade seria aperfeiçoar e corrigir as condições dos educandos que foram observadas.

Os resultados empíricos do número de vezes que uma criança, um adolescente ou um adulto são capazes de executar de um determinado exercício - "resultado que a folha biológica registra" - viriam a constituir-se na referência fundamental para essa Educação Física, referência essa que serviria de paradigma para todo o seu desenvolvimento na escola. E o professor, esse "médico auxiliar" deveria, então, ser alguém capaz de ... "constatar ... pelos processos vários de mensurações corporais, os resultados de seu ensino... fazer... o registro dos benefícios que provieram dos exercícios, e dos inconvenientes que determinaram". (158)

Dentro desta concepção biologicista de Educação Física, baseada na ciência positivista e no seu método da observação e comparação de resultados, a formação das séries de alunos

156. Fernando de AZEVEDO, Da Educação Física, p.91.

157. Ibid., p.91.

158. Ibid., p.91.

para as aulas daquela matéria deveria, também, obedecer a critérios biológicos, ou seja "...o critério da equivalência física, resultante da idade, do coeficiente de robustez, do índice do perímetro torácico e da conformação constitucional de cada um" (*).
(159)

A idéia da homogeneização das classes escolares a partir de critérios biológicos e psicológicos, critérios esses mensuráveis e comparáveis, não foi exclusividade da Educação Física. Foi, pelo contrário, o critério adotado na construção de uma outra escola a partir do ideário escolanovista.

A escola, e particularmente a escola primária, passou a ser o espaço da homogeneização a partir de resultados obtidos com as fichas médicas, pedagógicas, com os testes psicológicos e de escolaridade. Os resultados deste volumoso número de fichas e testes classificavam as crianças em débeis, inteligentes, normais, retardados, distribuindo-as em lugares e espaços sociais determinados, na escola e na sociedade (160).

A Educação Física, quer seja aquela desenvolvida no âmbito escolar, quer seja fora dele, acentua as representações que a sociedade tem dos indivíduos, seja do seu corpo - entendido

159. Fernando de AZEVEDO, Da Educação Física, p.185. Os grifos são nossos.

160. Clarice NUNES, op.cit., p.545.

como corpo biológico, a-histórico; seja de sua moral - entendida como amor ao trabalho, à ordem, à disciplina; seja de seu espaço na sociedade - entendido como resultado do esforço individual, da tenacidade, da vontade.

Fruto da biologização e medicalização das práticas sociais, a Educação Física foi estruturada a partir do ideário burguês de civilidade, significando, de um lado conquista individual e mágica de saúde física, e de outro disciplinarização da vontade e, desse modo, constituindo-se em importante instrumento de construção da ordem, uma vez que "...um organismo sadio e de músculos adestrados é de certo mais fácil a moralizar do que uma máquina humana enfraquecida e emperrada". (161)

161. Fernando de AZEVEDO, *op.cit.*, p.238.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um projeto burguês de civilidade é traçado para o Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Seu desenho, porém só se torna, de fato, visível com a proclamação da República, sendo que os seus contornos finais só foram traçados nas décadas iniciais deste século.

Os médicos higienistas são aqueles que, através de seu discurso e de sua prática, auxiliam de forma decisiva na concepção e execução deste projeto por meio de inúmeros mecanismos de controle das populações. Tudo em nome da SAÚDE, da ordem e do progresso.

Entre os mecanismos por eles forjados, destaca-se a Educação Física, disciplinadora dos corpos e da vontade...apologia da saúde física enquanto responsabilidade individual.

A Educação Física, idealizada e realizada pelos médicos higienistas, tendo por base as ciências biológicas e a moral burguesa, integrou de modo orgânico o conjunto de procedimentos disciplinares dos corpos e das mentes, necessário à consecução da nova ordem capitalista em formação. Acentuou de forma decisiva o traçado de uma nova figura para o trabalhador, adequado àquela nova ordem: um trabalhador mais produtivo, disciplinado, moralizado e, sobretudo, fisicamente ágil.

Fruto da biologização e naturalização que dirige a construção da nova sociedade, a Educação Física foi utilizada pelos médicos higienistas como instrumento de aprimoramento da saúde física e moral, acoplada aos ideais eugênicos de regeneração e purificação da raça. Ela se fez protagonista de um corpo saudável, robusto, disciplinado, e de uma sociedade asséptica, limpa, ordenada e moralizada, enquadrada, enfim, aos padrões higiênicos de conteúdo burguês. Podia ser a "receita" e o "remédio" para a cura de todos os "males" que afligiam a caótica sociedade brasileira capitalista em formação.

Objeto do saber e do fazer médico, a Educação Física atuou na "preparação" do corpo feminino para o desempenho de sua nobre tarefa: a reprodução dos filhos da pátria, reforçando, assim, o ideário burguês sobre espaços e papéis sociais permitidos a mulher ocupar e desempenhar.

Atuou, também, tanto na "preparação" do corpo do soldado, fazendo-o útil à pátria, quanto no corpo do trabalhador manual, tornando-o mais útil ao capital.

Em relação às crianças, é possível afirmar pelos documentos e obras analisados, que os médicos higienistas sempre dedicaram atenção especial à Educação Física. Exigindo a sua obrigatoriedade desde os primeiros anos de escolaridade, os médicos desejaram fazer do exercício físico um hábito capaz de gerar

saúde em si mesmo. Desejaram, através dos exercícios físicos, disciplinar os gestos e a vontade desde cedo, e em nome da SAÚDE, inculcar a idéia de que da disciplina física individual depende o futuro da pátria.

Nas páginas escritas deste trabalho, procuramos evidenciar, através das obras consultadas e dos documentos analisados, deixando-os "falarem por nós", os elementos constitutivos de uma visão biologizada da Educação Física.

Na análise do processo de construção desta visão, o pensamento médico higienista revelou-se como a expressão mais acabada da biologização e naturalização não apenas da Educação Física, mas do Homem e da sociedade em geral, a qual surge colada ao processo de desenvolvimento do capitalismo mundial e as suas repercussões e adaptações no Brasil.

A Educação Física, no período analisado, apresentou-se, de fato, como "científica" e, portanto, convincente, uma vez que, só possuíam status, as práticas sociais que se apresentassem como tal. No seu tempo e espaço, a Educação Física atendeu aos critérios de cientificidade impostos pela ciência positivista (hegemônica no período), e foi respeitada e aclamada por assim se apresentar.

Recordamos também que expressões do pensamento pedagógico brasileiro tais como Rui Barbosa e Fernando de Azevedo,

como pudemos constatar ao longo deste trabalho, não pouparam páginas em seus escritos sobre a Educação Física, para evidenciar esse caráter "científico" a ela emprestado pelas ciências biológicas e pelos médicos.

Tematizando, então, um corpo biológico e proclamando a moral burguesa, a Educação Física, assim determinada, teria, em seu interior, elementos constitutivos de práticas libertadoras na medida em que, embora com todos os seus limites, considerou o corpo, por séculos relegado ao limbo do pecado e do preconceito?

Aqui colocamos o nosso ponto final...mas a resposta à pergunta registrada, indica que a problemática tratada apenas começa a ser discutida.

BIBLIOGRAFIA

- ACCIOLY, Aluizio Ramos. Basedow e sua contribuição à educação física. Rio de Janeiro, Editora Brasileira de Educação Física, 1950.
- Adolph Spiess e a ginástica nas escolas alemãs. Rio de Janeiro, Ed. Brasileira de Educação Física, 1949.
- AZEVEDO, Fernando de. Da educação física. São Paulo, Melhoramentos, 3a. ed., 1960.
- BARBOSA, Rui. Obras Completas. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1946, V.10, Tomo 2.
- Obras Completas. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1947, V.10, Tomo 1.
- Obras Completas. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1942, V. 9, Tomo 1.
- BERGO, Antônio Carlos. O positivismo como superestrutura ideológica no Brasil e sua influência na educação. São Paulo, PUC, 1979. (Diss. Mestrado)
- BERNAL, J.D. Ciência na história. Lisboa, Horizonte, 1976, V.3.
- BISSERET, Noelle. A ideologia das aptidões naturais. In Educação e hegemonia de classe, org. DURAND, J.C.G., Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p.30-67.
- BOLETIM DE EUGENIA, Rio de Janeiro, Vol.1(4), 1929.
- BRUZZO, Cristina. Em nome da saúde... da ordem e do progresso: discurso e prática dos médicos do Serviço Sanitário paulista no final do século XIX. Campinas, UNICAMP, 1988. (diss. Mestrado)
- CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro. A Educação Física no Estado Novo: história e doutrina. Brasília, UNB, 1982. (diss. Mestrado)
- CARVALHO, José Murillo de. A construção da ordem: a elite política imperial. Brasília, Universidade de Brasília, 1981.
- Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Escola e a República. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas, Papirus, 1988.

- COMTE, Augusto. Curso de filosofia positiva. In Os_pensadores, 2a.ed., São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- Catecismo positivista. In Os_pensadores, 2a.ed., São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE. 1. Annaes, Rio de Janeiro, 1923, Officinas Graphicas de Demographia Sanitária, 1926, (1), Vol.1.
- 3. Annaes, São Paulo, 1926.
- 5. Annaes, Recife, 1929, Officinas da Inspectoria de Demographia Sanitária, 1929, V.1.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA. 1. Actas e Trabalhos, Rio de Janeiro, 1929, V.1..
- CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA E CIRURGIA. 6. Annaes, São Paulo, 1907. Typographia Brasil de Rothschild & Co.
- COSTA, Jurandir Freire. Ordem_médica_e_norma_familiar. 2a.ed., Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- COSTA, Nilson do Rosário. Estado, Educação e Sociedade: a higiene da vida cotidiana. In Cadernos_Cedes, São Paulo, (4):5-27, 1984.
- CUNHA, Luis Antônio. Educação_e_Developmento_Social_no_Brasil. Rio de Janeiro, F.Alves, 1980.
- DONNANGELO, Maria Cecília F e Luiz PEREIRA. Saúde_e_Sociedade. São Paulo, Duas Cidades, 2a.ed., 1979.
- DONZELOT, Jacques. A_polícia_das_famílias. 2a.ed., Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- DURKHEIM, émile. Da divisão do trabalho social. In Os_pensadores. 2a.ed., São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- EDMUNDO, Luis. "Um jornalista vê o Rio". In Nosso_Século. São Paulo, 1982, V.1.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo_Dicionário_da_Língua_Portuguesa. (Rio de Janeiro), Editora Nova Fronteira, s.d.p., 1499 p.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica_do_Poder. 5a.ed., Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- HOBBSAWM, Eric J. A_era_da_revoluções:_Europa_1789-1848. 4a.ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

IANNI, Octavio. Escravidão e racismo. 2a.ed., São Paulo, Hucitec, 1988.

KEHL, Renato. Porque sou Eugenista. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1937.

LANGLADE, Alberto & LANGLADE, Nelly Rey. Teoria general de la gimnasia. Buenos Aires, Stadium, 1970.

LEONTIEV, Alexis. O desenvolvimento do esiquismo. Lisboa, Horizonte, 1978.

LIMA, Gerson Zanetta de. Saúde escolar e educação. São Paulo, Cortez, 1985.

LUZ, Madel Terezinha. Medicina e ordem política brasileira: política e instituições de saúde (1850-1930). Rio de Janeiro, Graal, 1982.

----- Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro, Campus, 1988.

LOWY, Michel. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do conhecimento. São Paulo, Busca Vida, 1987.

MACHADO, Lucília R. de Souza. Politécnica, escola unitária e trabalho. São Paulo, Cortez, 1989.

MANACORDA, Mário Alighiero. História da educação: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo, Cortez, 1989.

MARINHO, Inezil Penna. História geral da educação física. 2a.ed., São Paulo, Brasil, 1980.

----- História da educação física e desportos no Brasil. Rio de Janeiro, DEF-MES, 1952-53, 4v.

----- Sistemas e Métodos de educação física. 5a.ed., Rio de Janeiro, DEF-MES, 1952-53.

MARX, Karl. O Capital. 10a.ed., São Paulo, Difel, 1985, V.1.

MARX, K. e ENGELS, F. Crítica da educação e do ensino. 1a.ed., Lisboa, Moraes, 1978.

----- Manifesto do partido comunista. 2a.ed., Lisboa, Avante, 1975.

MEHRY, Emerson Elias. O capitalismo e a saúde pública: a emergência das práticas sanitárias no Estado de São Paulo. 2a.ed., Campinas, Papyrus, 1987.

- "A educação e a saúde: visão histórica". In Ação participativa: perspectivas de atuação dos educadores de saúde pública. Brasília, Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1984.
- MELLO, B. Vieira de. A higiene na escola. São Paulo, Typographia do "Diário Oficial", 1902.
- NAGLE, Jorge. "A educação na Primeira República". In História Geral da civilização brasileira. 2a.ed., São Paulo-Rio de Janeiro, Difel, 1978, V.9, cap.7.
- NOVAES, Maria Dutilh. A puericultura em questão. São Paulo, USP, 1979. (diss.Mestrado)
- NUNES, Clarice. "A escola primária numa perspectiva histórica (DF/1922-1928)". In Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. 65 (151) (set/dez): 538-50, 1984.
- PONCE, Anibal. Educação e luta de classes. 6a.ed., São Paulo, Cortez, 1986.
- PRADO JR, Caio. História econômica do Brasil. 35a.ed., São Paulo, Brasiliense, 1987.
- RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- ROSEN, George. Da polícia médica à medicina social: ensaios sobre a história da assistência médica. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- ROUYER, Jacques. Pesquisas sobre o significado humano do desporto e dos tempos livres e problemas da história da educação física. In Desporto e desenvolvimento humano. Lisboa, Seara Nova, 1977, p.159-95.
- SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Educação Física. Legislação Básica (Federal e Estadual). São Paulo, SE/CENP, 1985, V.1.
- SCHAFF, Adam. História e verdade. 2a.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3a.ed., São Paulo, Brasiliense, 1989.
- A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- SINGER, Paul; CAMPOS, Oswaldo; e OLIVEIRA, Elizabeth M de. Prevenir e curar: o controle social através dos serviços de saúde. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981.

WARDE, Mirian Jorge. Liberalismo_e_Educação. São Paulo, PUC,
1984. (Tese-Doutoramento)